



JOVENS GRAFANDO RELAÇÕES
ENTRE IDOSOS E CIDADE PELA
CARTOGRAFIA COLABORATIVA
DIGITAL



JULIANA CARVALHO CARDOSO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**JOVENS GRAFANDO RELAÇÕES ENTRE IDOSOS E CIDADE
PELA CARTOGRAFIA COLABORATIVA DIGITAL**

JULIANA CARVALHO CARDOSO

PORTO ALEGRE, ABRIL DE 2017.

CIP - Catalogação na Publicação

Cardoso, Juliana Carvalho
JOVENS GRAFANDO RELAÇÕES ENTRE IDOSOS E CIDADE
PELA CARTOGRAFIA COLABORATIVA DIGITAL / Juliana
Cardoso. -- 2017.
171 f.

Orientadora: Ivaine Maria Tonini.
Coorientador: Rosa Elisabete Militz Wypczynski
Martins.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,
BR-RS, 2017.

1. Geografias. 2. Idosos. 3. Cidade de Porto
Alegre. 4. Cartografia Colaborativa Digital. 5.
Envelhecimento da População. I. Tonini, Ivaine Maria,
orient. II. Martins, Rosa Elisabete Militz
Wypczynski, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JULIANA CARVALHO CARDOSO

JOVENS GRAFANDO RELAÇÕES ENTRE IDOSOS E CIDADE
PELA CARTOGRAFIA COLABORATIVA DIGITAL

Orientadora: Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini

Coorientadora: Profa. Dra. Rosa Elisabete Militz Wypychynski Martins

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ana Cláudia Carvalho Giordani (UFF)

Profa. Dra. Roselane Zordan Costella (UFRGS)

Profa. Dra. Ruth Emilia Nogueira (UFSC)

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Geografia como
requisito parcial para o título de
Mestre em Geografia.

PORTO ALEGRE, ABRIL DE 2017.



No presente a mente, o corpo é diferente

E o passado é uma roupa que não nos serve mais.
Belchior (1976).

Foi-se o tempo em que nós dois
éramos a estrada
Você me dizia o que fazer
e eu não entendia nada, nada
Era fácil pra você
com sua roupa mal passada
Tão difícil pra mim, mas amava a estrada.

Foi-se o tempo em que nós dois
éramos perigo
Você se botava pra correr
e eu no meu quarto lendo livros
Era fácil pra você combater seus inimigos
Tão difícil pra mim que amava o perigo.

Foi-se o tempo em que nós dois
éramos teimosos
Você na cadeia contra as leis
e eu obedecendo a mãe com ódio
Era fácil pra você reviver seus episódios
Tão difícil pra mim bater pé e ossos.

Pra quem, pra quem vou contar?
Vai, vai, vai pode contar
Que eu gosto do seu lar, no seu lugar
Onde eu queria estar.

(VERAS, Phill)

Para ele que é metade de mim.
Para ele que sempre me desafiou.
Para ele, o melhor piloto em uma roda.
Para ele que sempre me fez sentir mais viva.
Para ele, o melhor irmão que alguém poderia ter.
Para ele que estará em mim "só enquanto eu respirar".
Para ele que sempre me fez sentir mais inteligente e mais forte do que realmente sou.

“Minha irmã é do Diabo... Cara, que guria do Diabo!”

Jeferson Cardoso.

AGRADECIMENTOS



Poeminho do Contra

Todos esses que aí estão
atravancando meu caminho,
Eles passarão,
Eu passarinho.
(QUINTANA, 1978)

Agradeço a todos que me ajudaram a remover pedras no caminho e me permitiram ser Passarinha...

À minha família que, mesmo com o coração apertado, permitiu que aos dezesseis anos a menina do interior rumasse à cidade grande em busca de conhecimento, sem nunca deixarem de ser porto seguro.

Às minhas Avós que me ensinam sobre a vida, sobre respeito, amor e convivência. Elas, mulheres fortes, que me mostram que o feminino é sagrado.

À Vó Inah, pela inspiração.

À população Brasileira, como um todo, que financiou minha Graduação e Mestrado já que meus passos foram trilhados pelos campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma vez que essa era minha única chance de conseguir ingressar no Ensino Superior. E, como bolsista no Mestrado, através da CAPES, muito tenho a agradecer.

Ao Instituto de Geociências, ao Programa de Pós Graduação em Geografia (POSGEA) e ao Programa de Pós Graduação em Educação (PPGEDU) que, através de Professores maravilhosos, me forneceram instrumentos para alçar voo.

Ao pessoal da linha de Ensino de Geografia pela convivência e trocas.

À minha Musa que, com seu All Star amarelo, sempre me mostrou que a simplicidade é o caminho mais apaixonante do conhecimento. À ela que, como uma rosa do ventos, te aponta direções mas te deixa livre para voar e voltar.

À minha Mini-Musa, Passarinha maior, que tem descoberto o mundo e construído ninhos por aí. Ela que nunca, em nenhum momento, abandonou seu bando. E nem a mim.

Ao Geo(in)definidos, por terem transformado um grupo de estudos em uma família, na vida e na luta: Aldo, Ana, Clarissa, Claudinha, Débora, Élide, Simone e Suzana... Vocês tem meu coração!

À Tartu, que em um abraço acolhedor em um momento sensível me fez não desistir da vida acadêmica. Ela que, por um tempo, me encorajou a seguir.

Ao colega Wagner Innocêncio Cardoso pela parceria de ontem, hoje e sempre, ao Professor Elon e ao grupo escolar do Instituto de Educação (IE) por me acolherem e permitirem que a pesquisa se tornasse realidade.

À Turma 312 - do ano de 2016 - e cada um dos seus dezenove integrantes pelos aprendizados, encontros, risadas e horas juntos. Obrigada pela subversão, e por toda emoção que vocês me fizeram passar: subir no mesmo palco em que me formei (Salão de Atos da UFRGS) sendo Professora Homenageada de vocês na cerimônia de formatura sem fazer parte do quadro oficial de Professores da Escola foi, realmente, muito a cara dessa Turma.

À Márcia Mariano Naimayer, divina Professora de Yoga, e seus colegas da CEGEB (SME) que me permitiram partilhar momentos com o Grupo de Yoga para Terceira Idade e à todas aquelas Senhoras e Senhores que me ensinaram sobre a vida: Dona Maria, Dona Lourdes, e tantas outras.

À minha família número dois, que agora só soma à número um: Inah, Ilma, Thaís e Anna Carolina. Elas que se transformaram em mais um porto seguro.

À Alemoa, pela paciência, pelo carinho e pela amorosidade nesses tempos tão difíceis em que ela resolveu segurar minha mão. "Agora já é!".

Aos meus amigos por serem quem são e por fazerem parte de mim.

Ao meu irmão Jeferson que me deu a honra de ter, por vinte e cinco anos, o melhor amigo e irmão que eu podia ter. Pelo o que me ensinou enquanto estive aqui e pelo o que me ensina pós rumar nessa estrada desconhecida por mim. Ele que, sagratiano como eu, sempre gostou de altas aventuras e aproveitou a vida como pode enquanto eu estudava.

RESUMO

JOVENS GRAFANDO RELAÇÕES ENTRE IDOSOS E CIDADE PELA CARTOGRAFIA COLABORATIVA DIGITAL

Com a intencionalidade de se colaborar com uma cartografia digital proposta, a pesquisa desenvolveu uma metodologia rizomática para se grafar as relações entre os Idosos e a cidade de Porto Alegre. Tal leitura-grafia foi construída pelos alunos do 3º Ano, Turma 312, do Ensino Médio do Instituto de Educação Flores da Cunha. A aprendizagem, baseada no estudo de demografia, conhecimento adquirido ao longo dos anos escolares na disciplina de Geografia, mas cujo estudo mais complexo se dá durante o ensino médio, através do estudo das populações – com ênfase na população brasileira – teve o estudo do envelhecimento da população como norteador da pesquisa. Para tal, aprofundamos os estudos, sob as lentes da Geografia e dos Estudos Culturais, para as transformações demográficas que acontecem a nível mundial, federal e estadual, discutindo questões políticas públicas, panoramas sociais e econômicos de os diferentes discursos que constroem múltiplas facetas sobre a terceira idade. Apontamos nosso olhar para o cotidiano da cidade de Porto Alegre e miramos nas questões de infraestrutura e acesso à cidade, ao lazer e à saúde da população Idosa. Perante a esse leque de possibilidades, acabamos por escolher, durante os percursos trilhados, aqueles caminhos que nos ofereceram sentido para a nossa cartografia das representações do envelhecer em Porto Alegre. Pretendeu-se com isso, além de abordar temas estudados em sala de aula, aproximar as gerações, observar os usos dos espaços na cidade de Porto Alegre e construir no jovem uma consciência dos problemas sociais decorrentes do envelhecimento da população brasileira, e os enfrentamentos que essa população tem seu cotidiano. Todas as informações sistematizadas, referentes à população idosa de cada cidade, construíram o que se denomina atualmente de Cartografia Colaborativa digital, onde, os dados e informações que coletamos ao longo da pesquisa serviram para compartilhar digitalmente e compor nossa colaboração na cartografia da página de internet “Mapeando o topo da pirâmide”.

Palavra-chave: Geografias, Idosos, Cidade de Porto Alegre, Cartografia Colaborativa Digital, Envelhecimento da População.

ABSTRACT

YOUNG REPRESENTING RELATIONSHIPS BETWEEN THE ELDERLY AND THEIR CITY THROUGH DIGITAL COLLABORATIVE CARTOGRAPHY

With the intentionality of collaborating on a proposed digital cartography, the research developed a rhizomatic methodology to describe relationships between the elderly and the city of Porto Alegre. This reading-graphic was built by students of the 3rd Year of high school, Class 312, of the Institute of Education Flores da Cunha. Learning, based on the study of demography, knowledge acquired during school years of the discipline of Geography, but whose more complex study is given at high school level, through the study of populations - with emphasis on the Brazilian population - being the population aging studies our research guide. In order to do so, we deepen the studies, under the lenses of Geography and Cultural Studies, into demographic transformations that take place at the world, federal and state levels, discussing public policy issues, social and economic scenarios of the different speeches that construct multiple facets about third Age. We turn our eyes to the daily life of the city of Porto Alegre and aim at the issues of infrastructure and access to the city, leisure and health of the elderly population. Under this range of possibilities, we ended up choosing, along the trails traveled, the paths that gave us meaning for our cartography of the representations of aging in Porto Alegre. It was intended, besides addressing topics studied in the classroom, to bring the generations closer together, to observe the uses of spaces in the city of Porto Alegre and to build in the young person an awareness of the social problems resulting from the aging of the Brazilian population, and the confrontations on which this population has its daily life. All the systematized information about the elderly population of each city built what is currently called Digital Collaborative Cartography, where the data and information we collected over the research served to digitally share and compose our collaboration in the cartography of the website "Mapeando o topo da Pirâmide" (Mapping the top of the pyramid).

Keyword: Geographies, Elderly, City of Porto Alegre, Digital Collaborative Cartography, Population Aging.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mário Quintana e a cidade	23
Figura 2 - Estrutura rizomática	25
Figura 3 - Esquema rizomático da pesquisa	576
Figura 4 - Caminhos percorridos	61
Figura 5 - Mario Quintana, passos que trilham caminhos	64
Figura 6 - Pesquisas sobre idosos economicamente ativos.....	887
Figura 7 - Roda de conversa com Dona Lourdes.....	99
Figura 8 - Aluno morador do bairro Centro (à direita) realizando o planejamento do trajeto com colega morador de outro bairro ...	11110
Figura 9 - Construção coletiva do questionário de entrevistas	111
Figura 10 - Turma 312 reunida e preparada para o estudo de campo	113
Figura 11 - Grupo de alunos com o Professor responsável, em deslocamento entre a escola e o bairro Centro	1154
Figura 12 - Idosos entrevistados em campo.....	1176
Figura 13 - Aluno entrevistando e coletando informações sobre os pontos positivos e negativos da cidade no que diz respeito ao lazer para população Idosa	1187
Figura 14 - Idosa se depara com a escada rolante parada	1198
Figura 15 – Idosa atravessa a rua em local proibido.....	1198
Figura 16 - Imagens do vídeo de entrevista realizado com um dos Idosos..	1209
Figura 17 - Apontamentos do caminho percorrido durante o campo no Bairro Rio Branco e os pontos positivos e negativos percebidos	1254
Figura 18 - Problemas de infraestrutura na cidade constatado pela aluna durante o campo	1265
Figura 19 - Escadaria em uma calçada do bairro Rio Branco	1276
Figura 20 - Dificuldade na utilização do transporte pública pela população Idosa	1287

Figura 21 - Idosa que a partir de uma queda, só pode utilizar Táxi para deslocamento	1309
Figura 22 - Idoso carregando suas compras no supermercado utilizando a ciclovia, pois na calçada havia uma escadaria.....	13231
Figura 23 - Idosa carregando compras com carrinho de supermercado, na calçada esburacada	132
Figura 24 - Parque Marinha do Brasil: um espaço público como alternativa de lazer.....	1354
Figura 25 - Idosos, na Câmara Municipal, na luta contra a extinção da SME que é uma alternativa de lazer e esporte gratuito para essa população.....	1365
Figura 26 - Mapas mentais construído pelos alunos utilizando como base o Google Earth. Bairros Bom Fim e Cidade Baixa	1387
Figura 27 - Mapas mentais construído pelos alunos utilizando como base o Google Earth. Bairros Menino Deus e Rio Branco	1398
Figura 28 - Mapas mentais construído pelos alunos utilizando como base o Google Earth. Bairro Centro	1398
Figura 29 - Encontro com as representantes da Associação dos Ex-Alunos do IE.....	
Erro! Indicador não definido.47	
Figura 30 - Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Bom Fim.....	148
Figura 31 - Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Cidade Baixa.....	149
Figura 32 - Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Centro	149
Figura 33 - Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Menino Deus	150
Figura 34 - Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Rio Branco	150
Figura 35 - Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, visão panorâmica dos Bairros.....	151
Figura 36 - Velhice.....	152

Figura 37 - Antes de eu morrer quero	157
--	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Projeção da população mundial 1950-2050.	30
Gráfico 2 - Evolução da proporção de Idosos e mais Idosos na população brasileira por sexo – 1920-2020	387
Gráfico 3 - Percentual da população por faixa etária	398
Gráfico 4 - Pirâmide etária brasileira 2010	710
Gráfico 5 - Pirâmide etária brasileira 1980	70
Gráfico 6 - Pirâmide etária do Brasil em 2060.....	710
Gráfico 7 - Participação das pessoas com 50 anos ou mais no total da população em idade ativa (PIA) – 2010 (%)	865
Gráfico 8 - Participação das pessoas ocupadas com 50 anos ou mais no total de pessoas ocupadas, segundo o sexo, nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 (%)	876
Gráfico 9 - Porto Alegre: Os 10 bairros mais idosos	1076

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos idosos pesquisados segundo a sua renda individual mensal - 1995.....	743
Tabela 2 - Distribuição da população ocupada por grupos de idade no Brasil	898
Tabela 3 - População total de idosos, valor absoluto e percentual, POA, RS e Brasil - 1991, 2000 e 2010	1065
Tabela 4 - Índice de envelhecimento da população, por sexo e total, POA, RS e Brasil - 2000 e 2010	1065

SUMÁRIO

1 AS INQUIETUDES	16
2 ENTRANDO EM CENA	223
3 AJUSTANDO O FOCO	27
3.1 O mundo envelhece – Capítulos dessa Geografia	309
3.2 O Ser Idoso – O tempo é um ponto de vista	334
3.3 Todos são nossos – Panorama do envelhecer brasileiro.....	387
3.4 Modos de Ser – Estamos na cidade e a cidade em nós	432
3.5 Modos de fazer acontecer - Cartografia Colaborativa Digital	487
4 UM CALDEIRÃO DE IDEIAS – A ALQUIMIA METODOLÓGICA.....	543
5 METODOLOGIA RIZOMÁTICA DE ENSINO SOBRE IDOSOS.....	62
5.1 Escala	64
5.2 Facetas - Estudos Culturais	74
5.3 Cidade de Porto Alegre.....	99
5.4 Campo	108
5.5 Cartografia colaborativa digital.....	121
6 SOBRE FINITUDES	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	154
ANEXOS	164

1 AS INQUIETUDES

E, então, em algum momento da vida, todos nós, estudiosos da educação, nos deparamos com uma realidade muitas vezes desconfortante e que não se encaixa com aquilo que gostaríamos de encontrar no sistema educacional brasileiro. Essa realidade vai confrontar nossa necessária utopia (KAERCHER, 2014) docente, abalar nossas estruturas acadêmicas e traçar caminhos até então desconhecidos por nós. É nos meandros desses novos caminhos que devemos navegar, nos permitir, afinal, são os ventos das nossas inquietações que nos levam para algum lugar.

Somos todos sujeitos que constituímos e somos constituídos nas múltiplas relações sociais e culturais, traçando caminhos infinitos e tecendo uma teia onde todos nós estamos, de alguma forma, presos. Observar os infinitos caminhos, as diferentes representações nos tempos e nos espaços, olhar para as conexões fazem de cada um de nós sujeitos ativos nessa teia de relações. Sendo assim, já se torna dispensável, no campo da educação, dizer que as diversas questões externas à escola se refletem dentro da sala de aula, pois essa se trata de uma premissa básica no ambiente a escolar.

O professor, que há muito deixou de ser a única fonte de informações, passou a ser uma fonte de conexões, em que indica possibilidades para a realização de buscas, além de fazer as mediações entre descobertas e falas (GOULART, 2011). É o professor sendo concebido como um mediador de mundos: o do aluno, o da escola, o da universidade, o do sistema educacional, o da teia sociocultural nos diferentes espaços. O professor visto pelo prisma do agenciador de significações.

Trata-se, então, de um universo de possibilidades que precisam se encaixar a um currículo, a uma forma, um parâmetro. Os sujeitos presentes na sala de aula constituam-se de um quebra-cabeça que precisa ser lido, interpretado e cuidadosamente montado. É no imergir nas profundezas das questões que cercam a escola, a sala de aula e os sujeitos escolares que nos

deparamos com essas provações que vão cutucar nossas verdades, disparar nossas inquietações e nos movimentar em direção a soluções enquanto docentes.

Seja como for, cada um de nós acaba por buscar respostas nos diversos campos interdisciplinares que nos cercam cotidianamente, naquilo que pode nos apontar se não uma saída, ao menos um caminho, seja ele na teoria, na prática ou na sobreposição de ambas. Sendo a teoria uma interpretação da realidade, essa se transforma, ao passo que a prática acontece. Uma vez que a prática acontece, ela revê a teoria. Sabemos, também, que a prática - dada no campo do real-, é um processo importante na análise e na construção/desconstrução do pensamento reflexivo de uma teoria. É nesse processo reflexivo em que se dá a práxis, o tão esperado diálogo da universidade com a escola.

E quando há uma lacuna a ser preenchida entre a teoria e a prática? Ao entrarmos em um curso da licenciatura – seja ela qual for – nos deparamos com algo complexo e muito discutido: a escola que gostaríamos de ter *versus* a escola que temos. E, então, mergulha-se em diversos textos e teóricos a procura de uma abordagem de ensino que colabore no suporte das aulas a serem ministradas, metodologias, construção de conhecimento, planejamento de aulas, compreensão da gestão pedagógica, aspectos sociais que envolvem a escola, o aluno e o professor. Enfim, há uma busca incessante, durante a caminhada acadêmica, para a construção do teu fazer e agir pedagógico. Uma busca para se aproximar o máximo possível daquilo que tu acreditas ser um bom profissional, e, no nosso caso, um “bom professor”.

Ao longo da academia, com ajuda dos autores do ensino de Geografia como Callai, Castrogiovanni, Cavalcanti, Goulart, Kaercher, Tonini e outros tantos, compreendemos, no entanto, que não há se quer uma resposta certa e, muito menos, uma espécie de “receita pronta” para esse nosso maior questionamento, aquele que surge ainda durante os primeiros semestres: “como ser um bom professor?”. Sua resposta está intrínseca às individualidades, subjetividades e na longa caminhada pessoal, acadêmica e profissional de cada um de nós, já que o professor é um profissional

confrontado pela necessidade de ultrapassar sua formação inicial (CAVALCANTI, 2005).

É deslizando sob minha própria tentativa na construção do meu agir docente que encontrei minhas inquietudes: O que representa a escola no presente contexto social? Quais são as verdades hegemônicas do nosso tempo e no meio acadêmico? Qual é a condição da escola atual? Até onde o currículo nos dá asas e nos prende? Quem são esses alunos que encontrarei entre as quatro paredes da sala de aula? Qual meu papel como profissional no ensino de Geografia? Essas questões que se deram como tensões e continuam acontecendo ao passo que me aprofundo no ambiente escolar.

Minhas inquietações iniciaram-se na graduação, ainda nos primeiros contatos com a escola durante observações de práticas de sala de aula no ensino de Geografia para a então disciplina *Preparação à Docência em Geografia: Estudo de Caso para Gestão Pedagógica*, passando pelos *Estágios Obrigatórios I e II* e perdura até os dias atuais quando me vejo com os pés ora na escola, ora na universidade, ora nos espaços da cidade e procurando fazer com que ambos dialoguem sem deixar de acreditar que isso, de fato, possa acontecer.

Concordamos que o pensamento é amplo, o conhecimento também. Então, percebo que há algumas dicotomias a serem repensadas tais como escola *versus* múltiplas relações sociais, universidade *versus* verdades, teorias *versus* práticas. É nesse engodo de discursos e práticas que nos atravessam que me deparo, cada vez mais, com a utópica e necessária tentativa de ser uma boa profissional no ensino de Geografia: sempre buscando aprofundar conhecimentos para os variados questionamentos que surgem pelo caminho, tanto pelas diferentes situações que me atravessam quanto pelo enfrentamento com a Geografia Escolar, com os alunos e sua forma de aprendizagem, e as diversas temáticas que acabam surgindo durante as aulas de Geografia.

Para boa parte dos estudiosos em ensino de Geografia, é através dessa disciplina que o aluno busca compreender melhor o espaço em que vive e suas relações. Perceber como é o lugar, qual a sua conexão com o mundo. Sendo assim, é o ensino da Geografia que atua como colaborador na construção dos

mais variados saberes e percepções do cotidiano: fazendo com que o aluno se perceba constituído e constituinte da nossa existência, nossa identidade e nossas relações se dão através do espaço (CALLAI, 2003).

É nesse sentido que percebo entre os educadores e pensadores de Geografia uma vontade coletiva de superar o ensino de uma Geografia teórica e memorística e um desejo de se construir uma Geografia que não se centra apenas nos conteúdos, mas que considere o aluno como um sujeito possuidor de conhecimentos prévios e que é, também, sujeito ativo no processo de construção de saberes (CAVALCANTI, 2013).

É olhando para o aluno que pretendo, ao longo da pesquisa acadêmica (e da vida profissional), observar, refletir e discutir as diferentes significações que vamos tecendo juntos, a cada conteúdo abordado, em cada aula de Geografia sem esquecer que a nossa disciplina acontece diariamente, também, fora da escola. Muitas vezes, durante o ano escolar, somos engolidos pela correria das tarefas, pela normatização instituída através dos programas e políticas da educação, e pelos poucos períodos que nossa disciplina ocupa na grade curricular. Esses aspectos já foram apontados como percalços da Geografia escolar e nos resta a tentativa de viabilizar mudanças necessárias e lutar para um fazer geográfico muito além das paredes da escola, mostrando para os alunos que suas histórias, seus saberes e sua cultura contribuem para o desenvolvimento nas aulas de Geografia, pois são saberes construídos na prática cotidiana.

Quando caminho pela cidade, faço Geografia. Quando observo o vai e vem das pessoas, as variadas relações que se tecem nos diferentes espaços, faço Geografia. Quando olho para os acontecimentos que estão ao meu redor, os discursos que me atravessam e analiso a cidade, estou refletindo através das lentes do que me é conhecido e, nesse sentido, estou fazendo Geografia. Todos nós fazemos Geografia, pois somos sujeitos ativos nessa trama sociológica onde, ao ocupar os espaços, nos relacionamos com diferentes sujeitos. Olhar para cada um que percorre esses espaços está longe de ser uma tarefa fácil, mas pode estar mais próximo de nós do que imaginamos.

Observar as pessoas no vai e vem das calçadas é uma tarefa prazerosa realizada no silêncio da reflexão. O movimento, os compassos e os ruídos de cada um formam um ambiente único, em um curto espaço de tempo e nos atravessam como se nos convidassem para participar dessa dança, mesmo nós estando como um mero espectador atrás de uma janela. Gostar de ficar através da janela observando essa trama de relações talvez me tenha sido herdado pela minha Avó. *“As pessoas possuem rastros e, na medida que caminham por aí, esses rastros vão se somando e se sobrepondo um sobre os outros. Muitas vezes, encontramos alguém no meio da vida sem ao menos entender que o nosso rastro já cruzou com o dela no início da nossa vida”*. Essa, que lindamente chamei de ‘teoria dos rastros’, é apenas mais uma das inúmeras reflexões filosóficas aprendidas com aquele ser de 94 anos que ocupa uma poltrona¹ perto da janela da sala para assim poder viver a cidade que já não a abraça mais.

Por vezes, me vi sendo observante da observadora. A vendo ali, cabelos brancos refletido pela luz solar que adentra a janela, num balançar suave do corpo na poltrona, olhando para fora como se fosse um programa de televisão. Não há apontamentos da vida alheia, há apenas reflexões do vai e vem apressado das pessoas. O silêncio da sala é invadido pelas buzinas, pelas frases aleatórias expressadas pelas pessoas quando passam, em um curto espaço de tempo, pelo espaço da janela. *“Vó, quer ir para rua?”*, interrogo na tentativa de colocá-la nessa trama que parece que já não faz mais parte do seu viver. E talvez não faça mesmo, pois, do alto da sua sabedoria, entre um balançar e outro, vagorosamente ela responde: *“Não, minha filha. A rua já não é mais para mim.”*

Desconforto-me. Desconforto-me como Juliana, a neta, desconforto-me como geógrafa, esse ser que aprendeu a refletir sobre o espaço geográfico. Desconforto-me ao me deparar com a triste realidade de que, contrariando alguns ditos, os espaços não são para todos. As ruas não são para todos. E

¹ A poltrona, como pode ser vista na foto que compõe a epígrafe dessa qualificação, fica posicionada em um lugar estabelecido por ela, próximo à janela e é onde ela mantém contato visual com o vai e vem da cidade.

parece que o viver, esse com sorrisos, felicidade e qualidade de vida também não é para todos. E não é. A gente sabe.

Olhando para meu íntimo, observando o que está ao meu redor e levando em consideração as observações desse ser de cabelos cor de nuvem que não possui nem o ensino fundamental completo, mas cuja sabedoria é inquestionável, minha inquietude, enquanto profissional do ensino de Geografia, passou a se dar nas seguintes questões: onde é o lugar dos Idosos dentro da escola? Em que momento discutimos sobre essa parcela da sociedade na sala de aula? Os Idosos são invisíveis para outros segmentos da população, como os jovens ou não? Durante essa minha caminhada de investigação, chegou até mim um convite para fazer parte projeto *Brasil um país que envelhece?! Saberes e fazeres da Geografia na construção da cidadania*², desenvolvido numa parceria entre o curso de Geografia da FAED/UDESC e a UFSC, que tem como objetivo desenvolver uma metodologia para o ensino aprendizagem de Geografia utilizando conjuntamente as tecnologias digitais, a cartografia colaborativa e a cartografia escolar para abordar o tema do envelhecimento da população brasileira no espaço urbano. Este projeto foi aprovado pela Chamada Pública: UNIVERSAL MCTI/CNPq 014/2013. Para o desenvolvimento do projeto, foram selecionadas quatro cidades brasileiras: Florianópolis, Porto Alegre, João Pessoa e São João Del Rei (MG). Em Porto Alegre, sob coordenação da Professora Ivaine Maria Tonini que, conhecendo meus caminhos de pesquisa, fez o convite de participação. Resolvi abraçar esse projeto e trabalhar essas questões que, embora sejam pertinentes, muitas vezes passam despercebidas pelos conteúdos dados pela Geografia.

Nesse contexto, emerge para pesquisa, como intenção metodológica, propor uma cartografia colaborativa digital, para entender como os alunos, do Ensino Médio do Instituto de Educação, constroem leituras-grafias sobre a população Idosa na cidade de Porto Alegre.

Para tal, aprofundamos os estudos, sob as lentes da Geografia e dos Estudos Culturais, para as transformações demográficas que acontecem a

² Coordenado pela Profa. Dra. Ruthe Nogueira e com auxílio financeiro da Capes.

nível mundial, federal e estadual, discutindo questões políticas públicas, panoramas sociais e econômicos de os diferentes discursos que constroem múltiplas facetas sobre a terceira idade.

Apontamos nosso olhar para o cotidiano da cidade de Porto Alegre e miramos nas questões de infraestrutura e acesso à cidade, ao lazer e à saúde da população Idosa. Perante a esse leque de possibilidades, acabamos por escolher, durante os percursos trilhados, aqueles caminhos que nos ofereceram sentido para a nossa cartografia das representações do envelhecer em Porto Alegre, cidade esta que se condecora como *Cidade Amiga dos Idosos*.

2 ENTRANDO EM CENA

Figura 1 - Mário Quintana e a cidade



Fonte: A prancheta do Guerreiro

*Olho o mapa da cidade
como quem examinasse
a anatomia de um corpo...
(é nem que fosse o meu corpo!)*

*Sinto uma dor infinita
das ruas de Porto Alegre
onde jamais passarei...*

*Há tanta esquina esquisita,
tantas nuances de paredes,
há tanta senhora bonita
nas ruas onde não andei
(e há uma rua encantada
que nem em sonhos sonhei...)*

[...]

Mário Quintana

Como poetiza Quintana, a cidade é aquela dos percursos e espaços cotidianos, do vai e vem dos sujeitos que a compõe e são compostos dela. Muitas vezes, assim como ele, caminhei pela cidade para me perder. Me perder pelas ruas, me perder pelas janelas, me perder nas pessoas. Me perder para descobrir. Me perder para me achar. Me perder e assim perceber que estamos emaranhados em uma teia de diversidade de pessoas e atividades, formando um imenso universo de trocas cotidianas em seus diferentes espaços. Olhar para a cidade é olhar para um organismo vivo, latente, pulsante, um verdadeiro caldeirão de interações sociais, políticas, econômicas e culturais. Essas interações transformam a cidade em uma rede tecida por diferentes fluxos, forças e movimentos e que permitem a composição de

diferentes paisagens e lugares. Um dos fios dessa rede é a população e os mais variados sujeitos urbanos que esticam, torcem e contraem essa rede de acordo com seus poderes e visibilidades. Alguns são colocados na invisibilidade por diferentes fatores e interesses intrínsecos que permeiam essas complexas relações sociais. Neste contexto, percebemos que os Idosos acabam por ocupar um papel periférico na organização funcional da população e da sociedade.

Portanto, a investigação se propôs a refletir sobre nossos estudos de demografia, abordando, através do ensino de Geografia, o envelhecimento da população brasileira e os discursos que permeiam essa temática. Para isso, foram utilizados conjuntamente os conceitos de rizoma, discursos sociais e cartografia colaborativa, com intuito de construir um mapeamento colaborativo digital, que abordaram o tema do envelhecer, qualidade de vida e acesso social e espacial da terceira idade na cidade de Porto Alegre.

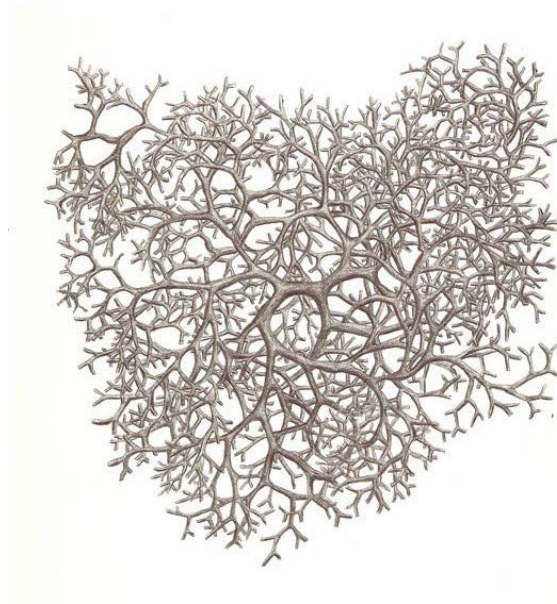
Nesse sentido, o que norteou o olhar da pesquisa foi esse objeto complexo: o envelhecer na cidade. Complexo porque se trata da finitude humana, com base em objetos, sujeitos, saberes, discursos, práticas, vivências, experiências que se inscrevem em diferentes planos conectados entre si em que precisamos ter a compreensão do tempo e do espaço para entender esses novos modos de ver e vivenciar o mundo contemporâneo, pois a aceleração do ritmo de vida e a ampliação dos espaços sociais também afetam a velhice (CORREA 2009). Para melhor explorar os diversos caminhos que o envelhecer poderia nos levar, escolhi percorrer aquele que o olhar do aluno nos guiou. Sendo assim, a reflexão e discussão do envelhecimento estão baseadas na análise das pirâmides etárias, abordagem conhecida nos estudos de demografia, conhecimento adquirido ao longo dos anos escolares na disciplina de Geografia, mas cujo estudo mais complexo se dá, normalmente, no segundo ano do ensino médio.

Pretendeu-se com isso, além de abordar temas estudados em sala de aula, verificar sob quais condições os alunos olham para os idosos, quais são os objetos que afastam ou aproximam as gerações, como se dá o uso dos espaços na cidade de Porto Alegre pelo idoso e quais são os enfrentamentos

que essa população tem seu cotidiano. Nesse sentido, a linha experimental do método de estudo é baseada no conceito de rizoma de Deleuze e Guatarri, que representa a metáfora da estrutura do conhecimento por eles compreendida e que contrapõe a forma cartesiana do pensamento, cuja estrutura está embasada na razão vinda de uma lógica Iluminista e do qual os presentes currículos escolares estão baseados.

Entender a educação na perspectiva rizomática, seja na escola ou na universidade, como um campo de construção de conhecimento requer, sobretudo, a compreensão de que existem diversas formas de conhecimento, e que elas dialogam entre si dentro de contextos históricos e sociais. Deleuze e Guattari (1995) concebem o sujeito como sendo formado pelo atravessamento das diversas instâncias que compõem a sociedade, conforme a figura 1. Instâncias essas que são construídas histórica e culturalmente pelo próprio sujeito

Figura 2 - Estrutura rizomática



Fonte: TONETTO, 2013.

A Geografia que, por sua vez, busca estudar o espaço produzido pelo homem e acredita na transformação do ensino em direção a uma Geografia escolar educadora que faça com que o aluno “se perceba como participante do

espaço em que vive e estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos em um processo de desenvolvimento” (CALLAI 2003). Nesse aspecto, a Geografia imbrica-se com a Filosofia e com a Sociologia no que concebe como a construção do sujeito social já que, para a autora, perceber como é o espaço e qual a sua conexão com o mundo é uma atribuição do ensino da Geografia: *mostrar ao aluno que nossa existência, nossa identidade e nossas relações se dão através do espaço* (CALLAI, 2003).

A leitura de mundo, segundo a autora, não deverá ser realizada com informações sem sentido, mas na interação dos sujeitos entre si e com os ambientes em que vivem - real ou virtualmente. Desse modo, rompe-se com a ideia de subjetividade constituída a partir da interioridade do sujeito. Mesmo a caracterização do que é interno e externo ao sujeito se desfaz, perde sentido. O individual se situa agora na esfera das construções sociais, em que o sujeito absorve aquilo que é socialmente produzido na ordem das significações.

Considerando o aluno, sabe-se que ele é um sujeito social, agente do processo de produção e reprodução do espaço urbano (CAVALCANTI, 2012). Sendo assim, a construção da sua cidadania se dá, neste caso, além das paredes da escola. A partir do momento em que se apropria dos espaços e na forma com que se relaciona com a cidade, ruas do bairro e seus lugares, esse jovem aluno está construindo conhecimentos geográficos, sob diversas perspectivas. A partir destas reflexões, pode-se afirmar que é através da percepção que se constrói o conhecimento do espaço adjacente e organiza outro, individualizado.

Nesse sentido, a pesquisa direcionou-se a entender como o aluno concebe os Idosos nos espaços públicos de Porto Alegre e como ele encontra - se é que encontra- essa temática dos Idosos dentro da sala de aula, na disciplina de Geografia. O que motivou a pesquisa foi a vontade de perceber como os discursos contemporâneos sobre a população mais velha formam uma imagem, muitas vezes distorcida, para quem ainda percorre os corredores das instituições escolares.

3 AJUSTANDO O FOCO

*Nossa herança nos foi deixada sem
nenhum testamento.
Hannah Arendt, 1972*

É com essa epígrafe que Hannah Arendt dá início ao texto *Entre o passado e o futuro* (1972) em que conversa sobre as experiências e os legados sociais e culturais que uma geração deixa para outra. Segundo ela, nenhum indivíduo deve ser compreendido fora da perspectiva cultural em que se constitui e esses legados são guias imprescindíveis para que cada um de nós seja capaz de posicionar-se no presente como sujeito da história. Mas, para isso, é necessário que as gerações imprimam na história seus feitos, dando sentido a eles e os deixando através de marcas ao longo dos anos.

Viajar nas marcas de uma sociedade é viajar nas marcas que uma sociedade mais velha nos deixa. Forma-se, assim, uma heterogeneidade nas vivências das variadas gerações e as relações intergeracionais acabam por se redesenhar a cada nova transformação cultural e social que se apresenta ao longo dos anos. A cada transformação, novos panoramas, paradigmas e olhares são tecidos.

O século XX apresentou-nos um panorama até então desconhecido: o envelhecimento da população e, como todo desconhecido, urge a necessidade de se refletir essa nova mudança social. A estrutura etária da população mundial vem mudando nos últimos anos devido ao aumento da expectativa de vida, da diminuição das taxas de mortalidade e natalidade e por mudanças no contexto social que contribuíram para a longevidade da população.

Após a Segunda Guerra Mundial, segundo Veras (2007), as taxas de mortalidade começaram a cair: a difusão de novos medicamentos, a vacinação em massa e o controle crescente sobre as epidemias tiveram consequências positivas e ajudaram a diminuir o número de mortes. Além disso, os novos

hábitos de higiene pessoal e pública, que passaram a fazer parte do cotidiano das cidades, contribuíram bastante para a melhoria das condições sanitárias, limitando a proliferação de epidemias.

Esse conjunto de inovações no campo da prevenção e da cura de doenças endêmicas ficou conhecido como Revolução Médico-Sanitária, que atingiu seu apogeu na década de 60. Maior produção e acesso a medicamentos, métodos contraceptivos, investimentos na área médica, biomedicina e biotecnologia foram fatores fundamentais para aumento da expectativa de vida da população.

Atrelado a isso, fatores e movimentos sociais, tais como o aumento do número de pessoas na área urbana, o que facilita acesso à assistência médica, saneamento básico, acesso ao mercado de trabalho e aumento da renda média familiar contribuem na longevidade da população (JACOB, 1988).

Mas isso não significa que a população esteja vivendo melhor. Muitas vezes, apenas estão vivendo mais. O envelhecimento da população apresenta desafios para a sociedade, uma vez que se criam demandas de ordem política, social, econômica, educacional e de saúde: não tem jeito, precisamos olhar para os velhos³, esses que caminham devagar e parecem não ter pressa.

Criou-se, então, um paradigma: dentro de uma mesma sociedade, é permitida a população que essa viva mais, embora, frequentemente, a esse envelhecimento não seja dado o auxílio de teor político, moral ou psicológico necessário para que o envelhecer seja uma fase mais tranquila na trajetória da vida humana.

Perante a necessidade de se discutir o envelhecer devido às novas demandas que esse processo acaba por gerar, diferentes olhares são lançados aos que possuem espaço na dita Terceira Idade, afinal, experimentar a finitude humana no corpo é algo único frente aos valores do contemporâneo que acaba por destinar aos Idosos um lugar social estereotipado. Tais valores quase sempre se colocam na contramão do papel real dos idosos na conjuntura atual

³ O termo *velhos* aqui utilizado é provocador, pois ele ainda é carregado de um sentido pejorativo historicamente ligado a representações negativas como feio e mau (que aparecem nas histórias infantis – magos, bruxas e madrastas). Hoje, utilizamos o termo *idoso*, em substituição ao termo *velho* embora essa parcela da população continue sendo concebida como seres inativos e improdutivos (FEATHERSTONE, 1998).

da sociedade, uma vez que acabam criando o mito de que o processo de envelhecimento é um problema social (MINAYO, 2011).

É comum que cresça em nós, segundo Minayo (2001), uma imagem sobre a pessoa idosa que esteja ligada a uma imagem negativa do envelhecimento, pois essa é a visão que se mantém e se reproduz no imaginário social: a ideia de que a pessoa vale o quanto produz e o quanto ganha. A ideologia do descarte é típica e muito relevante na sociedade ocidental contemporânea (BAUMAN, 2007). Dessa forma, os Idosos que se encontram fora do mercado do trabalho, vivendo com aposentadoria ou em dependência financeira dos filhos ou do Estado seriam peso morto e inútil.

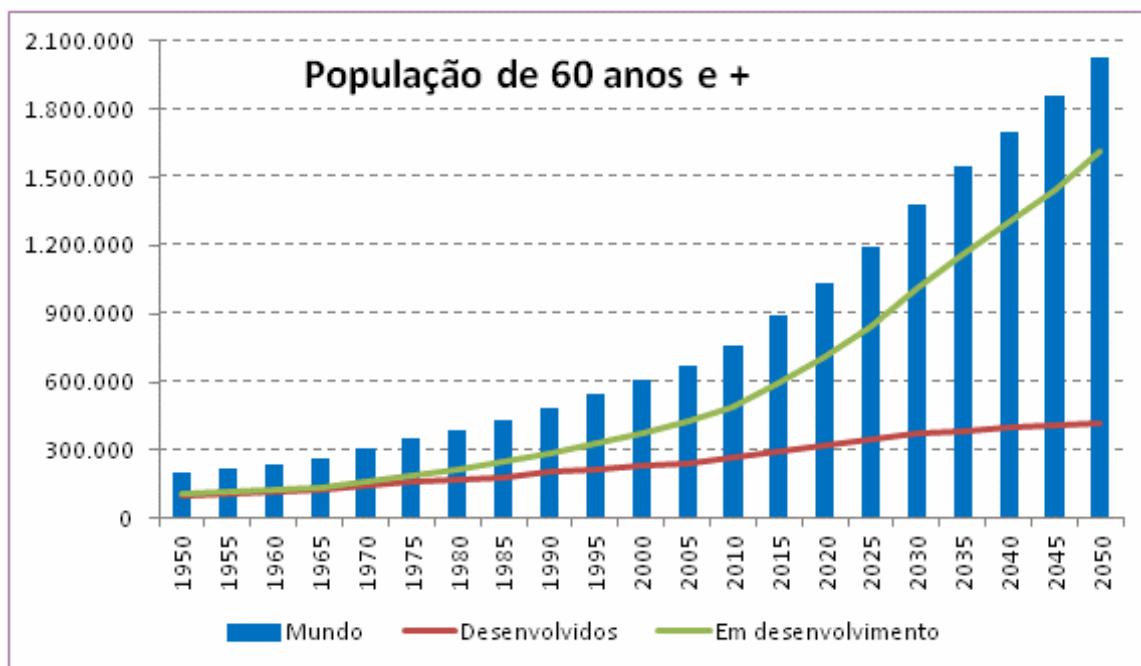
Mas existe a possibilidade de mudarmos essa imagem? Como podemos perceber, as questões relacionadas à velhice vão além do processo natural e biológico de envelhecer e estão presentes na rede de discursos que são socialmente construídos. Em nossa sociedade, com os tempos cada vez mais acelerados, as conexões entre as vidas pessoais de gerações que se diferem se distanciam fazendo com que os jovens cada vez mais se desvinculem dos Idosos (BALTES, 2006). Esse cenário possibilita o fortalecimento dos mitos que são gerados através dessas redes de discursos. No entanto, é necessário o debate para que essas imagens sejam repensadas e reconstruídas uma vez que envelhecer é um processo heterogêneo, que ocorre de forma diferente para cada indivíduo.

Sendo assim, as trocas intergeracionais, citadas por Arendt (1972), não devem ser limitadas à família e nem mesmo restrita às preocupações dos programas e políticas governamentais, mas devem ser expandidas às instituições privadas e a outras representações da sociedade, como, por exemplo, a escola.

3.1 O mundo envelhece – Capítulos dessa Geografia

O mundo está mais velho, é o que nos mostram as estatísticas populacionais. O ritmo do aumento da população idosa acelerou a partir dos anos 80. Segundo projeções mostradas pela Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 2050, se comparado com o ano de 2015, a população idosa irá praticamente dobrar. A estrutura das pirâmides etárias dos países estão se modificando e, daqui poucas décadas, haverá um alargamento no topo da pirâmide de boa parte dos países. Podemos observar no gráfico a seguir que, além da evolução da população idosa em âmbito mundial, o número de idosos em 2050 será significativo principalmente nos países ditos em desenvolvimento. Nos países ditos desenvolvidos, já é significativo o número da população com mais de 65 anos. Não podemos esquecer que, a população economicamente ativa (PEA), ou seja, aquela que produz riquezas, é composta por adultos (de 20 a 59 anos). É essa população que, pagando impostos, transfere parte de sua renda para o Estado e sustenta a economia nacional. Uma grande porcentagem de “inativos” na população total pode causar problemas para essa economia. Entretanto, a elevada porcentagem de Idosos na população total gera demandas por investimentos demográficos como aposentadorias, programas de assistência e de saúde e que acabam por onerar as contas públicas (MOREIRA, 2012; TERRA, 2010; MORAES, 2005; GUERINO, 2010; JOIA, 2013; ADAS, 2011)

Gráfico 1- Projeção da população mundial 1950-2050.



Fonte: MOREIRA, 2012

O parágrafo e o Gráfico anterior se constituem de um enunciado⁴ sobre envelhecimento da população, inserida no capítulo sobre estudos da população, nos livros didáticos de Geografia do Ensino Médio⁵. Na nossa disciplina escolar, a Geografia, a temática do Idoso está diluída por essas páginas, entre projeções baseadas em estatísticas que surgem como resultado de um montante de dados e a premissa de que o mundo está a envelhecer. Mas os Idosos só aparecem inseridos em gráficos sobre o envelhecimento da população nos livros didáticos de Geografia?

Não, os Idosos não aparecem apenas nos gráficos. Eles aparecem, também, em poucas imagens. Nestas, está estampada uma representação de

⁴ O parágrafo constitui-se de uma bricolagem de frases referente à população Idosa encontradas nos livros didáticos de Geografia do Ensino Médio.

⁵ Os livros didáticos consultados foram: MOREIRA, João Carlos; SENE, Eustáquio de. Geografia para o Ensino Médio. Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2012. TERRA, Lygia; GUIMARÃES, Raul Borges; ARAÚJO, Regina. Conexões: estudos de Geografia Geral e do Brasil. 2 ed., São Paulo: Moderna, 2010. MORAES, Paulo Roberto. Geografia Geral e do Brasil. 3 ed., São Paulo: HARBRA, 2005. GUERINO, Luiza Angélica. A dinâmica do espaço mundial. Curitiba: Positivo, 2010. JOIA, Antonio Luís. Geografia: leituras e interação – Volume Único. São Paulo: Leya, 2013. ADAS, Melhem; ADAS, Sérgio. Expedições Geográficas. São Paulo: Moderna, 2011.

uma Terceira Idade satisfatória, com Idosos brancos, pertencentes à subdivisão “jovens idosos” (DEBERT, 2014), ora com um sorriso por estarem em atividade em um grupo da mesma idade, ora por estarem entre os mais jovens. Como nos alerta Tonini (2013), as imagens no livro didático reforçam a memória visual dos estudantes uma vez que são consideradas veículos dos significados e das mensagens simbólicas produzidas discursivamente. Com isso, as imagens se fazem pedagógicas por trazerem os significados ali inscritos. O estudante, quando entra em contato com o Idoso em outros locais e outros momentos, aquele primeiro significado trazido na imagem do livro aciona sua memória e o coloca na direção da naturalidade dos posicionamentos a eles destinados.

Normalmente, ao lado da imagem, há uma caixa de texto tipificando essa faixa etária, versando sobre o aumento e envelhecimento da população e conceituando expectativa de vida. São raras as vezes que o livro didático aborda o Estatuto do Idoso, embora o documento das *Diretrizes Curriculares da Educação Básica* de 2013 agregue à LDB a complementação da Lei nº 10.741/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, onde, no seu artigo 22, determina que

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal, serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (2003).

Assim, a LDB sugere que as escolas ofereçam práticas escolares que contemplem a integração de gerações, através de reflexões sobre o direito dos Idosos, baseado, primordialmente, no Estatuto do Idoso. Dessa forma, o movimento se daria em facilitar a tolerância, aproximar as gerações e, principalmente, formar cidadãos sensíveis aos Direitos dos Idosos constituindo-se, esse, de mais um elemento que contribua na formação da cidadania no aluno.

Nesse sentido, a Geografia como disciplina escolar, ganha um papel de destaque por seu caráter interdisciplinar, possuindo um caráter fundamental

para a formação de um sujeito que reflita sobre as diferentes leituras do mundo em que vive, colaborando na constituição de cidadania do aluno. Afinal, basta querer e atentar nosso olhar para a temática do Idosos que os percebemos fazendo suas geografias pelos diferentes espaços da cidade e das nossas vidas.

A leitura de mundo deve acontecer na interação dos sujeitos entre si e com os ambientes em que vivem, sejam eles reais ou virtuais. A leitura do mundo, instrumentalizada pela Geografia e com colaboração das demais disciplinas (COSTELLA, 2012), fornece aos alunos elementos que possibilitam ler o espaço geográfico por meio da alfabetização geográfica que, ao longo do processo escolar, o torna capaz de compreender as interações que se apresentam no espaço.

Portanto, o reconhecimento da importância dos diferentes olhares de ser e estar no espaço que a Geografia escolar deve proporcionar ao aluno, encontra-se pautada no componente curricular de Geografia presente na *Base Nacional Curricular Comum (BNCC)*, a qual afirma:

A apropriação de conceitos da Geografia e o uso de múltiplas linguagens para expressá-los aproximam fazeres escolares e modos de ver, pensar ler e escrever geografias. A apropriação, pelos/as estudantes, dos conceitos de lugar, paisagem, região, território e escalas geográficas, para pensar e explicar fatos fenômenos e processos geográficos requer a compreensão desses conceitos como historicamente construídos e não como fatos em si mesmo.

Na escola, lugar onde o/a estudante se reinventa em sua particularidade, experimenta, cria e produz saberes na coletividade, destaca-se a construção de referenciais geográficos que lhe permitem localizar-se e orientar-se no mundo, tendo como horizonte um futuro, sempre em construção, do qual é protagonista (BRASIL, 2015, p. 269).

Nesta proposta, presente na BNCC é conseqüentemente atribuído, em especial à Geografia, o papel de uma disciplina escolar que seja formadora de cidadãos cada vez mais conscientes de sua participação na sociedade, sendo atuante na transformação da organização social e espacial mediante a conquista e a consolidação de direitos e deveres individuais e coletivos no exercício da cidadania.

Nessa direção, Kaercher (2010) destaca que o professor é elemento fundamental no processo de conscientização do aluno sobre a participação de cada sujeito no espaço já que a Geografia é uma ciência que abrange temas com características físicas e humanas, o que possibilita construir nos sujeitos um saber crítico sobre as questões no mundo. Olhar para o mundo e para a população, olhar para como esses sujeitos são atravessados por discursos multifacetados que perduram e se perpetuam no tempo e no espaço.

Assim, o ensino de Geografia pode ser um espaço importante para discussão de temáticas como a questão da cidadania do idoso, já que o mesmo aparece – ainda que superficialmente – nas entrelinhas das projeções populacionais discutidas no capítulo de *População Mundial* dos livros didáticos do Ensino Médio. Mas o que dizem essas projeções aos nossos alunos? Será que os estudos de expectativa de vida bastam para falar da qualidade de vida da população Idosa? Afinal, o que é o envelhecimento?

3.2 O Ser Idoso – O tempo é um ponto de vista

*Há dois sinais de envelhecimento: o primeiro é desprezar os jovens. O Outro é quando a gente começa a adúlá-los.
Mário Quintana (1978).*

No auge dos seus 72 anos, o velho Quintana respondia em forma de poesia o que ele próprio sentia. Não é novidade para os leitores de Quintana, como eu, encontrar um tom confessional em sua poética. Ainda que o sujeito lírico não possa ser confundido com o poeta em carne e osso, o próprio autor se definia como velho e fazia provocações sobre esse tema. *Velho é quem é um ano mais velho que a gente?* (QUINTANA, 1978).

O conceito sobre o envelhecimento está relacionado com o período e realidade social da qual o sujeito encontra-se inserido. Sendo assim, não existe um único conceito para se definir o envelhecimento. No Brasil, a Política

Nacional do Idoso (PNI), Lei nº8. 842, de 4 de janeiro de 1994, e o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, estabelecem que pessoa Idosa é aquela com 60 anos ou mais.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) atualmente, do ponto de vista demográfico, para pertencer ao topo da pirâmide etária é preciso atingir os 60 anos de idade - isso nos ditos países em desenvolvimento, onde se encaixa a realidade brasileira, cuja expectativa de vida é, geralmente, menor se comparado a os ditos países desenvolvidos. Já, para esses países, é considerado idoso o sujeito que possui 65 anos ou mais (MOREIRA, 2000; CARVALHO, 2003).

É importante reconhecer que a idade cronológica não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento. Existem diferenças significativas relacionadas ao estado de saúde, participação social e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade. Ou seja, o envelhecer não é um processo homogêneo e acontece de forma diferente para cada sujeito (BRASIL, 2005).

Mas quem são os sujeitos que compõe o topo dessa pirâmide etária? Olhar para esses sujeitos que hoje mantemos certa distância, coloca-nos a refletir sobre nosso próprio destino, sobre os discursos presentes e os possíveis enfrentamentos futuros que nos será apresentado.

Refletir sobre nosso próprio envelhecimento está longe de ser uma tarefa fácil. Envelhecer faz parte do viver. É um processo natural, vital, progressivo, universal e único pelo qual todos os seres vivos vivenciam desde o momento em que são gerados. Trata-se de um processo biológico com consequências psicológicas e que modifica a relação dos sujeitos com o ser e o estar no tempo e nos espaços, uma vez que a velhice não depende apenas dos dados biológicos: intervêm nessa condição, também, os fatores culturais.

Foi nos anos 70 que uma grande representante da filosofia contemporânea, Simone de Beauvoir, mirou o foco para o topo da pirâmide etária: era preciso discutir o envelhecimento. Quebrar o silêncio social em torno da velhice se fazia necessário. A denúncia ao descaso, ao abandono da velhice pela sociedade em geral e a despolitização da população mais velha foi

o cerne de sua obra *A Velhice*. “O silêncio social em torno da velhice expresso no abandono e no descaso dessa população aponta o modo pelo qual a sociedade trata seus velhos: como um refugio” (BEAUVOIR 1990, p.24).

Na sociedade contemporânea, criou-se um paradigma em torno do envelhecimento: a mesma sociedade que permitiu o aumento da longevidade na vida humana através da modernização na área da saúde e de bem estar social é a sociedade em que deixa às margens sua a população mais velha. E por que jogamos na invisibilidade nossos Idosos? Para Beauvoir (1990), um dos problemas da sociedade é que cada indivíduo percebe as outras pessoas como meio para a realização de suas necessidades, sendo assim, relacionamo-nos sempre buscando priorizar nossos desejos deixando de olhar, compreender e valorizar a necessidade alheia. Esse cenário onde não se respeita um indivíduo em sua integridade emocional, intelectual e material aparece com nitidez quando colocamos o Idoso no foco do nosso olhar.

Chega a velhice um dia...
E a gente ainda pensa que vive...
E adora ainda mais a vida!
Como o enfermo que em vez de dar combate à doença busca
torná-la ainda mais comprida... (QUINTANA, 2005, p.48).

Para Correia (2009), mesmo que tenham surgido leis que procuram garantir a proteção aos idosos ainda há o descumprimento de políticas públicas e o desrespeito travestido no desamparo social e familiar, na falta de infraestrutura nos espaços públicos, no preconceito geracional, na violência física e psicológica entre outros resquícios nessa que Beauvoir (1990) chama de velhice indesejada. Indesejada, pois é considerada improdutiva no campo econômico e um fardo de inatividade para os ativos (BALTES, 2006), em uma espécie de sistema global de valores sociais. Michel Foucault (1979) falou desse tipo de valores, através dos quais os corpos são registrados em uma sociedade que se organiza dividida em blocos, baseada na cronologia, onde cada sujeito está determinado a um fazer conforme a fase da vida.

Tornamo-nos sujeitos ativos quando possuímos a capacidade de contribuir economicamente com a sociedade e inativos quando esse processo

desacelera, já no fim de uma vida “útil”. Entre estudar, trabalhar, casar, ter filhos e se aposentar, uma vida acontece e entrelaçados, nessa rede de discursos travestidos de valores, preferimos deixar à margem da nossa reflexão, o nosso próprio envelhecimento.

Medo da invisibilidade, receio da decadência física e psicológica, de perder a autonomia, a sexualidade, a liberdade, medo de sucumbir à solidão e ao tédio, vários são os fatores que nos levam a nos comportar como se nunca devêssemos envelhecer. Para isso, colorações podem cobrir os cabelos brancos, as rugas podem ser reduzidas com uso de bons cosméticos, as imperfeições dos corpos podem ser corrigidas com cirurgias plásticas e as doenças que costumam aparecer quando o corpo biologicamente está desgastado podem ser atenuadas por tratamentos clínicos e medicamentos.

Há todo um esforço para nos mantermos mais jovem, legitimado por um mercado da estética que, ano após ano, enriquece ante um discurso de invisibilidade que ele mesmo ajuda a produzir. Ou seja, envelhecer pode ser deixado para depois, quando a medicina e a estética já não podem mais ajudar.

Formam-se, então, subdivisões dentro da própria faixa etária: atualmente utilizam-se termos como “jovens idosos”, para os que têm entre 60 e 75 anos, “idosos idosos” para os que contam mais de 75 anos de vida e idosos mais idosos para os que possuem mais de 85 anos (DEBERT, 2004). Essa subdivisão informal, dentro do conceito de terceira idade, traz consigo inúmeras representações do dinamismo dos “jovens idosos”, que seriam participantes ativos na sociedade, embora aposentados.

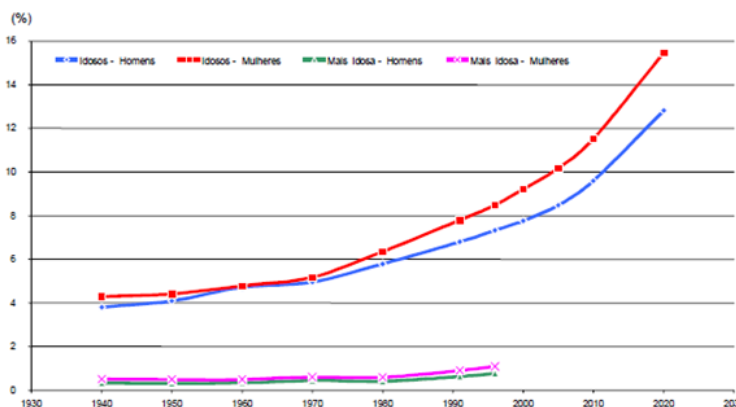
Nessa vida ativa na maturidade, novos mercados se abrem: turismo, lazer, produtos e serviços. Enquanto isso, os “idosos idosos”, a partir dos 75 anos, já estariam compondo uma quarta idade, esta etapa sim estaria associada à imagem tradicional da decadência ou incapacidade física, o que os torna sujeitos passíveis de rejeição social.

3.3 Todos são nossos – Panorama do envelhecer brasileiro

Mas a quem estamos jogando na invisibilidade? A nossa própria população? Concomitante com a população mundial, o Brasil que era conhecido como um país jovem está ficando cada vez mais grisalho. Segundo dados da OMS, em menos de nove anos o Brasil será o sexto país do mundo com maior número de idosos (projeções para o ano de 2025).

Na década de 60, o número de idosos no Brasil era de 3,3 milhões, o que representava apenas 4,5% da população brasileira. Ainda que os números da década de 60 pareçam pouco representativos se comparado com as projeções para os anos que estão por vir, foi essa a década que marcou o começo das discussões sobre o aumento populacional e, como consequência, o crescimento natural e o envelhecimento da população, dando atenção aos diferentes direcionamentos que essa temática nos leva a refletir.

Gráfico 2 - Evolução da proporção de Idosos e mais Idosos na população brasileira por sexo – 1920-2020



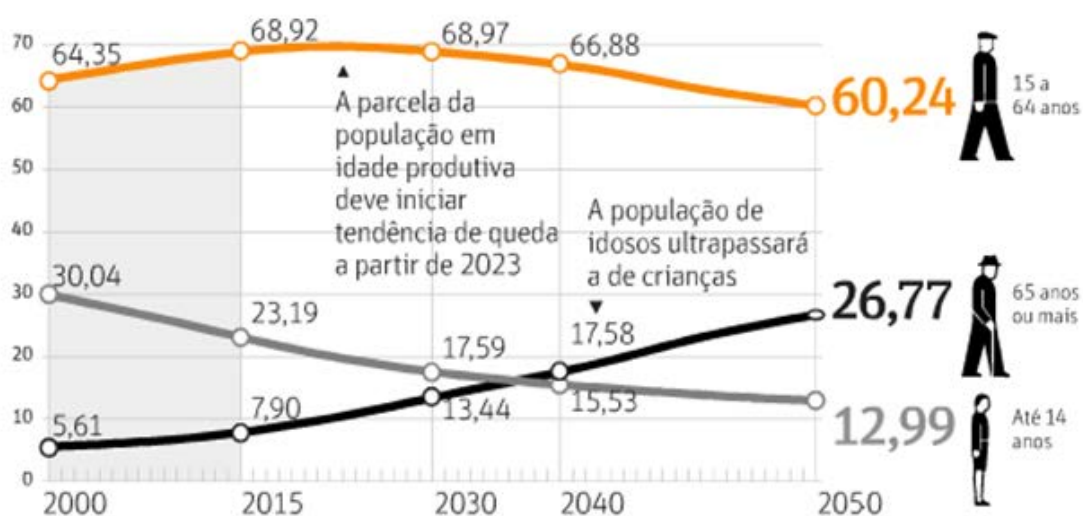
Fonte: IBGE, 2012.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou em 2010 cerca de 20,6 milhões de idosos no Brasil, representando 10,8% da população, uma das menores percentagens para essa faixa etária da população se compararmos com os outros países do mundo.

De acordo com projeções baseadas no Censo de 2010, realizado pelo

IBGE (Gráfico 3), o número de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil continuará aumentando: há indicações de que em 2020 serão em torno de 30 milhões de idosos e em 2040 serão 55 milhões podendo chegar a 73,5 milhões de idosos em 2060, o que representará 33,7% da população brasileira. Junto a isso, a perspectiva é que haja o aumento da expectativa de vida do brasileiro, de 74,9 anos em 2012 para 77,8 anos em 2040 (IBGE).

Gráfico 3 - Percentual da população por faixa etária



Fonte: IBGE, 2012.

As indicações revelam que entre as três faixas etárias apresentadas no Gráfico 3 – até 14 anos, de 15 a 64 anos e acima de 65 anos -, o percentual de crescimento será maior na faixa etária dos Idosos e superará a das crianças em número de população por volta de 2040, conforme podemos observar no Gráfico 4. Segundo o IBGE, a tendência de queda no número da taxa de natalidade não é nova, já que número de filhos por mulher no país vem se reduzindo desde a década de 1960. Já a população considerada ativa (entre 15 a 64 anos) terá seu ritmo de crescimento desacelerando a partir de 2023, o que significará um impulso para a próxima faixa etária, a da Terceira Idade.

Com esse ritmo acelerado e o número da população idosa dobrando, não podemos negar que esse contingente da população exigirá novos olhares.

Atualmente a visibilidade alcançada pela velhice é analisada por um triplo movimento: social, econômico e político (DEBERT, 2004).

Existe um amplo reconhecimento de que o envelhecimento da população apresenta tanto uma grande oportunidade e quanto um desafio. A oportunidade é o benefício das muitas contribuições das pessoas mais idosas para a sociedade. Já o desafio é agir de acordo com esse entendimento agora através da adoção de políticas que promovam a inclusão social e a solidariedade entre gerações.

Como podemos perceber, as preocupações no que diz respeito a políticas e recursos públicos, previdência, infraestrutura, reconhecimento e interação social, dão novos sentidos dirigidos à velhice. Os desafios que se desenham são muitos. Em meio aos diferentes prismas pelo qual podemos recorrer para discutir essa temática, o olhar pertinente à pesquisa se dará no campo do social uma vez que trataremos aqui, especificamente, no que diz respeito ao acesso à cidade por essa parte da população.

Carvalho e Wong (2008) alertam para o fato de que o aspecto social é um elemento fundamental no processo de envelhecimento, já que é no contexto social onde o indivíduo, de um modo geral, compartilha o seu aprendizado e cria laços de amizade. Percebemos que nesse contexto muitas vezes é negado ao idoso a participação nas relações interpessoais (social), de modo que este segmento passa a ser excluído (desintegrado) de sua posição social, pois, dentro do próprio ambiente social, é notório o descaso com a velhice, com as pessoas que envelhecem que não conseguem exercer sua cidadania.

Na medida em que a população idosa se expande, muda a composição demográfica e acaba por influenciar diretamente no espaço geográfico. Esse segue sua transformação em preocupação social modificando e transformando o espaço para abrigar grande parte desta população em ascensão. Os idosos tem sua autonomia e, portanto, presença e uso significativo nos espaços da cidade. Entretanto, embora já apresentem um perfil demográfico semelhante ao dos países desenvolvidos, observamos que os grandes centros populacionais brasileiros ainda não dispõem de infraestrutura de serviços que

dê conta das demandas decorrentes das transformações demográficas vigentes.

É certo que, ao lado dessas e de outras tantas novas ofertas de espaços sociais, existe ainda uma velhice segregada pela sociedade. Nogueira (2008) indica, através de estudos, que a falta de infraestrutura de instalações adequadas nas cidades brasileiras para atender a demanda de idosos, a desinformação, o preconceito e o desrespeito aos cidadãos da terceira idade somam-se à precariedade de investimentos públicos para atendimento às necessidades específicas da população idosa e a carência de programas específicos. E, ainda, afirma que:

A velhice ainda é despolitizada, assim é necessário que se busque caminhos para politizá-la e conquistar um novo lugar e significado na sociedade, bem como a marca de uma nova presença do idoso pelo exercício pleno da cidadania (NOGUEIRA, 2008. p. 197).

De acordo com Veras (2007), os idosos brasileiros vivem cotidianamente angústias com a desvalorização das aposentadorias e pensões, com medos e depressão, com a falta de assistência e de atividades de lazer, com o abandono em hospitais ou asilos, e sofrem, ainda, todo tipo de obstáculos para assegurar alguma assistência por meio de planos de saúde. No Brasil, segundo pesquisa do *Pacto pela Saúde*, estima-se que 75% dos idosos são classificados como independentes, 20% como frágeis (com uma ou mais incapacidades de realização de atividades básicas da vida diária), 4% são acamados e 1% vive em Instituições de Longa Permanência (ILPIs), conhecidos antigamente como asilos.

Como podemos observar, os modos como a sociedade lida com e percebe a velhice são variados. Dias Junior e Costa (2003) observam que o discurso do envelhecimento é tratado em artigos veiculados em periódicos com quatro principais eixos: envelhecimento renda e família, envelhecimento e saúde, envelhecimento e institucionalização e, envelhecimento e dinâmica demográfica, porém, na questão de educação ela ainda é incipiente. É por isso que consideramos importante abordar essa temática dentro do conteúdo

“população e cidades” dentro de um projeto de pesquisa a ser realizado pelos alunos na cidade de Porto Alegre.

A cidade de Porto Alegre é a capital brasileira com maior proporção de idosos, segundo o Censo de 2010. Com uma população total de aproximadamente 1.410 milhões de habitantes, dos quais 212.000 mil têm 60 anos ou mais, o que significa uma parcela de 15% da população total. Comparando os Censos do IBGE de 2000 e 2010, notamos que o total de idosos aumentou cerca de 30%. Um dos maiores desafios na atualidade, portanto, é o crescimento acelerado da população que alcança os 60 anos de idade, o qual não é acompanhado pela implantação efetiva de políticas públicas. É por isso que a cidade de Porto Alegre, por meio do Executivo Municipal, implementou, através da Lei Complementar nº 444 de 30 de março de 2000, o Conselho Municipal do Idoso de Porto Alegre (COMUI) que é um órgão deliberativo, propositivo, consultivo e fiscalizador das políticas públicas destinadas a promover os direitos dos idosos.

Reconhecida por seus investimentos em programas e serviços destinados ao Idoso, a capital Gaúcha foi incluída pela OMS na *Rede Global de Cidades Amigas do Idoso*, recebendo certificação em novembro de 2015, como “Cidade Amiga do Idoso”. O Programa Cidade Amiga do Idoso (*Age-friendlyCities*) foi decorrente das diretrizes do *Plano Internacional de Ação Internacional para o Envelhecimento*, proposto pela Organização das Nações Unidas, em Madri (2002), que busca informações para discussão e formulação de planos de ação que beneficiem um envelhecimento saudável e ativo.

A aplicação desse programa foi viabilizada com recursos da OMS que passou a estabelecer características que uma cidade precisa ter para ser credenciada como uma *Cidade Amiga do Idoso*. Nesse caso, oito quesitos devem ser contemplados, como investimentos na área da saúde, moradia, transporte, comunicação/informação, esportes, assistência social, trabalho e emprego.

Essa integração reforça as ações necessárias para adaptar estruturas, serviços e comportamentos a favor da inclusão de idosos com diferentes necessidades e graus de capacidade, já que o certificado concedido à cidade

não se refere somente ao que já foi realizado, mas sim pelo compromisso que a cidade está assumindo para o futuro junto à Organização Mundial da Saúde.

Mas será que Porto Alegre realmente é uma cidade amiga dos Idosos?

3.4 Modos de Ser – Estamos na cidade e a cidade em nós

As mudanças da sociedade contemporânea tem forte impacto na maneira em como se constrói, se pensa e se vive as cidades. Uma cidade não se resume à sua arquitetura, nem organização interna ou ocupação do solo. Tampouco se resume à sua estrutura urbana, suas atividades econômicas, políticas e culturais, mas esses elementos formam os fios condutores do emaranhado de possibilidades que uma cidade nos oferta. Tentar explicar o que é uma cidade no mundo contemporâneo é uma tarefa que exige a consideração de vários elementos que se relacionam formando uma verdadeira rede de interações:

É preciso entender a cidade como uma concentração de homens, necessidades e de possibilidades de todas espécies e deve ser encarada ao mesmo tempo como sujeito e objeto na sua organização e transformação. (BEAUJEAU-GERNIER 1980, p.22).

Ainda que o autor tenha pensado a cidade nos anos 80, ainda hoje podemos perceber a cidade como sendo um objeto materialmente construído, que contém elementos que influenciam nas atividades da produção e de consumo utilizando seus diversos equipamentos e fazendo com que assim, cada cidade apresente características que a diferenciam. Como sujeito, a cidade exerce influência sobre seus habitantes no que se refere às suas atitudes e impulsos evidenciando uma identidade urbana coletiva.

Dessa forma, se o homem utiliza e molda a cidade, a recíproca é igualmente verdadeira (BEAUJEAU-GARNIER, 1980). Por esse ângulo, considerando a apropriação urbana pelos moradores por meio da percepção, a cidade revela os interesses e ações da sociedade e, ao mesmo tempo, oferece

condições para que esses interesses e ações se realizem, contribuindo para determinar o próprio movimento proveniente desse conjunto de ações.

A trama do espaço urbano deve ser encarada de forma holística, já que o sistema de organização como um todo determina como se comportam as partes através da interatividade. Com base nisso, muitas leituras do espaço são possíveis e necessárias. No entanto, essa complexa rede de interatividade que compõe a cidade pode dificultar nosso entendimento do todo, fazendo com que olhemos para a cidade através das partes na tentativa de compreendê-la.

É assim que se dão as diferentes pesquisas nas mais variadas áreas de estudo e que nos fornecem distintos olhares e leituras do espaço urbano. Nenhuma dessas leituras é superior à outra e cada uma revela uma faceta da multiplicidade desse objeto de investigação que é a cidade. Nesse sentido, meu objetivo está na tentativa de se olhar para os Idosos nos espaços da cidade de Porto Alegre levando em consideração todos os discursos aqui já pautados e que nos atravessam ao longo dessa jornada.

O desafio da pesquisa foi discutir com os alunos do Ensino Médio as diferentes leituras que realizamos hoje sobre os Idosos no mundo contemporâneo e como essas leituras se refletem nas nossas práticas sociais e como elas interagem com o espaço urbano de Porto Alegre, procurando analisar a forma com que os Idosos se apropriam desse espaço, buscando compreender esses dados através de uma cartografia colaborativa digital interpretada por nosso olhar geográfico para a cidade, refletido através das aulas de Geografia.

Nessa metodologia, o objetivo maior foi a construção do conhecimento pelo aluno, preocupando-se para que todas as ações durante o processo sejam voltadas para a eficácia no desenvolvimento do conhecimento do aluno. Segundo Cavalcanti (2013), no ensino, a construção do conhecimento do aluno é socialmente mediada por um agente, no caso, o professor. É esse agente que intervém no processo do aluno quando propõe e apresenta cenários como objeto passível de conhecimento de variados temas, problemas, dilemas e conteúdos, estabelecendo nexos entre o que é estudado em sala de aula e com o ser e estar do aluno no mundo.

Nesse sentido, a ciência geográfica se faz importante para o conhecimento da realidade, tanto em âmbito escolar como social. É através do ensino de Geografia que o aluno se percebe como um significador do espaço geográfico, pois ele se vê inserido no movimento social que produz e transforma o espaço urbano. É em

suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros eles constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios. Assim, vão formando espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos (CAVALCANTI, 2013 p. 45).

Sendo assim, ao se estudar Geografia e a aliar com as práticas cotidianas das quais produzem geografias, os alunos constroem conhecimento sobre o como estão inseridos e transformam espaço que estão inseridos, dando novos sentidos a essa Geografia. Mas, para que essa relação entre o que é aprendido na escola e o que é vivenciado cotidianamente se efetive, é necessário que seja despertada no aluno uma inquietação que o leve realmente a querer conhecer e entender o que está ao seu redor (CASTROGIOVANNI, 2002).

Ao fazer com que o aluno se perceba fazendo Geografia diariamente (KAERCHER, 1998), é apresentado a ele um cenário. Um cenário, segundo Gomes (2013), tem uma história constituída por diversas relações que o compõe: relações entre pessoas, coisas e comportamentos em um espaço. Esse conjunto de elementos, ao serem percebidos pelo sujeito, produz novos sentidos.

Por dessa forma, quando temos um olhar direcionado para o espaço, visualizamos aquilo que nos é de interesse e, assim, a atenção é capturada e constrói-se uma nova significação daquele espaço inicial. Nesse sentido, ao direcionar o olhar do aluno com uma temática, faremos com que ele construa novas significações do espaço do qual ele vive.

A cidade é o espaço de vida dos cidadãos e os espaços públicos são onde coexistem diferentes sujeitos em uma complexa rede de manifestações da vida pública, onde se efetua uma participação ativa sujeita a normas e

instituições. Um espaço público pode ser um centro comercial, uma praia, uma praça, as ruas da cidade, etc. O fundamental é que seja um espaço onde não haja obstáculos, senão normas gerais e lógicas para o acesso e para a participação (GOMES, 2012).

Normalmente esses espaços são multifuncionais, transformando-se em um verdadeiro universo de trocas cotidianas entre os sujeitos que por eles percorrem, tornando-se polo de encontros sociais em movimentos aleatórios. Olhar para esses espaços, através do prisma geográfico, está fundamentado na proposta de Curricular de Geografia da BNCC:

Como ciência, a Geografia se tornou um campo de saber interessado nas inter-relações dinâmicas entre elementos humanos e não humanos, materiais e imateriais, em sua distribuição pelo mundo, o que constitui o espaço geográfico, em construção constante. Analisar o espaço geográfico, categoria central da ciência geográfica, proporciona a compreensão de como diferentes grupos de pessoas relacionam-se entre si e com o meio, constituindo espacialidades, ao mesmo tempo que são constituídas por elas (BRASIL, 2015, p.266).

A análise espacial da cidade revela o sentido do espaço urbano como produtor das relações sociais, materializado pela apropriação do lugar em que se vive e que pode ser percebido, sentido e visto (GOMES, 2013). Nesse sentido, é importante que o aluno perceba que as práticas sociais produzem espaços onde o uso se caracteriza pelos modos de apropriação em diferentes tempos. Portanto, as relações entre as pessoas e os espaços públicos são formadas pela percepção, tanto física quanto psicológica. Gehl (2009) afirma que as atividades nos espaços públicos podem ser divididas em três categorias:

Atividades necessárias – são atividades obrigatórias pelo cotidiano, que em grande parte estão relacionadas ao ato de caminhar como: ir ao colégio ou trabalho, fazer compras, esperar o transporte coletivo, entre outras atividades que se realizam durante todo o ano sendo influenciadas pela **qualidade** do ambiente físico.

Atividades opcionais – a participação deriva do desejo de individual de fazê-lo sendo influenciado pelo tempo, lugar ou vontade pessoal, sendo que a decisão de participar dessas atividades é extremamente afetada pelas condições físicas externas dos lugares.

Atividades sociais ou resultantes – são todas as atividades oriundas da presença de outras pessoas nos espaços públicos acessíveis, uma vez que acontecem de maneira espontânea entre pessoas que caminham ou frequentam o mesmo espaço (GEHL, 2009 p.17. grifo meu).

Estudos desse autor apontam que quanto maior o tempo que as pessoas permanecem nos espaços públicos, maior a interação entre os sujeitos e maior participação na transformação desse espaço.

O espaço público não é um espaço de pessoas iguais (GOMES, 2012) e se faz de extrema relevância que se aborde essas diferenças em sala de aula e assim levar o aluno a refletir criticamente acerca do espaço público e da cidade.

Dentre os variados sujeitos que usam os espaços da cidade, está o grupo dos Idosos. Quando se pensa em espaço público utilizado por um grupo específico, estamos aliando informação com reflexão. Kaercher (1997) acredita que o professor deve assumir a ideia do conhecimento como construção do sujeito ante o mundo, além de mostrar os conflitos de interesses e as mensagens nas entrelinhas.

Nesse sentido, se nos atentarmos para algo singular de um cenário, possíveis interrogações irão nos atingir e outros significados daremos a esse cenário. Diante a desconstrução dos discursos sobre o envelhecer em sala de aula e com um olhar mais apurado para os espaços da cidade, a intenção é propor ao aluno a refletir sobre qual seria a percepção do Idoso dos espaços públicos de Porto Alegre, pesquisar como esse sujeito que vive esse espaço e cartografar coletivamente essas percepções do vivenciar a cidade. Assim,

o entendimento de cada lugar se constitui por trajetórias múltiplas, como resultado provisório de processos dinâmicos em diferentes escalas geográficas, implica em considerar a distribuição dos elementos geográficos, das dinâmicas gerais da natureza e de processos sociais, econômicos, técnicos, políticos, históricos pelo mundo, com a maior ou menor grau de

conexão entre si, para explicar as configurações dos lugares (BRASIL, 2015, p. 267).

Tal compreensão dessa perspectiva da cidade é relevante para conhecer seus usos, sua dinâmica, seus territórios e as apropriações desses territórios, os agentes de apropriação, os sujeitos sociais e as práticas espaciais. O vivenciar a cidade a partir do caminhar é uma das formas que os sujeitos conseguem perceber o que está a sua volta e, nas grandes cidades, isso ocorre em espaços curtos, muitas vezes, pelas ruas dos bairros em que moramos.

Assim, vamos interagindo com as pessoas, percebendo as edificações, utilizando os meios de transportes, apropriando-se dos espaços e constatando os pontos negativos e positivos desse espaço. Gehl (2009) afirma que, enquanto caminham, as pessoas podem parar, sentar, olhar, ouvir, conversar mudar de direção, interagir com o cenário e propor voluntária ou ocasionalmente muitas outras atividades. Por esse motivo, a qualidade física desse espaço público vai influenciar o viver na cidade.

Ao identificar os pontos positivos e negativos, o Idoso está constantemente diferenciando e qualificando espaços para desenvolver suas atividades conforme suas próprias limitações, pois a idade tem impacto direto na mobilidade desses sujeitos. Esse é um tema. E podemos transformar um tema em um mapa, nas aulas de Geografia?

3.5 Modos de fazer acontecer - Cartografia Colaborativa Digital

No imaginário geral, um profissional de Geografia é aquele que anda com um mapa na mão e um globo terrestre embaixo do braço. É comum as pessoas acreditarem que *“um/a professor/a de Geografia possui todos os mapas do mundo”* (frase proferida por uma aluna do 8º Ano, surpresa ao descobrir que eu não possuía o mapa do Oriente Médio em casa). Não me incomodo com essa identidade imaginada e chego a achar graça.

A construção social dessa imagem do/a professor/a de Geografia como um ser guardião do mundo dos mapas muito se deve ao fato de, para boa parte dos alunos, o contato com o mapa vem através desse profissional. De fato, por muitos anos os mapas ficavam restritos aos livros e à disciplina de Geografia que, historicamente, é a responsável por apresentar as diferentes representações do espaço geográfico através da leitura dos mapas.

Que o uso do mapa no cotidiano do aluno nas aulas de Geografia é de extrema importância, todos nós, enquanto profissionais dessa ciência, estamos cientes. Mas que ele precisa extrapolar as fronteiras geográficas é uma necessidade, já que o mapa é uma fonte impressionante de informação. Diante disso, “os mapas devem fazer parte do cotidiano escolar e não apenas serem incluídos nos dias específicos de geografia. Devem ser vistos como uma possibilidade admirável de comunicação” (CASTROGIOVANNI, 1998, p.33).

Mas o que, de fato, chama-me a atenção é que, com o avanço tecnológico, os mapas saíram dos livros e das aulas de Geografia e estão na palma da mão de qualquer indivíduo que possui um smartphone. Tal situação me parece estar intimamente relacionada às mudanças tecnológicas em que, gradativamente, aumenta a inserção das tecnologias digitais em nosso cotidiano.

Hoje, muito dos alunos recorrem ao telefone celular para consultar um mapa, através de aplicativos específicos e realizam atividades cartográficas desde as mais simples como realizar check-ins⁴ em determinados espaços a aquelas mais complexas, que exigem um entendimento cartográfico maior como o uso de sistemas de posicionamento global, o GPS. Eis, então, que a Cartografia, que era predominantemente apresentada em meio impresso, chegou aos meios digitais, com a possibilidade de interação, construção e colaboração.

Com isso, os objetivos da cartografia têm mudado. Hoje, toda uma linha de pesquisa em cartografia, decorrente do movimento de visualização cartográfica, busca o estabelecimento de parâmetros para novas relações entre o leitor e o mapa.

De um lado está a comunicação cartográfica, relacionada à apresentação de resultados para um público amplo, sem a utilização de recursos interativos; do outro, a visualização cartográfica, baseada na exploração individual dos componentes do mapa em um ambiente interativo, para que o usuário realize suas próprias buscas e análises e, portanto, chegue a um conhecimento novo. É nessa linha, de visualização cartográfica, que essa pesquisa se insere.

A visualização cartográfica difere-se da cartografia digital e dos sistemas de informação geográfica (SIG) porque os últimos, embora empregue computadores, visam à elaboração final do mapa estático, seja para impressão, seja para consulta na tela. Na visualização cartográfica, interatividade e exploração são conceitos-chave. Assim, a cartografia digital e os sistemas de informação geográfica podem ser utilizados para a elaboração de uma aplicação na linha da visualização cartográfica, mas um mapa em formato digital não é necessariamente um mapa concebido dentro do conceito de visualização cartográfica (RAMOS, 2005, p. 40).

As propostas mais recentes de trabalho com Cartografia no ensino de Geografia têm buscado banir da sala de aula o uso dos mapas como mera representação do espaço geográfico sem uma leitura crítica, e, principalmente, as práticas convencionais de copiar e colorir mapas. Para Cavalcanti (2013, p. 51), devem ser “recomendadas atividades que visem ao desenvolvimento de habilidades de mapear a realidade e de ler as realidades mapeadas, ou seja, os professores devem buscar formar os alunos mapeadores (e não cartógrafos) e leitores de mapas”.

Nesse sentido, o processo de visualização cartográfica pode compreender o uso da cartografia digital e de sistemas de informação geográfica como o subsídio para a cartografia escolar na elaboração de mapas estruturados para consulta em ambientes digitais interativos, ou seja, mapas elaborados para serem instrumentos de análise exploratória.

Quando os alunos podem ter a oportunidade de construir seus mapas, suas representações das realidades estudadas, aplicando operações mentais já desenvolvidas, como os mapas mentais, ajudamos o aluno a se tornar um leitor crítico e um mapeador consciente devido à sua participação efetiva no

desenvolver do mapeamento.

Além disso, é preciso considerar que a didática da Cartografia na escola sugere a visualização científica, que é uma forma de comunicação que constitui importante ferramenta para exploração, compreensão e comunicação das informações pois a visualização científica permite envolver recursos visuais, desenhos, fotos, maquetes, plantas, mapas, imagens de satélite, figuras, gráficos e representações feitas pelos alunos que podem ser tematizadas em projetos, mas com maior foco no estudo da gramática cartográfica (FURLAN, 2013).

O aluno-pesquisar-cartógrafo, nesse projeto, teve na cidade o campo de pesquisa; no Idoso, uma temática; e, na evolução tecnológica, uma ferramenta. A proposta de construção de um mapeamento colaborativo vai ao encontro ao fato de que, segundo Gomes (2013), nós só nos indagamos sobre algo específico na cidade quando esse algo da cidade entra em contato conosco e nos faz questionar. É preciso nos contagiar, refletir, indagar e sair do lugar. E “sair do lugar” não é apenas o deslocamento físico, mas também um deslocamento das ideias prontas, das obviedades, dos discursos.

É preciso desenvolver outras sensibilidades, desenvolver outros olhares. Olhares esses onde o Idoso deve se sobressair nos espaços da cidade, ao aluno observar, refletir e compreender a dinâmica desses espaços e para o que ou para quem eles foram construídos, identificando fragilidades e potencialidades desses lugares de vivência frente às relações do poder político e econômico e seus possíveis desdobramentos perante a vida social.

A elaboração de mapas como objeto de ensino aprendizagem no ensino de Geografia é um dos objetivos de aprendizagem do componente curricular da BNCC do 3º ano do ensino médio que dispõe que

CHGE3MOA008 Elaborar mapas para analisar e interpretar questões sobre regiões, territórios e lugares;

CHGE3MOA009 Utilizar e articular múltiplas linguagens e tecnologia, visando à ampliação de referenciais, para analisar e expressar a dimensão espacial dos fatos e fenômenos (BRASIL, 2015, p.283).

No entanto, existem diversas maneiras de olhar para a cidade e cartografá-la. Elaborar um mapa vai depender da proposta, de um tema e uma metodologia mais apropriada adotada. Existe a maneira tradicional e não colaborativa de fazer mapas, com cruzamentos de dados, relações e concepções de interesses, muito utilizada pela Engenharia Cartográfica e pela Geografia. Esses mapas temáticos não colaborativos são uma fonte de informação importante que aqui não é negada.

Os mapas, constituídos a partir da ideia de colaboração, também possuem dados significantes tais quais os não colaborativos. Contudo, o diferencial está na possibilidade de microapropriações, dos olhares para o espaço geográfico e da utilização do mapa como mediação entre os sujeitos e sua relação com os espaços cartografados (RIBEIRO, 2011).

O termo *cartografia colaborativa* é recente, surgido a partir de propostas de mapeamento coletivo por grupos artísticos ou culturais, muitas vezes veiculadas em redes mundiais de computadores (internet) ou em meios de comunicação midiáticos (aplicativos). Portanto, utilizaremos essa acepção de Cartografia Colaborativa, que está ligada à arte e à cultura, possibilitando diversas experimentações no contexto escolar.

Devemos considerar que esse tipo de mapeamento, o colaborativo, acompanha a tendência de informações geográficas obtidas por contribuição voluntária dos sujeitos (Volunteered Geographic Information/VGI), sendo uma das possibilidades de um fenômeno maior na Web que é o conteúdo compartilhado gerado pelo usuário. O VGI passou a ser visto como oportunidade de gerar conteúdo diverso através dos sistemas de informação geográfica (GIS). Essa possibilidade oportuniza e viabiliza a integração de simples contribuições de diversos sujeitos a dados detalhados e sofisticados, mantidos por instituições públicas e privadas, utilizando-se a internet como fonte de consulta e colaboração.

Na Cartografia Colaborativa, existem duas categorias de mapas em função de suas características específicas: aqueles desenhados a partir do deslocamento de sujeitos, manuais, com a colagem de diversas informações coletadas por todos os participantes e os mapas fixos, digitais, nos quais informações são coletadas, enviadas e apresentadas. É justamente nesta

última categoria que utilizaremos a Cartografia Colaborativa proposta aqui, a digital, que irá servir como uma ferramenta aliada à Cartografia Escolar. As principais características da cartografia colaborativa digital são a de dar sentido aos espaços da cidade, ser integradora e motivadora, já que os alunos estão acostumados e gostam de utilizar ferramentas tecnológicas como proposta de trabalho em sala de aula.

A utilização das tecnologias digitais, nessa proposta de mapeamento coletivo, com um determinado tema de interesse - que também é coletivo - pode se configurar, como argumenta Callai (2003), em um instrumento útil para ler e entender o mundo, exercitar a cidadania e formar cidadãos, que é um dos objetivos da disciplina de Geografia. Pode também motivar os alunos na desmistificação dos mapas quando ele se torna autor do mapa.

Pensando de forma coletiva, os alunos podem decidir os elementos que o mapa deve conter e como fazer a comunicação deste mapa. A comunicação associada a visualização cartográfica devem buscar tornar os mapas disponíveis a um público cada vez mais amplo.

Para isso, os alunos precisarão levantar e organizar os dados, decidir como vai representá-los, formatar em mapas ou gráficos e desta maneira aprenderá fazer representações gráficas e cartográficas. Sendo um criador de mapas e gráficos, ele se capacita para lê-los e entender os dados veiculados, transformando-os em informações e em conhecimento quando consegue pensar nas espacialidades de diferentes formas.

Com a intencionalidade de se colaborar com uma cartografia digital proposta no site *Mapeando o topo da pirâmide* e inserir Porto Alegre entre as cidades participantes, a pesquisa buscou desenvolver uma metodologia rizomática para se grafar as relações entre os idosos e a cidade de Porto Alegre, representada por alguns bairros selecionados para tal.

4 UM CALDEIRÃO DE IDEIAS – A ALQUIMIA METODOLÓGICA

A intenção deste capítulo é encaminhar a pesquisa num encontro entre o trabalho com os conteúdos geográficos em sala de aula e com a construção de conhecimentos para fins da pesquisa. Esta ação teve a finalidade de oportunizar os alunos a desenvolver um modo de pensar e agir através das representações sociais, ao considerar a espacialidade das coisas, dos fenômenos que vivenciam e para que compreendessem como os espaços, construídos socialmente, podem ter diferentes leituras conforme um olhar atento do observador.

Tais representações sociais estão no nível do conhecimento vivido (CAVALCANTI, 2012), que contém elementos de um conceito já potencialmente existente nos alunos e que pode ser tomado como parâmetro de aprendizagem significativa. Na verdade, o mundo empírico não aparece para nós em um estado natural e isolado da experiência humana. Pelo contrário, nós conhecemos o mundo empírico por meio da linguagem e das atitudes que tomamos diante dele.

Cada um de nós, atores sociais, vale-se de uma linguagem descritiva dos fenômenos observados coerente com nossa experiência pessoal e com nossos processos sociais. Trata-se, então, de uma linguagem que não pode considerar-se neutra (BECKER, 2004). Partindo desse cenário, podemos dizer que nenhum pesquisador é neutro, pois a linguagem confere forma e significado às realidades observadas.

Portanto, a escolha de criar um rizoma, unindo os conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas, trabalhar em equipe, desconstruir discursos, (re)construir conceitos, ter um olhar para além dos muros da escola, se solidarizar, respeitar, valorizar o outro e vivenciar a cidade a partir do olhar de um grupo específico e, muitas vezes, invisível, são os elementos norteadores dessa pesquisa.

Nesse contexto, emerge para pesquisa, como intenção de procedimento, apresentar uma metodologia rizomática de ensino sobre os Idosos, utilizando a Cartografia Colaborativa digital, para entender como os alunos, do Ensino Médio do Instituto de Educação Flores da Cunha, construíram leituras-grafias sobre a cidade.

Mas como atentar o aluno para olhar para os Idosos na cidade? Esse foi o grande desafio nessa alquimia metodológica (PARAISO, 2004), que se baseou nas análises de discursos – procedimentos retirados dos trabalhos de Michel Foucault -, costurada pela perspectiva rizomática de Gilles Deleuze que busca considerar as diversas formas de conhecimento que nos atravessam ao longo da pesquisa e que nos levam a tecer nossos caminhos e olhares.

Nesse caldeirão de análise, aproximando as práticas geográficas escolares ao buscar seduzir no aluno o interesse de perceber o envelhecer nos espaços públicos de Porto Alegre essa pesquisa se dá como uma experimentação. Experimentação porque tateamos métodos, construímos passo a passo coletivamente, levando em consideração outros saberes dos sujeitos envolvidos. Sabendo que não existe um livro de metodologia a ser seguido, aceitamos, com a alquimia, relatar significações, enunciações, sensações, sentimentos para buscar, dentre outros acontecimentos, “as condições sob as quais algo de novo é produzido” (SILVA; CORAZZA; ZORDAN, 2004, p. 16).

A temática do Idoso nos espaços da cidade de Porto Alegre forneceu ao aluno instrumentos necessários para que ele fosse um mapeador (CAVALCANTI, 2012) e um comunicador daquilo que se pesquisou. Os sujeitos mapeadores dessa pesquisa foram os alunos do 3º Ano do Ensino Médio de uma tradicional Escola Estadual de Porto Alegre, o Instituto de Educação Flores da Cunha, localizada no bairro Farroupilha, bairro central de Porto Alegre. A escolha da participação dessa escola na pesquisa se deu por um conjunto de fatores importantes:

- A localização da escola, que fica em um bairro central da cidade e por esse motivo agrega alunos de diferentes bairros de Porto Alegre, fornecendo-

nos diferentes olhares dos espaços da cidade nos caminhos percorridos pelos alunos;

- O perfil dos alunos dessa escola que, por motivos sociais, econômicos e culturais moram em diferentes bairros e preferem matricular-se nessa escola que, além de ser referência no ensino público de Porto Alegre, localiza-se em um bairro central sendo uma escolha facilitadora para o deslocamento deles na cidade, já que, como dito, boa parte dos alunos vêm de outros bairros da cidade e, uma parcela desses alunos sai da escola e desloca-se para seus empregos, no turno da tarde. Com esse perfil, esse é um aluno que costuma andar pela cidade, usar transporte público, ocupar diversos espaços da cidade, possuindo autonomia de percorrer, analisar e refletir sobre esses espaços;

- A disponibilidade da escola, em participar da pesquisa, pautada pela direção e coordenação com as devidas autorizações. Procurei a direção e a coordenação pedagógica da escola em meados do segundo semestre de 2015 para apresentar o interesse de pesquisa na escola e obter a autorização necessária para que a pesquisa se realizasse;

- A disponibilidade (e braços abertos) do Professor e colega de Geografia, Wagner Innocêncio, para me receber e compartilhar uma turma para que possamos trabalhar os conceitos geográficos já apontados aqui, dentro do conteúdo de estudos de população que será discutido no 3º ano do Ensino Médio.

Os encontros foram semanais, durante o segundo semestre de 2016, por dois períodos, e foram utilizados os períodos da disciplina de *Seminário Integrado*, já que essa foi a única condição dada pela coordenação pedagógica para que não existisse a possibilidade da pesquisa desviar os conteúdos já programados no currículo da Geografia ao longo dos trimestres. A disciplina de *Seminário Integrado* também é ministrada pelo Professor de Geografia e que, gentilmente, abraçou a ideia e se propôs a dividir o espaço da disciplina com a pesquisa.

- O desimpedimento e vontade dos alunos em participar desse projeto. Logo após as reuniões com a direção e coordenação pedagógica, fui encontrar os alunos durante um dos períodos da disciplina de *Seminário Integrado*.

Apresentei a proposta de pesquisa para eles que, durante o ano de 2015, estavam no 2º Ano de Ensino Médio. Conversamos, ainda que superficialmente, sobre como eles enxergam hoje a situação do Idoso e, para minha surpresa, boa parte deles se mostrou interessada no assunto já que possuíam proximidade com os Avós. A totalidade da turma disponibilizou-se a participar, mostrando interesse e já apontando possíveis caminhos para o desenvolver da pesquisa, acrescentando elementos na nossa alquimia metodológica, cujo objetivo é construir com os próprios alunos ideias para a nossa grafia de relações do Idoso com a cidade.

Conforme o esquema metodológico (Figura 2), investiguei os documentos curriculares da Geografia, os arquivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) referentes ao ensino de Geografia, a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Plano Pedagógico do Instituto de Educação General Flores da Cunha no intuito de verificar onde a temática dos Idosos atravessava objetivamente o ensino da Geografia. Não foi surpresa perceber que a terceira idade é tratada de forma superficial, embora represente boa parte da população mundial, estudos que cabem ao currículo de Geografia abordar.

Figura 3 - Esquema rizomático da pesquisa



Fonte: CARDOSO, 2017.

Partindo dessa primeira verificação, o segundo passo foi aplicar procedimentos na tentativa de desestabilizar os conceitos geográficos apresentados nos estudos de população na disciplina de Geografia, conjuntamente com o professor responsável pela turma, verificando se o aluno consegue perceber qual é o espaço do Idoso nos livros didáticos, buscando estabelecer as possíveis leituras com a realidade do aluno.

Os alunos não são estáticos, apresentam contradições e incertezas. Cabe também a nós incentivar para que floresçam e desencadeiem-se novos pontos de interrogação. A partir deles, o aluno poderá criar uma maior autonomia do pensar e, o que é mais importante, um pensar menos preconceituoso e com menos certezas imutáveis. Estar mais aberto ao novo e ao outro (KAERCHER, 2010, p. 136).

Questões como “O que é uma pirâmide etária?”, “O que ela nos diz?”, “Para quem ela diz?”, “Muito mais que uma “barrinha” indicativa, o que ela nos informa?”, “E se ajustarmos nosso foco para o topo da pirâmide, o que podemos ver?”, “Os estudos de expectativa de vida bastam para falar da qualidade de vida da população?”, “O que é a velhice hoje quando nossas relações sociais nos permitem analisá-la sob diversos prismas?”.

Ao procurar analisar todas as possibilidades de forma escalar onde o aluno pudesse enxergar o Idoso, dentro dos estudos de população, em âmbito mundial, nacional, regional e municipal, foram utilizadas algumas ferramentas como busca de dados nas páginas da internet, sites especializados na contagem da população e comparações com o livro didático utilizado na escola.

Após esse processo de desestabilização, busquei apresentar aos alunos, durante os encontros semanais, as multifacetadas da população Idosa através dos diferentes discursos produzidos pela sociedade através da mídia, da política e da economia sobre o Idoso. Analisamos conjuntamente como esses discursos produzem práticas cotidianas, realizando provocações geográficas sobre o pensar o Idoso na contemporaneidade, identificando marcas culturais e históricas de outros tempos e lugares sobre esse grupo social.

Uma das características deste tipo de pesquisa-experimentação é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador. Já, no decorrer do próprio processo de pesquisa, foram compartilhadas, entre a turma, informações, discussões, situações cotidianas que agregaram elementos e acabaram sugerindo caminhos no procedimento metodológico.

Sem perder o rigor, arriscamos investigar, de um modo diferente, as percepções que os Idosos possuem dos espaços públicos de Porto Alegre, através de uma análise comparativa sobre o que o Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre diz ser a cidade e o como os Idosos que vivem a cidade a concebem. Esses foram os caminhos pelos quais optamos realizar nossa Geografia nessa cidade condecorada como Cidade Amiga dos Idosos.

Diante do tensionamento dos discursos sobre o envelhecer em sala de aula e com um olhar mais apurado para os espaços da cidade, a intenção foi propor ao aluno a refletir sobre qual é a percepção do Idoso dos espaços públicos de Porto Alegre e pesquisar como esse sujeito vive esse espaço, procurando estabelecer um mapeamento crítico dos bairros por onde circulam, sob o olhar dos Idosos em relação à cidade, seus espaços públicos, sua infraestrutura, qualidade, mobilidade, lazer e acessibilidade.

Para cartografar coletivamente essas percepções do vivenciar a cidade, elaborando registros sobre os lugares, as pessoas, os fenômenos e as práticas sociais, foi crucial o planejamento de uma saída de campo para a realização da pesquisa.

É fundamental que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender e explicar, compreender e representar os processos de construção de diferentes tipos de paisagem, territórios e lugares (CAVALCANTI, 2013, p.50).

A preparação para a saída de campo ocorreu de forma coletiva, discutimos quais bairros a se pesquisar e quantos seriam os grupos de pesquisa. O campo foi realizado durante o turno da manhã do dia 13 de

outubro de 2016 e teve como base um questionário construído pelos alunos.

Procuramos levar em consideração aspectos como: localização de lugares públicos na cidade onde há respeito e/ou desrespeito ao *Estatuto do Idoso*, as infraestruturas (in)existentes para essa faixa etária, acessibilidade, facilidade ou dificuldades de mobilidade desta população pelos bairros da cidade baseadas no nosso entendimento sobre o *Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre*.

Sendo assim, a observação do aluno em relação aos Idosos, às descrições e às analogias que foram se revelando a partir da nossa alquimia metodológica, nutriram e constituíram a nossa Cartografia Colaborativa digital. Assim, busquei ter como resultado, um objeto de ensino-aprendizagem desenvolvido e construído pelo aluno, concedendo a oportunidade de construir coletivamente um mapeamento e dando-lhes a autonomia para a autoria colaborativa desse objeto de aprendizagem.

Ao aplicar a metodologia de pesquisa-experimentação, considerei a inserção do aluno-pesquisador no meio pesquisado, isto é, no caso da pesquisa, concebi o fato de que os alunos formaram uma equipe de pesquisadores com autonomia para a busca dos dados da realidade. Foi também considerada participação efetiva da população pesquisada, no caso, os Idosos, através das entrevistas conduzidas pelos alunos, que buscaram dar sentido às suas percepções dos espaços da cidade e como eles veem e vivem esses espaços.

Nesse sentido, os alunos coletaram, durante a saída de campo, as informações necessárias que constituíram o mapeamento colaborativo, a partir das orientações estabelecidas em sala de aula. Participar de ações coletivas capazes de promover melhores condições de vida para grupos sociais com base nas potencialidades locais é um dos objetivos de aprendizagem do componente curricular de Geografia para o Ensino Médio, disposto no documento da BNCC.

Foi previsto um mínimo de tarefas a serem executadas ao longo dos encontros, após a saída de campo, na tentativa de estabelecer com o aluno o sentido de autoria, em que, com uma temática, eles coletavam informações

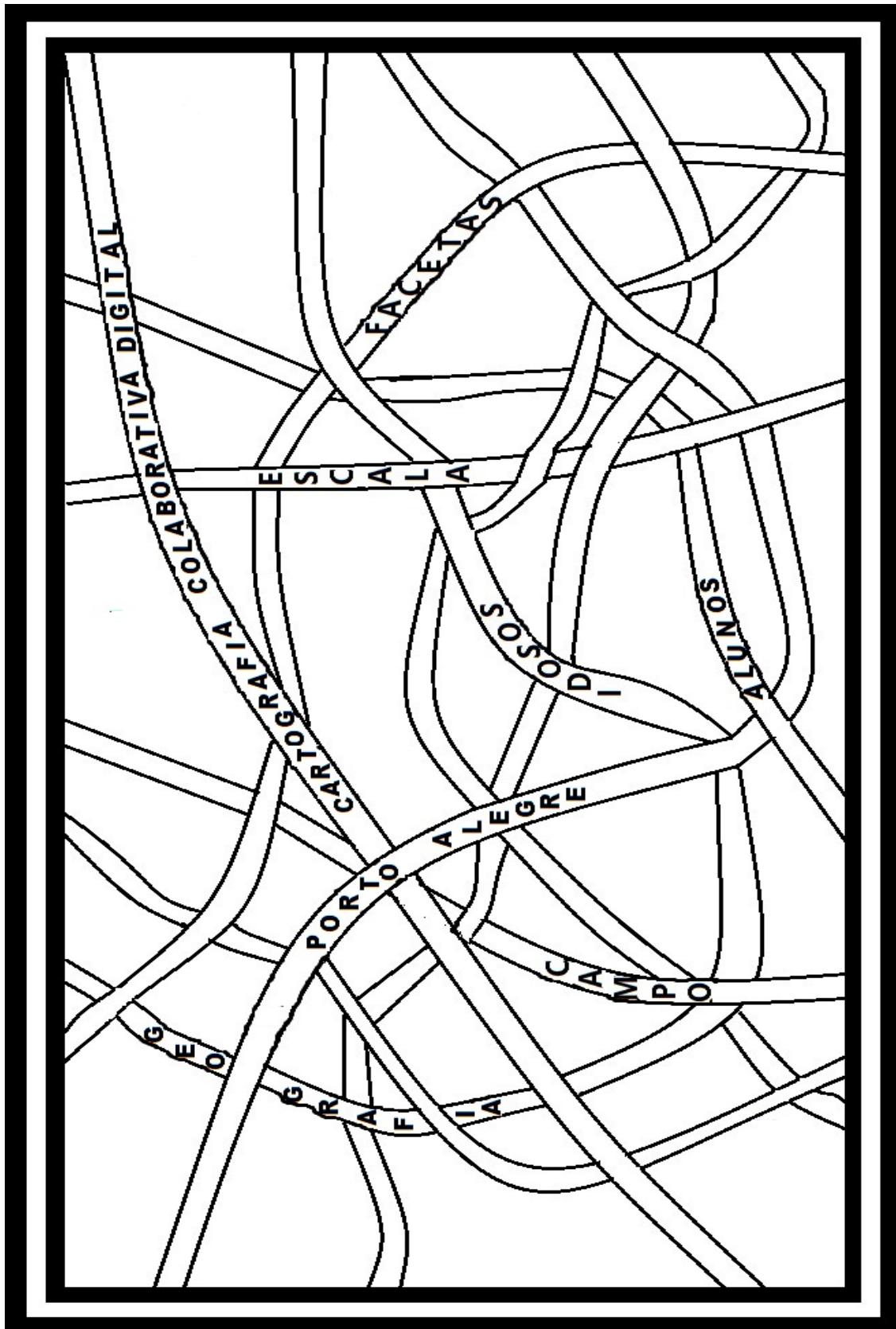
através entrevistas, sites, reportagens, entrevistas, fotografias, vídeos com celular, buscando dados na internet para montar gráficos e construir essa cartografia colaborativa a partir da percepção e observação do Idoso da cidade de Porto Alegre.

Essas informações foram levadas para a sala de aula e fizemos, daqueles encontros, momentos de compartilhar, debater, sistematizar e representar os dados do campo usando imagens, vídeos e gráficos que ajudaram a compor a nossa cartografia. Os dados e informações que selecionamos para compartilhar digitalmente e compor nossa colaboração na cartografia da página da internet *Mapeando o topo da pirâmide* foram analisados conjuntamente pelos alunos que realizaram a pesquisa e, dessa forma, arranjados, levando em considerando a importância daquela informação para representar a totalidade dos nossos estudos.

Todas as informações sistematizadas, referentes à população idosa de cada bairro escolhido na pesquisa da cidade de Porto Alegre construíram o que se denomina atualmente de Cartografia Colaborativa digital, e poderá ser acessada por qualquer um utilizando computador, *tablet* ou celular. Tais dados e informações, bem como todo o material gerado e selecionado em conjunto foram entregues pelos alunos aos administradores da página da internet programada exclusivamente para esse fim.

Além disso, como preconiza o método, a pesquisa é pautada em princípios éticos, pois os resultados serão socializados na Internet, através página da internet da cartografia colaborativa construída pelos alunos, para que todo o grande grupo possa conhecer as condições do viver Idoso na cidade.

Figura 4 - Caminhos percorridos



Fonte: CARDOSO, 2017.

5 METODOLOGIA RIZOMÁTICA DE ENSINO SOBRE IDOSOS

Este capítulo foi tecido a partir das experimentações dos alunos na cidade de Porto Alegre, onde busca mostrar as (in)visibilidades dos idosos na Geografia Escolar e, como reverberações, propõe uma metodologia de ensino sobre idosos no Ensino Médio, lançando a cartografia colaborativa digital como um potencial no ensino e aprendizagem e na leitura da cidade e do mundo.

A escrita está organizada em fases procedimentais realizadas na proposta de metodologia rizomática de ensino dos idosos na Geografia Escolar⁶, traçando alguns destinos, cujas rotas poderão nos oferecer uma cartografia do envelhecimento.

Para dar conta de toda a amplitude que cerca as facetas do envelhecimento do ponto de vista social, em nosso tempo, elegi algumas temáticas abordadas em diferentes ensaios, os quais se encontram interligados por diversas linhas, tal qual um mapa em que várias cidades são conectadas por diferentes estradas.

No desenho, composto de diversos traçados, os caminhos foram percorridos tanto nos nossos encontros quanto na saída de Estudos proposta. Em cada um desses rabiscos dos desenhos, foi possível vislumbrar diferentes facetas da velhice: sua construção enquanto sujeitos sociais, como objeto de intervenção do Estado através das políticas públicas, como apropriação pelo mercado capitalista, como possibilidades de vivência do envelhecimento pelos sujeitos, como objeto imerso nas conjunturas contemporâneas e tantas outras forças que atuaram em nosso percurso cartográfico.

⁶ A proposta de metodologia surgiu da necessidade de planejamento colaborativos/coletivos, visando trocas na docência e refletindo sobre o professor acumulador de horas, com o objetivo de auxiliar o professor no planejamento e execução de aulas com a temática sobre idosos.

Entendendo o rizoma de forma plural e aberta e, após nos perdemos no objeto para que então pudéssemos encontrá-lo, organiza-se a escrita apenas para finalidades didáticas, a seguir as subdivisões da metodologia:

- 5.1 Escala
- 5.2 Facetas
- 5.3 Cidade de porto alegre
- 5.4 Campo
- 5.5 Cartografia colaborativa digital

A escala, conceito fundamental da ciência geográfica, é abordada dentro de um contexto espacial e em um contexto temporal no subcapítulo 5.1. A escala temporal foi importante para o estudo dos fenômenos populacionais que envolviam o tema do envelhecimento, sendo, muitas vezes, aplicada em conjunto com a escala espacial, principalmente para a indicação dos diferentes tipos de envelhecimento, como seus períodos de ocorrência e representações sociais.

Desse modo, as representações sociais permitem-nos perceber as inúmeras facetas que a terceira idade se mostra e é percebida. Envelhecer trouxe modificações no status do Idoso, no seu relacionamento com os outros, e os efeitos deste processo natural do corpo não são homogêneos, ou seja, as pessoas idosas são muito diferentes (FONTAINE, 2000). Esse é fenômeno de grande impacto social e que afeta vários sistemas sociais, como os sistemas de saúde, de educação, de previdência social, mercado de trabalho, etc. É nesse subcapítulo 5.2, denominado facetas, que descreverei a forma com que as diferentes facetas do Idoso foi abordada em sala de aula.

Apesar de ser uma parcela expressiva da população, a terceira idade nem sempre recebe a atenção necessária das políticas públicas. Atentos para a cidade de Porto Alegre, a Capital com o maior número de idosos no país de acordo com o Censo 2010 do IBGE, os alunos pesquisadores puderam perceber que os espaços públicos da cidade possuem infraestrutura ineficiente para atender essa população.

Tal percepção dos espaços públicos da cidade se deu ainda durante os encontros, em que os alunos traziam situações cotidianas identificadas como descuido com as pessoas da terceira idade para discussão e, após a saída de campo, onde, através de uma entrevista realizada com essa parcela da população pelas ruas da cidade, puderam concluir os pontos negativos e positivos da cidade pelo olhar do Idoso.

Foi esse olhar, somado com o olhar do aluno e a coleta de imagens, dados e informações que houve a nossa participação nessa cartografia colaborativa digital da cidade de Porto Alegre, através do projeto *Brasil um país que envelhece?! Saberes e fazeres da Geografia na construção da cidadania*, coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina e desenvolvido numa parceria entre o curso de Geografia da FAED/UDESC, UFSJ e UFRGS. Dessa forma, conseguimos espacializar as percepções da cidade através do olhar do Idoso no site e (re)significar os conceitos e discursos que nos atravessam referente a essa parcela da população que, segundo as estatísticas, está em intenso crescimento.

5.1 Escala

Figura 5 - Mario Quintana, passos que trilham caminhos.



Fonte: LEVITAN, 2004

O desejo de todo pesquisador é encontrar caminhos que vão tecendo possibilidades de se agregar elementos que o levam a um resultado. O resultado, no entanto, é uma espécie de luz no fim do túnel: nunca sabemos, de fato, com o que vamos nos deparar ao chegar lá. O que importa, entretanto, é a análise das possibilidades, o porquê de tais elementos, como se inter-relacionam entre si e os caminhos traçados.

“São os passos que fazem o caminho”, aponta o velho Quintana (1978). Os primeiros passos da pesquisa foram em direção a um caminho mais amplo no intuito de tatear informações que apontassem a direção das curvas que nele se encontravam. Como em uma viagem de carro da Capital para o interior, começamos em uma BR com muitas pistas, um caminho mais espaçoso que apresenta diferentes possibilidades para nossa análise e escolha. Ao longo do trajeto, essa pista vai se estreitando, o olhar necessita ser ajustado e o foco mais preciso.

É uma questão de escolhas, é uma questão de escalas. O termo escala, se analisado superficialmente, pode parecer ambíguo, possuindo significados diversos, em certos aspectos até divergentes entre si. Em princípio, a escala pode ser abordada dentro de um contexto espacial ou em um contexto temporal. Enquanto temporal, seu uso se faz importante, para, por exemplo, analisar as possíveis transformações da paisagem que se consegue observar da janela do carro nessa viagem, pois ela leva em consideração o tempo de duração dos processos. Rapidez, lentidão, ritmo e intensidade são noções a serem associadas a esse processo.

Dentro do contexto espacial, a escala estará sempre presente a qualquer nível de estudos geográficos e cartográficos. Na Geografia geralmente utilizamos estes dois tipos de escalas: um no sentido da medida da proporcionalidade da representação gráfica dos elementos e objetos no espaço, ou seja, “uma fração que indica a relação entre as medidas do real e aquelas da sua representação gráfica” (CASTRO, 1995, p.117) e outro que se refere ao nível de compreensão do estudo geográfico e, nesse caso, chamado de escala geográfica.

Para Castro (1995, p.118), a escala geográfica seria

uma estratégia de aproximação de real, que inclui tanto a inseparabilidade entre tamanho e fenômeno, o que a define como problema dimensional, como a complexidade dos fenômenos e a impossibilidade de apreendê-los diretamente, o que a coloca como um problema também fenomenal.

Santos (1996, p.120) entende a escala geográfica simultaneamente como “um limite e um conteúdo que se transformam ao sabor das variáveis dinâmicas que decidem sobre o acontecer regional ou local”. Nessa abordagem, a escala geográfica contém um espaço-tempo. É nesse sentido, utilizando a escala temporal aplicada em conjunto com a escala espacial, que iniciamos nossa pesquisa sobre os Idosos: partimos daqueles que estão ao nosso redor e no nosso cotidiano para estudamos a Terceira Idade no contexto global, nacional, regional e, como um bumerangue, voltamos ao ponto de partida com outra perspectiva de análise.

O início dessa viagem nos permitiu ser mais amplos e analisarmos o panorama geral do envelhecimento da população através do currículo escolar da Geografia, cuja temática do Idoso é abordada de forma superficial em “estudos da população”, em virtude das dinâmicas demográficas. Esse conteúdo encontra-se, normalmente, no Ensino Médio, no currículo do 2º ano.

Com os percalços enfrentados pela turma no ano de 2014, quando ainda estavam no 2º ano – dentre eles greve por mais de dois meses -, e o conhecimento, por parte do Prof. Wagner desse projeto, cujo intuito era iniciá-lo ainda no primeiro trimestre de 2016, fizeram com que a somatória dessas circunstâncias resultasse na abordagem desse conteúdo em Geografia paralelamente com os primeiros encontros da pesquisa. Esse foi um facilitador para iniciarmos nossos estudos sobre a população Idosa.

Meus primeiros encontros com os alunos foram dedicados em facilitar a compreensão sobre quais são os marcos legais que colocam o sujeito na Terceira Idade, o panorama social e cultural, as importâncias e preocupações que circundam essa população dentro das dinâmicas demográficas mundiais. Para tal, foram necessários 4 encontros de duas horas/aula para dar conta

dessa imensa temática que, na Geografia, esconde-se atrás do topo da pirâmide etária.

Pode-se falar, segundo Levet-Gautrat (1995), em diversos tipos de idade: cronológica, jurídica, física e biológica, social e psico-afetiva. Embora haja uma classificação para as idades, percebemos que cada sujeito as mantém atreladas, cada um respondendo as suas especificidades.

A idade cronológica é aquela que marca o tempo, pois é ela que está registrada nos nossos documentos e que aponta a época de nascimento do sujeito. Ela está atrelada à idade jurídica, que, por sua vez, ajuda a determinar a idade em que o indivíduo se insere, decretando fases da vida em que assume determinados compromissos, direitos e deveres na sociedade onde vive.

A idade física e biológica está relacionada com a biologia, com o envelhecimento orgânico do corpo e ritmo a que cada indivíduo envelhece. Fatores internos e externos ao sujeito podem marcar um ritmo mais ou menos acelerado de envelhecimento orgânico. É nessa perspectiva que se encontra boa parte das pesquisas científicas relacionadas à pessoa idosa: seu processo de envelhecimento orgânico associado com questões de saúde e comportamentais.

Já a idade social refere-se ao papel, estatutos e hábitos da pessoa. É como ela se enxerga dentro das máscaras sociais e sua preservação dentro do valor social. Na Terceira Idade, a identidade está sujeita a muitas tensões e, uma delas, é entre “ser” e “ter sido”: a lacuna onde o que são e o que foram, procurando buscar um novo papel de valor na sociedade. Nota-se que, enquanto for possível, as pessoas que envelhecem preferem definir-se a distância dessa identidade estigmatizada e desvalorizada, na qual preferem não se reconhecer.

A idade psico-afetiva tem a ver com a vivência, as experiências e as competências comportamentais que o indivíduo mobiliza em resposta às alterações do meio ambiente, refletindo a sua personalidade e emoções. Com o avanço da idade cronológica, a vinculação com o mundo tende a se tornar problemática:

Quanto mais velha eu fico, menos consigo fazer as coisas. O que parecia ser fácil antes passa a ser mais difícil. Os lugares que frequentava perde a graça. Não é o lugar na verdade. Sou eu que “não combino mais” (Maria⁷, 2016).

Essa explanação sobre as diferentes percepções da idade humana foi o tema do nosso primeiro encontro efetivo para a introdução da pesquisa. “Efetivo”, pois foi a partir dele que nossos estudos iniciaram. Os encontros anteriores com a turma, marcados por grandes espaços de tempos devido à greve, às ocupações e, inclusive, a uma mudança de endereço da escola, não foram levados em consideração para pesquisa, embora tenha sido de suma importância para aproximação dos alunos com a pesquisa.

O segundo encontro, extremamente dentro da Geografia Escolar tradicional, baseou-se no estudo das dinâmicas populacionais, buscando a compreensão por parte dos alunos sobre o quanto a evolução do perfil da população de um país é fundamental para a condução das políticas públicas nas áreas da saúde, educação, habitação e sistema previdenciário. Nesse cenário, nos atentamos mais nas áreas da saúde e sistema previdenciário, uma vez que são nessas áreas que o Idoso acaba por se tornar um “peso”.

Ao analisarmos as dinâmicas populacionais, a turma pôde perceber as transições demográficas que aconteceram a nível mundial a partir da década de 30. Em muitos países, devido ao avanço da medicina, a taxa de mortalidade passa a diminuir embora a taxa de natalidade continue elevada. A conceituação das “taxas” havia sido trabalhada durante as aulas de geografia não sendo, então, conteúdo novo para os alunos.

Percebe-se que as transformações sociais, os períodos entre guerras e o avanço das tecnologias refletem diretamente na evolução demográfica do mundo. Essa leitura pode ser feita através das pirâmides etárias, gráficos cuja forma se assemelha com uma pirâmide. Dados como idade, sexo e o contingente populacional são enquadrados por grupos de idade. A leitura de uma pirâmide etária nos traz muitas informações, tais como o desenvolvimento de determinado país e reflexos de sua economia.

⁷ Nome fictício. “Maria” é a representação de uma das Idosas entrevistadas durante a saída de estudos (vide subcapítulo 5.4 que se refere ao campo).

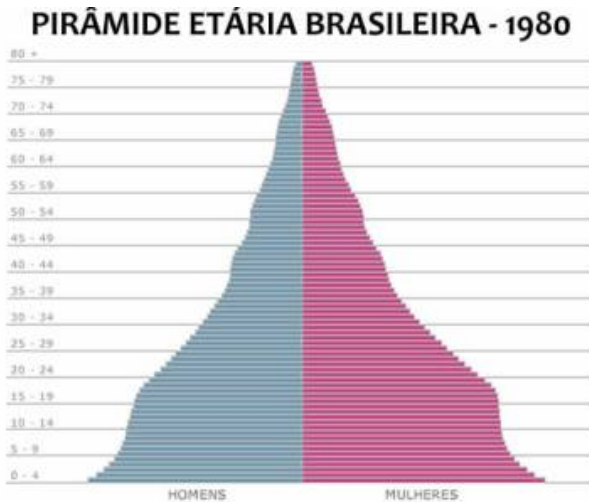
Nesse sentido, a elevada porcentagem de Idosos é um ônus para o Estado, visto que se aumentam os gastos com a aposentadoria e com os cuidados com a saúde. Além da idade biológica se mostrando como um fator degradante do sujeito, a idade social e psico-afetiva é afetada quando ele se percebe sendo um “ônus” para a sociedade. Ou seja, tudo se encontra emaranhado tal como um rizoma.

Esse panorama geral sobre as dinâmicas demográficas e o envelhecimento da população foi o que nos deu instrumentos para, a partir do terceiro encontro, focar um pouco mais na nossa temática. A partir dele, passamos a analisar o envelhecimento populacional brasileiro e suas consequências para as políticas públicas, os discursos sociais e as percepções dos alunos sobre a realidade desta população.

Durante essa aula, a turma compreendeu que a dinâmica populacional corresponde diretamente ao processo histórico e de transformações sociais do contexto brasileiro. A industrialização, a urbanização e novas conquistas no campo de prevenção de doenças e a revolução na área da saúde proporcionou o aumento da expectativa de vida dos brasileiros. Em meio século (1960-2010), a expectativa de vida da população brasileira aumentou 25,4 anos passando de 48 anos para 73,4 anos. O resultado da somatória dessas variáveis culminou na rápida mutação da estrutura etária brasileira.

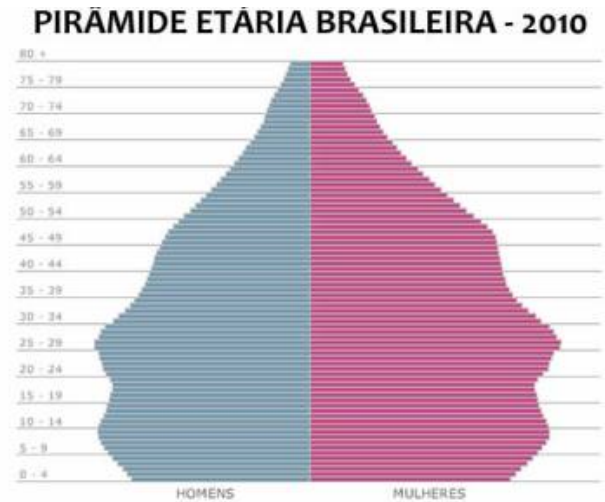
A participação relativa dos idosos na população total, no entanto, vem aumentando significativamente: em 1980, como percebemos no gráfico 4, as pessoas com mais de 60 anos de idade representavam apenas 6% da população brasileira, enquanto, segundo dados do IBGE, em 2010 (gráfico 5), a representatividade dessa população passou a ser de quase 11%. Durante essa aula, foi utilizado, como recurso pedagógico, o projetor. Ele foi indispensável para a apresentação das figuras abaixo, analisadas durante o encontro.

Gráfico 5 - Pirâmide etária brasileira 1980



Fonte: IBGE, 2010

Gráfico 4 - Pirâmide etária brasileira 2010



Fonte: IBGE, 2010

Buscamos, nessa aula, analisar o envelhecimento populacional do Brasil ao longo dos anos para, assim, nos situarmos na atualidade: o que significa e o que poderá vir a significar o crescente número da população idosa no nosso país, já que, segundo previsões do IBGE, o percentual de idosos na sociedade brasileira chegará há quase 34% em 2060 (gráfico 6), ou seja, em pouco mais de 40 anos.

Gráfico 6 - Pirâmide etária do Brasil em 2060



Fonte: IBGE, 2013.

Minayo (2011, p. 21) aponta que a população do Brasil cresce cerca de 1,2% ao ano, porém a população com mais de 60 anos de idade aumenta anualmente cerca de 3%, sendo mulheres a maioria. É nesse panorama de recentes alterações no padrão demográfico brasileiro que se agrava a crise estrutural do sistema previdência social no país, mais uma turbulência para o governo não democrático do então Presidente Temer.

Essa redefinição da pirâmide etária tem corroborado para o surgimento de novas formas de sociabilidade, assim como para a construção de uma nova imagem para o processo de envelhecimento. Nesse sentido, percebe-se que os símbolos da velhice vão se refigurando já que agora os indivíduos tendem a viver mais. A sociedade acaba criando o que chamo de visibilidade construída.

É notável a movimentação do mercado de consumo diante essas mudanças. Nele, o idoso passou a ter significativa importância. Novas expressões começam a ser utilizadas para representar essa fase da vida: “melhor idade” e “idade do lazer” assumem o lugar da velhice. É através desses jogos de valores em que a população da terceira idade beira entre a visibilidade e a invisibilidade social: por um lado são ônus. De outro, uma espécie de bônus.

Se antes a velhice era concebida como um período de sucessivas perdas, com o aumento da expectativa de vida e o número de pessoas idosas na sociedade, ela passou a ser entendida como uma fase a ser aproveitada. Afinal de contas, é por essa perspectiva que se abre uma nova parcela de mercado.

Os serviços especializados para a população mais velha como asilos, casas de repouso, atividades recreativas (canto, dança e esportes) e educação continuada (sobretudo aulas de informática e de línguas) consistem um mercado de rápida expansão no Brasil. A indústria do turismo, por exemplo, já descobriu esse filão: na baixa temporada, os idosos chegam a se tornar a maioria, já que não têm filhos em idade escolar e podem aproveitar os descontos oferecidos pela maioria das agências.

Foi abordada com a turma a perspectiva do sociólogo Zygmunt Bauman (1998) sobre a sociedade contemporânea que é voltada para o consumo, cujas

identidades não são fixas e permanecem instáveis e flutuantes. Podemos dizer que a sociedade de consumo como a nossa, as identidades são transformadas em bem de consumo, materializando-se nos produtos e serviços oferecidos pelo mercado. Nesse sentido, o termo “melhor idade” mascara-se de um selo de qualidade de vida na velhice.

O interessante de ter trabalhado com essa abordagem foi perceber neles o interesse para entender melhor as dinâmicas desta sociedade de consumo, identificando o quanto estamos articulados a uma rede muito bem construída de discursos. Nesse sentido, a BNCC dispõe que o aluno do terceiro ano do Ensino Médio necessita

CHG3MOA013 debater (caso tu tires aquela parte, debater fica fatos, situações e processos que evidenciam relações entre o consumo, avaliando como políticas públicas e ações do setor privado influenciam movimentos populacionais e geração de emprego e renda, ampliando ou reduzindo assimetrias regionais (Brasil – BNCC, p. 283).

Nosso quarto encontro baseou-se na análise da população da terceira idade no Rio Grande do Sul para que isso possibilitasse entendermos, no encontro seguinte, a população idosa de Porto Alegre. Ainda, segundo os dados do censo de 2010, 13,6% da população gaúcha era formada por idosos, sendo o Estado com a maior proporção de idosos, enquanto Porto Alegre foi a Capital do Brasil em número percentual de idosos com 15,04%.

Para tal, utilizei dados do relatório estadual *Idosos do Rio Grande do Sul: Estudo Multidimensional de suas condições de vida*, pesquisa realizada através da parceria entre o Conselho Estadual do Idoso e quatorze Universidades gaúchas, contando ainda com subsídios do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa possibilitou o levantamento e análise de dados para o conhecimento da situação dos idosos no Estado e, assim, servir como oportunidade para criação, implantação e desenvolvimento de políticas sociais adequadas para essa faixa etária.

Os dados escolhidos para análise foram dados passíveis de comparação à realidade brasileira, para fazer gancho com os estudos anteriores realizados

com a turma. Sobre a renda individual do Idoso gaúcho (Tabela 1), os alunos perceberam que quase metade da população recebe entre um a dois salários mínimos, mas destacam-se, também, duas variáveis: cerca de 6% da população idosa recebe nove salários mínimos ou mais, porcentagem relativamente alta se compararmos com a realidade brasileira onde apenas 1,2% da população idosa recebe o mesmo salário (IBGE, 2010).

Engraçado... conheço várias pessoas mais velhas que pagam as contas da casa que vivem com filhos e netos. Se de famílias que, inclusive, pede dinheiro emprestado pra essas pessoas. Sempre tive a impressão de que as pessoas mais velhas tinham dinheiro já que os Avós vivem enchendo os netos de presentes (Mariana D., 3º Ano, 2016).

Tabela 1 - Distribuição dos idosos pesquisados, segundo a sua renda individual mensal – 1995

SALÁRIOS MÍNIMOS	RENDA INDIVIDUAL		
	FREQUÊNCIA		MARGEM DE ERRO
	Absoluta	Percentual	
Menos de 1 salário mínimo	214	2,74	0,37
1 a menos de 2 salários mínimos	3.839	49,08	1,13
2 a menos de 3 salários mínimos	1.024	13,09	0,76
3 a menos de 4 salários mínimos	444	5,68	0,52
4 a menos de 5 salários mínimos	265	3,39	0,41
5 a menos de 6 salários mínimos	219	2,80	0,37
6 a menos de 7 salários mínimos	137	1,75	0,30
7 a menos de 8 salários mínimos	102	1,30	0,26
8 a menos de 9 salários mínimos	91	1,16	0,24
9 salários mínimos ou mais	433	5,54	0,52
Não tem renda	814	10,41	0,69
Não sabe/Não respondeu	239	3,06	-
TOTAL	7.821	100,00	-

Fonte: Relatório preliminar Estatuto do Idoso, 2012.

Mas há, ainda, os Idosos que não possuem renda. Esses vivem com a família, na maioria dos casos.

Ahhh..! Mas minha Vó... nunca trabalhou. Quem trabalhava era meu Avó, como pedreiro, pintor, essas coisas. Ela cuidava dos filhos, da casa. Foi assim a vida toda. Quando meu avô

morreu, ela foi morar com um filho e com outro e assim foi. Até que minha Tia precisou de alguém para cuidar dos filhos e agora ela tá lá. Depende do dinheiro da minha Tia para tudo. Até pra um chinelo (Matheus, 3º ano, 2016).

Outros quesitos como questões de saúde, moradia, sociabilidade também foram discutidas durante essa aula. A intenção de conduzir as aulas de forma escalar foi um planejamento para que, quando chegássemos a estudar sobre a cidade de Porto Alegre, os alunos já tivessem conhecimento e familiaridade com o assunto. Portanto, após análise de dados e censos, passamos para uma fase que nos apresentou infinitas possibilidades, pois passamos a descobrir as diferentes facetas que o sujeito Idoso apresenta para a sociedade.

5.2 Facetas - Estudos Culturais

Envelhecimento: tornar(-se) velho; processo de envelhecer (LUFT, 2000). Processo feliz ou doloroso, lento ou rápido, visível ou invisível? A compreensão desse processo faz da velhice objeto de inúmeros pesquisadores, principalmente na área da saúde e social. Há tempos, que o envelhecimento do corpo humanos e suas (des)construções são motivos de reflexão da sociedade.

Ao longo dos tempos, o conceito de envelhecimento e as atitudes perante os idosos têm vindo a mudar e refletem, por um lado, o nível de conhecimentos sobre a fisiologia e anatomia humanas e, por outro lado, a cultura e as relações sociais das várias épocas (PAÚL; TELES, 2006, p. 19).

E é exatamente através da perspectiva sobre a cultura e das relações sociais, sob a lente do campo de estudos dos Estudos Culturais, que emerge para nossa pesquisa a intenção de aprofundar conhecimentos, compreender o processo do envelhecimento sob o prisma de diferentes discursos, construir relações com a Geografia e os estudos das populações, analisar as diferenças

culturais que implicam nos diversos tipos de envelhecer, entender as políticas públicas voltadas para essa população e perceber, através do nosso lugar, o lugar do outro.

Esse momento da pesquisa foi o grande momento motivador para a turma. Os encontros de aprendizado sobre a população Idosa, os diferentes panoramas e discursos foi o que despertou interesse nos alunos para a temática. Essa fase da pesquisa aconteceu durante sete encontros semanais, onde, a cada encontro, havia uma atividade e momentos de reflexões e trocas de experiências.

Tem-se discutido, cada vez mais, o papel da Geografia Escolar na formação do ser humano ao fazer com que o aluno compreenda o contexto local dentro de uma lógica global. Ao partirmos de uma visão de um panorama global sobre o estudo do envelhecimento da população para o local – realidade dos alunos-, como foi o movimento da pesquisa (vide capítulo “escala”), realizamos, também, o movimento contrário na tentativa de interpretar as diferentes facetas que a Terceira Idade nos apresenta.

Defensora, desde a graduação em Licenciatura em Geografia, da utilização de diferentes linguagens para se ensinar e se aprender Geografia (literatura, fotografia, música, quadrinhos, cinema, pinturas, mapas, gravuras, charges, textos jornalísticos, etc), fiz o possível para que, dentro das possibilidades e dificuldades da escola pública, os alunos tivessem contato com distintos meios de aprendizado, visando aproximar o cotidiano do aluno com as experiências em sala de aula, auxiliando na compreensão dos espaços, das redes de movimentos.

Alternativas de linguagens diferentes sobre o mesmo tema nos faz perceber os distintos ângulos de onde a Terceira Idade é observada e nos permite perceber inúmeras visões que a sociedade contemporânea constrói sobre o Idoso. Castrogiovanni (2007) diz que, com práticas diferenciadas e prazerosas, que estejam carregadas de significados, chega-se aonde se quer.

As aulas se dividiam em momentos, com uma estrutura previamente definida. A cada aula buscava-se ter uma temática definida e assim avançando e complementando as aulas, uma após a outra. O momento inicial dava-se com

a introdução da temática e a explanação do motivo da escolha. Ainda que, em boa parte dos encontros, os próprios alunos já iam dando o tom da temática da próxima aula, sempre havia o momento de introdução e abordagem com intuito de criar um ambiente favorável para o início das tarefas.

Quando falo de ambiente favorável, refiro-me à estrutura da sala para facilitar as tarefas e as discussões. Ora organizávamos a turma em grupos, ora em um círculo para que todos pudessem debater a temática e, quando havia a necessidade de recursos audiovisuais, preparávamos os equipamentos, luz e som.

O momento da tarefa abrangia a realização da atividade central do dia, programada em torno de uma questão sugerida pela própria turma ou previamente pensada e estipulada por mim. Evidentemente, sempre que ocorressem emergentes grupais destoantes do tema, esses eram objetos de consideração até que fossem superados e permitissem o retorno à tarefa programada, se fosse o caso.

Por último, o momento da reflexão tomava como objeto da aula, a experiência ocorrida, em todos os seus aspectos, o conteúdo da tarefa, os acontecimentos deflagrados em torno dela, os relacionamentos entre os participantes com a população estudada. Tratava-se da ocasião da passagem da experiência para o plano intelectual, quando o pensamento e a linguagem predominavam e procurava-se, na reflexão individual, construir coletivamente um conhecimento daquilo que havia ocorrido no encontro.

No primeiro encontro dessa fase, buscando incitar o debate como forma de desestabilizar nosso olhar para o Idoso, utilizei como linguagem o recurso audiovisual. Como ferramenta de reflexão, procurei dar enfoque ao estudo das produções de discursos sobre o Idoso e a velhice na atualidade, através do recurso da propaganda. A escolha da propaganda, como recurso didático, se deu por perceber que a sociedade contemporânea possui uma forte tendência ao uso disseminado e incontrolado das imagens (TONINI, 2013). Compartilhadas por diferentes formas de mídias, elas acabam por construir sentidos coletivos e discursos hegemônicos.

Considerando o fato de que a sociedade está imersa em discursos, os quais constituem os sujeitos, seus modos de dizer, pensar e agir no mundo, e que são responsáveis pela construção de sistemas simbólicos, que organizam sentidos compartilhados socialmente, sentimo-nos impelidos a estudar como a velhice é representada em um desses discursos, por acreditar que, na sociedade contemporânea, a informação é uma forma de poder-saber (FOUCAULT, 2002).

Ao assistirem a um vídeo de 1:39 min. da campanha *Break Free*⁸ da marca alemã Adidas, tão conhecida pelos alunos, a reflexão gerou em torno das impossibilidades que muitas vezes são impostas através de regulamentos e normas à população Idosa. O cenário da campanha é em um lar de Idosos, onde os sujeitos são expostos a uma “mesmice cotidiana”: dormir, comer, assistir televisão. Onde Senhoras fazem tricô, Senhores jogam xadrez, sendo impossibilitados de sair daquele local pelos servidores.

Até que uma propaganda se passa na televisão - em um dos momentos em que o lazer é assistir programas de televisão coletivamente -, onde todos permanecem indiferentes em uma sala. Despertou, em um dos moradores Idosos, lembranças do passado em que era Maratonista. Recuperando a vontade de correr, ele encontra seu tênis velho (da marca Adidas, logicamente) e prepara-se para o treino. Quando chega à porta, em direção à rua, é impedido pelos enfermeiros locais. A cena se repete diariamente na vida desse sujeito, sendo assistida pelos companheiros de casa, em silêncio. Mesmo sendo impedido, dia a dia, ele não desiste.

Todos os moradores Idosos, em silêncio, compartilham da dor de o outro ser impedido. Impedido de treinar ao ar livre, como nas lembranças do passado. Impedido de usar o espaço da cidade, sendo obrigado a correr pelos corredores do lar. Ou seja, todos, de certa forma, são impedidos de realizar qualquer tarefa que não seja as que compõem a rotina daquele lar. E os servidores seguem firmes, nos seus papéis de poder onde “cuidar”, “medicar” e “impedir” são verbos que se misturam nas ações cotidianas.

⁸ “Libertar”, tradução livre. Campanha da marca Adidas lançada no canal Youtube em 15 de agosto de 2016 na Alemanha e logo após nos Países onde a marca é referencia em moda esportiva. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=gXfLI3qYy0k&app=desktop>.

Percebendo suas impossibilidades cotidianas, após assistirem a uma enfermeira segurando o sujeito maratonista e retirando-lhe o tênis para colocar dentro de um armário cadeado, os outros Idosos resolvem realizar uma ação de resistência: durante a noite conseguem abrir o armário, recuperar o tênis e o devolvem ao dono. Na manhã seguinte, a cena tende a se repetir, mas, para surpresa dos servidores locais e do próprio Idoso maratonista, todos os outros Idosos do lar o apoiam.

Chega o momento de ruptura. Ruptura da cena, ruptura das normas e dos micro-poderes (FOUCAULT, 2004) onde, com uma espécie de barreira humana, os Idosos, moradores do lar, invertem a ação. Dessa vez, são eles que impedem os servidores de chegar à porta de saída permitindo com que, finalmente, o morador seja liberto fazendo jus à chamada da publicidade.

Os alunos, ao se deparem ora com os papéis dos Idosos, ora com os papéis dos servidores passaram a refletir sobre o que são impedidos (e o que impedem) na atualidade e como situações como essas vão se transformando ao longo da vida, dependendo do contexto. O relato de uma das alunas foi bem esclarecedor sobre como ela se percebeu no papel da Enfermeira, na propaganda:

Meu avô sempre gostou muito de viajar de avião com a minha avó. Depois que ela faleceu, volta e meia ele pegava o ônibus e ia passar à tarde no aeroporto vendo os aviões chegarem e partirem. Isso emocionava ele de tal forma que sempre ficava no aeroporto horas e horas. Uma vez, em uma dessas idas, ele se perdeu. A família inteira ficou o dia inteiro procurando. Depois dessa vez, não deixamos mais ele ir sozinho no aeroporto. Eu, quando tinha tempo (era mais nova né Sora), até tinha tempo. Mas agora tenho que trabalhar e ninguém tem mais tempo. Então ele não pode ir mesmo. Antes, ele até fugia. Quando a gente via, ele tava chegando. Dizia 'tava lá no aeroporto'. Mas agora a gente impede mesmo (Júlia, 3º ano, 2016).

Compartilhando de relatos parecidos, todos os alunos tinham, em algum momento da vida, impedido alguma pessoa Idosa de determinada ação achando que ou estavam zelando por essa pessoa ou ajudando. A narrativa a seguir mostra isto.

Meu avô mora em um lar de Idoso também. Agora ele se acostumou mas antes era um Deus nos acuda! Ele queria fugir todos os dias dizendo que as velhas queriam ‘agarrar’ ele. A gente (da família) dizia que ele não podia sair dali, que era o melhor pra ele. Mas, agora, pensando bem Sora, talvez era melhor pra gente (da família) e não para ele (Mateus, 3º ano, 2016).

Percepções da perda da autonomia ao longo da vida foram tocando os alunos e as reflexões coletivas foram se construindo em torno do questionamento sobre onde participamos da exclusão social desses sujeitos. Relacionando a exclusão social com a constituição da velhice, Mannoni (1995, p. 17) observa que é exatamente a imposição de abandonar a vida ativa que marca, para o sujeito, a entrada na velhice. O autor comenta que

os fatores econômicos, sociais, culturais não são estranhos ao modo pelo qual o envelhecimento será bem ou mal percebido. O limite entre o normal e o patológico não é, com efeito, fácil de estabelecer. Esses limites não são dados pelos próprios sujeitos, mas, sim, pelo o que a sociedade acaba por impor.

Nesse sentido, o relato de outra aluna veio a dar exemplo ao meu embasamento teórico:

[...] se reuniu os filhos dela, irmãos da minha mãe e foi decidido que iriam colocar a Vó em uma clínica Geriátrica. Ela, que sempre gostou de ir aos bailes (eu mesma já fui a muitos bailes com ela), não se adaptou. Queria mesmo era sair de lá. A gente chegava lá e ela dizia ‘quero é ir me embora daqui! Aqui só tem velho! Vou é acabar ficando velha também!’. Na época eu ria, achava engraçado. Mas depois da gente ver tudo isso em aula, percebi que se ela não se achava velha, que direito a gente tinha de dizer que ela era velha? Agora percebo que ela tinha razão. Depois de tanto tempo ficando lá forçada, ela acabou ficando “velha” mesmo (Lyandra, 3º ano, 2016).

De fato, encarar a face da velhice passando pelo corpo em uma sociedade como a nossa é vivenciar o estranhamento desse outro que habita em nós. Simone de Beauvoir (1990) diz que a velhice é sempre o outro, pois o

sujeito não a imagina em si mesmo. Para ela, o velho dificilmente se vê como tal, e o jovem ignora a velhice que já reside em seu corpo.

A observação da aluna em relação ao estranhamento da Avó com o ambiente em que vivia, em um tom de voz claramente de chateação, foi o que nos permitiu escolher a temática do próximo encontro, cujos alunos se mostraram interessados em entender qual era a imagem que a sociedade, em geral, tinha do Idoso. *Apenas um velho coitado ou um velho que aproveita a vida, como a minha Avó?* – pergunta a aluna.

A segregação social, a exclusão, o mercado de trabalho, os discursos das mídias, os nichos de mercado passaram a ser alvo da pesquisa dos alunos a partir desse momento. A cada encontro, gerava-se temática a ser estudada nos próximos encontros, conforme a necessidades de reflexões dos alunos perante o seu próprio cotidiano, como apresenta o excerto a seguir.

Nunca tinha pensando, Sora, o quanto deve ter sido difícil pro meu Avô deixar de fazer o que ele gosta (ir no aeroporto) porque tinha que pedir dinheiro pra nós e o quanto era difícil pra ele ter que pegar dois ônibus até lá (Júlia, 3º ano, 2016).

O nosso segundo encontro foi marcado pela leitura da reportagem “Nem todas as velhices são iguais” dada pela jornalista Viviane Bevilacqua ao Diário Catarinense⁹. Tal recorte jornalístico foi escolhido para aula após a indagação dos alunos quanto à imagem do Idoso perante a sociedade e perante as próprias famílias. De acordo com Viviane,

[...] a mídia retrata o envelhecimento de duas maneiras: ou evidencia aqueles idosos muito pobres, que ficam na porta dos hospitais esperando atendimento e não conseguem, não tendo seus direitos básicos assegurados; ou mostra, principalmente nos últimos anos, aqueles idosos que fazem tudo e que têm uma vida da qual todos gostariam: praticam esportes, viajam pelo mundo (DIÁRIO CATARINENSE).

⁹ Jornal de grande circulação do Estado de Santa Catarina ligado ao Grupo RBS.

Essa dualidade, segundo a jornalista, acontece pelos interesses midiáticos. Ou se vinculam reportagens sobre o envelhecimento que enfocam em tratamentos médicos e prevenção de doenças causadas pelo envelhecimento do corpo na tentativa de prolongar a vida no que ela chama de “velhice saudável” ou se vinculam propagandas mostrando Idosos joviais e felizes para tentar abarcar um nicho de mercado. O grande problema dessa cisão entre as duas diferentes imagens propagadas de velhice é que a última encobre a primeira. É sabido que nossa sociedade abriga um grande número de idosos abandonados, (sobre)vivendo na extrema pobreza e atribulados por grande incidência de doenças.

No entanto, segundo os alunos, nenhuma representa a maioria dos idosos, como exemplificado a seguir.

Meu Avô não tem uma saúde maravilhosa. É normal né gente, afinal, ele é velho! Mas também não sai fazendo cruzeiro por aí, só porque está aposentado. Ele faz coisas normais ué... vai no banco, no mercado, na casa dos amigos e volta pra casa (Vidart, 3º ano, 2016).

Para os alunos, esse é o retrato de uma Terceira Idade que leva uma vida comum: faz atividades cotidianas como uma caminhada, que vai ao supermercado e à farmácia, que gosta de ir ao cinema e que não tem condições de fazer grandes viagens, mas que não é necessariamente uma pessoa doente.

Durante esse encontro, um aluno nos falou de um vídeo do canal Parafernália¹⁰ no Youtube¹¹, em que um Senhor procura uma farmácia em busca de um medicamento para Alzheimer. Segundo ele, o vídeo possui um conteúdo de humor, mas que nos faz refletir os preconceitos cotidianos com a Pessoa Idosa. E essa foi a proposta que ficou para o próximo encontro: o Idoso em uma sociedade de exclusão.

¹⁰ Canal de vídeos de humor no site Youtube.

¹¹ YouTube é um site que permite que os seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital.

Os canais da Youtube são bem procurados por essa geração Z¹², geração do qual esses alunos do 3º ano fazem parte. Vídeos de humor, imagens “memes” de internet¹³ são sempre comentados durante as aulas. O compartilhamento de conteúdos entre os alunos durante a pesquisa e o (re)direcionamento das mídias utilizadas durante as aulas sempre levaram em consideração esse contexto midiático do qual eles estão inseridos.

Muitas crianças e jovens crescem em ambientes altamente mediados pela tecnologia, sobretudo a audiovisual e a digital. Os cenários de socialização das crianças e jovens de hoje são muito diferentes dos vividos pelos pais e professores. Os resultados dessa ação abrem um amplo mundo de possibilidades cada vez mais interativas (SANCHO, 2006, p. 19).

Curiosos em assistir ao vídeo do qual o colega citou, o planejamento da aula seguinte baseou-se nesta expectativa dos alunos somado à questão da exclusão que foi levantada durante a aula. Para essa aula, além do vídeo, foi entregue aos grupos uma reportagem da revista *Super Interessante*, da editora Abril, cujo título era “Porque os velhos são mais sábios¹⁴”. Esses dois recursos pedagógicos foram utilizados como contraponto um do outro.

O vídeo de 2:47 minutos mostrava, ainda que com um toque de humor, algumas inconveniências vividas pela população Idosa no seu cotidiano e as dificuldades que outras gerações têm ao lidar com isso. Ao ter certo embaraço em solicitar um medicamento correto para um atendente em uma farmácia, o Idoso representado na cena, ainda tinha que lidar com a impaciência do atendente mais jovem que, ao tentar adivinhar a medicação necessária, pressionava o Idoso a ter uma memória mais precisa.

¹²Essa geração, que compreende os nascidos entre o fim de 1992 a 2010, está ligada intimamente à expansão exponencial da internet e dos aparelhos tecnológicos. As pessoas da Geração Z são conhecidas por serem “nativas digitais”, estando muito familiarizadas com a World Wide Web, com o compartilhamento de arquivos, com os smartphones, tablets, e o melhor de tudo: Sempre conectadas.

¹³Meme é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no “mundo da internet”, referindo-se ao fenômeno de “viralização” de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc, que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade.

¹⁴ Reportagem de 20 de fevereiro de 2006. Link <http://super.abril.com.br/comportamento/porque-os-velhos-sao-mais-sabios/>

Por vezes, acostumados por ter um ritmo acelerado como Chaplin em *Tempos Modernos*¹⁵, não percebemos o quanto não prestamos a atenção nas pequenas coisas. Não só nas pequenas coisas como no outro. Parar para ouvir, conversar e respeitar o ritmo de cada um torna-se uma tarefa cada vez mais árdua. É comum, entre as observações de pessoas Idosas, a denúncia do descaso sentido em relação às pessoas mais jovens.

Para alguns, sou mais um objeto que está na sala. 'A vó fica no sofá', devem pensar. Claro que fico! Ninguém me leva pra outro lugar! Passam pra lá, passam pra cá e a Vó continua no sofá. Será que vão perceber quando ficar só o sofá?

Reclamou certa vez minha Vó, referindo-se a minha geração de primos, todos na adolescência.

Esta visão do descaso por pessoas mais jovens, sejam elas adolescentes ou adultos, acabam por afetar psicologicamente pessoas da Terceira Idade. É comum elas sentirem abandono, solidão, e queixarem-se da falta de paciência com o ritmo social mais lento que possuem. O excerto a seguir evidencia isso.

Tinha que ser velho' disse uma vez meu Pai quando estava com pressa no trânsito e uma Senhora estava atrapalhada para atravessar a rua, segurando sacola, bengala e guarda chuva (Ariadne, 3º ano, 2016).

Muitas das atitudes de impaciência são comuns em relação ao envelhecimento, pois, de um modo geral, os idosos são considerados conservadores, inflexíveis, passivos, com doenças físicas e mentais. Essa generalização acaba por reforçar os mitos e estereótipos da pessoa na Terceira Idade, chegando a verificarem-se muitas atitudes discriminatórias que afetam esta camada da população.

Em contrapartida, a reportagem traz uma ideia de como todos nós podemos aprender com as pessoas mais velhas que, por questões de

¹⁵ Filme de Charlie Chaplin (1936) que discute o ritmo acelerado da vida moderna que segue o fluxo da produção em série.

vivências, são mais sábias. Nela, o neuropsicólogo russo-americano Elkhonon Goldberg defende que a sabedoria é uma forma de processamento mental muito avançada, que atinge seu auge apenas na velhice. “A velhice é sempre vista como uma época de declínio, mas ela pode trazer novas habilidades muito poderosas”, diz, na entrevista, Goldberg (2006).

A reportagem ainda mostra que há também aqueles que atingiram o ponto alto de suas capacidades exatamente na velhice, mostrando que há diversas tarefas mentais, nas quais os idosos têm resultados tão bons quanto os de pessoas mais jovens. Embora o potencial de certas pessoas seja maior que o de outras, é preciso desenvolvê-lo ao longo da vida e chegar à velhice com uma capacidade mental mais avançada.

Embora esses dois materiais utilizados para essa aula parecessem ter assuntos que se contrapunham, eles apenas nos levavam à mesma conclusão embora por caminhos diferentes: “Tudo é uma questão de convivência e paciência, Professora. Não é porque é com a pessoa mais velha. É com todas as pessoas na real!”, concluiu uma aluna no final da leitura. Outro aluno reflete sobre sua convivência com o Pai mais velho, de 61 anos.

Deixei de morar com a minha mãe e fui morar com meu Pai. Meus Pais são mais velhos e o meu ‘velho’ está se aposentando. Estamos nos adaptando na convivência porque além de sermos filho e pai, ainda temos uma idade bem diferente. Ele já tem seu jeito de viver e pensar e as manias dele. Eu tenho meu jeito de ver o mundo e, talvez, pela minha idade, acho tudo mais fácil que ele. É uma questão de talvez não ter aprendido muito sobre o mundo, talvez (Vinicius, 3 ano, 2016).

O envelhecimento populacional sinaliza que precisamos reinventar convívios, criar espaços formais e não formais de educação intergeracional, onde o saber e a história de vida de cada um passam serem valorizados ressignificado, transmitido e renovado.

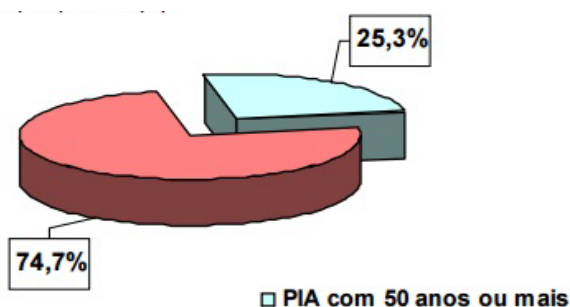
O nosso quarto encontro foi baseado no estudo do “peso” e da importância do Idoso na economia. Após já termos discutido superficialmente sobre essa questão na etapa anterior, este momento foi marcado por analisar

alguns nichos de mercado nos quais, para alguns, o Idoso é visto como uma possibilidade de investimento e, para outros, é um peso econômico.

Para tal, analisamos (a falta de) dados dispostos em tabelas no site do IBGE¹⁶ referente ao Idoso nas atividades econômicas no País. Nelas, eles encontraram dados sobre a inserção no mercado de trabalho de pessoas com mais de 50 anos¹⁷ e questões de gênero, também, foram discutidas. Entre os muitos resultados analisados a partir desses dados, percebemos que a estimativa da população com 50 anos ou mais de idade chama atenção pela sua crescente participação no total da população em idade ativa.

Como proporção do total de pessoas em idade ativa, ou seja, ainda inseridas no mercado de trabalho, não foram encontrados, no site do IBGE, dados específicos para a população com mais de 60 anos. Nesse caso, as tabelas disponíveis trabalham com pessoas com 50 anos ou mais, que chegam a representar 25,3% da população, como mostra o Gráfico 6. Essa maior representatividade já estão atualmente entre os fenômenos mais discutidos no debate recente sobre o processo de envelhecimento populacional e suas consequências políticas e socioeconômicas.

Gráfico 7 - Participação das pessoas com 50 anos ou mais no total da população em idade ativa (PIA) – 2010 (%)



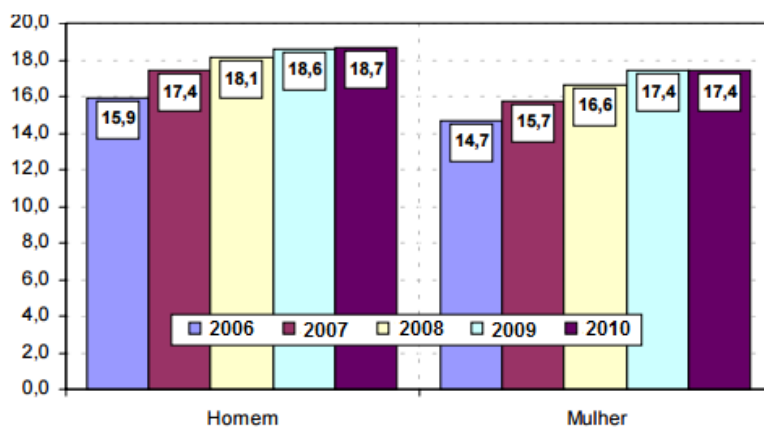
Fonte: IBGE, 2010.

¹⁶ Tabelas disponíveis com dados referentes à economia do Brasil, tais como População economicamente ativa (PEA), População Ocupada (PO) População economicamente não ativa (PNEA), etc. Link http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtml. Acesso em: 12 de agosto de 2016

¹⁷ Não foram encontrados, no site do IBGE, dados específicos para a população com mais de 60 anos, que se encaixam na dita Terceira Idade.

Os alunos conseguiram perceber que as variações na taxa de participação feminina idosa são menores do que as verificadas para a correspondente masculina, como mostra o gráfico 8. Reconhecendo que questões sociais e culturais envolvam as questões de gênero no mercado de trabalho, o que justificaria essa diferença, os alunos apontaram que essa é uma tendência que tende a diminuir já que a juventude de hoje, Idosos daqui algumas décadas, já tem um parcela de participação no mercado ativo bem parecida.

Gráfico 8 - Participação das pessoas ocupadas com 50 anos ou mais no total de pessoas ocupadas, segundo o sexo, nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 (%).

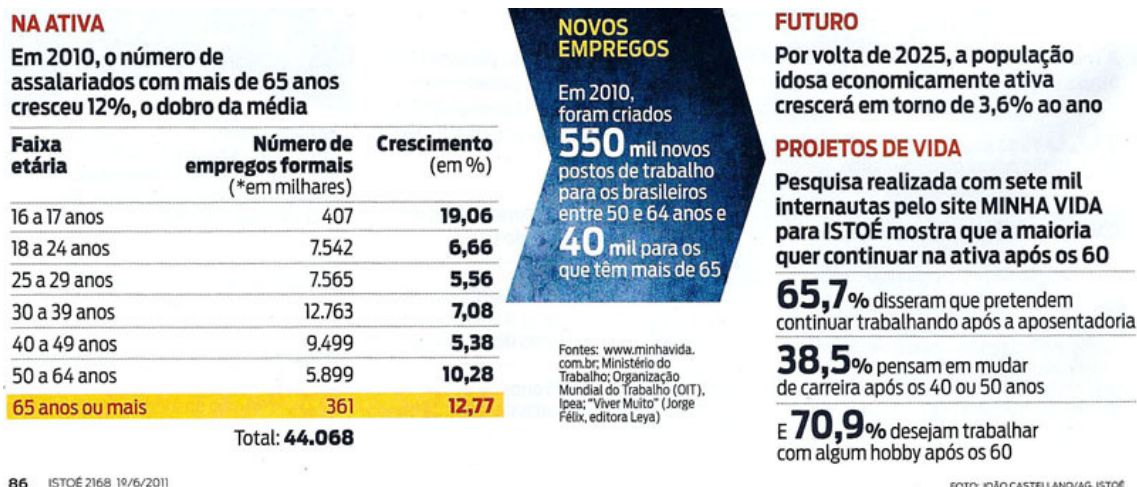


Fonte: IBGE, 2012.

Observei durante essa aula o aumento do interesse dos alunos sobre a temática enquanto pesquisava. A cada dado observado, havia mais curiosidade na análise do contexto social que poderia vir a explicar os dados estatísticos. Familiarizados com a pesquisa na internet, eles conseguiram localizar dados mais específicos sobre o número de pessoas Idosas em empregos formais em um site *Brasil Idoso*¹⁸, como ilustra a figura 3. Sobre essa análise, a discussão sobre o aumento do número de Idosos, inseridos no mercado de trabalho, ganhou força.

¹⁸ Disponível em: < <https://brasilidoso.wordpress.com/>>. Acesso em: 18 de agosto de 2016

Figura 6 - Pesquisas sobre idosos economicamente ativos.



Fonte: ISTO É, 2011.

A palavra *inativo*, de acordo com o Dicionário Aurélio, significa inerte, ou seja, aquele que não age. Essa designação é bastante utilizada no Brasil para referir-se aos aposentados. "Inativos" no trabalho ou na economia, como são chamados, muitos idosos aposentados têm-se dedicado atualmente, contudo, a outras atividades.

Seja para complementar a renda ou para ocupar seu tempo, ainda há muitos Idosos no mercado de trabalho, em atividades autônomas ou voluntariado. É um perfil preocupante, ainda mais porque o mercado não incentiva a inserção de idosos, por motivos que vão do preconceito a salários mais valorizados pela experiência do trabalhador. Um problema inquietante, que não pode deixar de ser considerado: com o alargamento da idade para a aposentadoria, aumentará o número de trabalhadores com mais de 60 anos, ou de pessoas nessa faixa à procura de emprego. É preciso ter sensibilidade para enfrentar logo essa questão.

Tabela 2 - Distribuição da população ocupada por grupos de idade no Brasil.



Distribuição da população ocupada por grupos de idade Brasil

	2009 (%)	2011 (%)	Contingente 2011 (em milhões)	Var (%) 2009/2011
Idade				
15 a 17 anos	3,1	2,8	2,6	-11,1
18 e 19 anos	3,6	3,5	3,3	-1,4
20 a 24 anos	12,1	11,6	10,7	-2,7
25 a 29 anos	13,6	13,3	12,2	-1,1
30 a 39 anos	25,0	25,7	23,7	3,8
40 a 49 anos	21,7	21,8	20,2	1,7
50 a 59 anos	13,9	14,4	13,3	5,0
60 anos ou mais	7,0	6,9	6,3	0,0

Fonte: IBGE, 2010

Todo esse estudo sobre a participação da Pessoa Idosa, conforme tabela 2 (acima), no mercado de trabalho, levantou questionamentos sobre a questão previdenciária que, nesse momento da pesquisa, era o que estava sendo muito discutido em nível nacional. As dúvidas geraram em torno sobre o que era o plano para a Reforma da Previdência proposta pelo governo do Presidente Michel Temer, o que significava seguridade social e quais os valores gastos com o governo com as aposentadorias. Os alunos ainda citaram o fato de perceberem muitas notícias compartilhadas via *Facebook*¹⁹ sem entender a real situação.

Aos poucos, percebi que a temática do envelhecimento passou a ocupar outro espaço dentro da vida dos alunos. Eles foram se demonstrando mais atentos ao longo das aulas, trazendo para os encontros observações cotidianas, exemplos, citações e preocupações.

Um dos alunos comentou em aula a forma como concebeu o aumento da população idosa e o modo como percebeu que o envelhecimento se tornou

¹⁹ *Facebook* é uma rede social. Com a marca de 1 bilhão de usuários ativos, é a maior rede social em todo o mundo.

assunto de discussão nas áreas de política, de saúde e social. Enfatizou que estava percebendo, através de leituras via *Facebook*, que envelhecimento da população é reconhecido como um “problema” social, principalmente na área previdenciária. De fato, uma das grandes preocupações dos governos refere-se à Previdência Social.

Aproveitando a circunstância, essa foi a temática para o nosso quinto encontro. Nele, apresentei mais um vídeo: “Entenda as mudanças na reforma da previdência” cujo intuito é explicar de forma simples e didática para a população em geral o que significava a reforma da previdência e quais eram as propostas do governo que constava na PEC 287/2016²⁰ já que, no Brasil, essa é uma das discussões que está em evidência atualmente.

Foi impresso também para os grupos, uma reportagem especial²¹ realizada pela *Folha de São Paulo* cujo título era “Entenda como funciona a previdência e o que pode mudar no sistema previdenciário”. Os alunos analisaram de onde vem as contribuições à previdência e quais são as propostas em discussões.

Elaborada no governo de Getúlio Vargas (1951-1954), a Lei Orgânica da Previdência Social (LOPS) foi promulgada em 1960, no governo de Juscelino Kubitschek, com o intuito de uniformizar a legislação previdenciária com relação às contribuições salariais. Em 1966, foi criado o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e, em 1973, foi garantida ao segurado da previdência a aposentadoria aos 60 anos para as mulheres e aos 65 para os homens. A chamada aposentadoria por velhice foi estabelecida a partir dos 65 anos para mulheres e dos 70 para os homens.

Sob a égide do processo de envelhecimento populacional, percebemos que essa fase da vida acabou por transformar-se em uma nova demanda social, com a necessidade da atuação direta do Estado na elaboração de políticas no direcionamento

²⁰ Proposta de Reforma da Previdência enviada ao Congresso Nacional, protocolada na Câmara dos Deputados como PEC 287.

²¹ Reportagem especial do Jornal Folha de São Paulo do dia 17 de maio de 2016. Link para a reportagem: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/05/1772211-entenda-como-funciona-a-previdencia-e-o-que-pode-mudar-no-sistema.shtml>. Acesso em: 01 set. 2016.

da última etapa da vida, para além da questão previdenciária.(CORREA, 2009, p. 47).

Nossa sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que se produz o aumento da expectativa de vida, atribuído principalmente à medicina, tem-se uma preocupação generalizada com a população Idosa no que se refere à gestão pública: o aumento do número de idosos, nesse sentido, é tido como um risco à própria continuidade dos benefícios da aposentadoria, hoje um direito universal em nosso país.

Dessa maneira, repensar políticas públicas para a velhice responde a uma necessidade atual frente ao grande desafio na direção, gestão e controle dos rumos do envelhecimento. A reforma da previdência é traduzida por uma pressão nos sistemas de previdência social a ponto de pôr em risco não somente a segurança econômica dos idosos, mas também o próprio crescimento econômico do País.

Uma das grandes preocupações de diversos governos refere-se à previdência social. No Brasil, essa questão tem suscitado muitas discussões e reformas, sem que as medidas tomadas revertam na pretendida melhora do que se denomina “grande rombo” nos cofres da previdência.

O gasto da Previdência Social no começo dos anos 1990 não chegava a 6% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Atualmente, essa conta chega a 11,5%, de acordo com a referida pesquisa do Ipea. Com o país cada vez mais envelhecido, a conta tende a aumentar e transformar-se em um problema ainda maior. A questão da previdência passou a representar um grande desafio à administração governamental, uma vez que as aposentadorias são muitas vezes onerosos para o Estado (VERAS, 2003).

Além disso, a aposentadoria que já é sinalizada como um problema de governo, também é um objeto problemático em cunho individual e familiar. A aposentadoria representa para muito a entrada para a “inatividade” e algumas transformações psicológicas podem ocorrer nesse momento, que seria um marco de ritual de passagem para a velhice.

Minha Avó se recusava a parar de trabalhar, Sora. Dizia que se parasse de trabalhar, ia morrer. Que enquanto trabalhava tinha uma função (Mariana B., 3 ano, 2016).

Essa “função” referida pelo aluno é mais que apenas uma atividade. É uma função social, em que o sujeito sente-se fazendo parte da engrenagem funcional da sociedade.

O sexto encontro foi marcado pela leitura e discussão do *Estatuto do Idoso* com a turma para analisar e refletir os direitos e deveres que são consignados às pessoas que se encontram na Terceira idade. Isso porque, ao analisarmos a configuração da velhice na atualidade, procurei tematizar com os alunos o papel da lei na produção social da velhice ao perceber que esse era um assunto desconhecido para eles. Para tal, providenciei algumas cópias do Estatuto que é facilmente encontrado em páginas²² da Internet e realizei uma apresentação visual sobre as principais leis.

A promulgação do *Estatuto do Idoso* inaugura um novo olhar sobre o processo de envelhecimento do homem, haja vista que ele se destaca de outras fases da vida em termos legais. Após a apresentação e a leitura coletiva, realizamos um debate sobre suas implicações.

A criação, em 2003, do *Estatuto do Idoso*, aparece como um marco para as políticas dirigidas à velhice no sentido de reconhecer, por lei, os direitos e deveres dessa fase da vida, assegurando prioridades e protegendo-a de maus-tratos com uma legislação específica.

A Vó da minha amiga, Sora. A Vó da minha amiga é um sarro! Qualquer coisa que falam pra ela, ela fala do Estatuto do Idoso! Um dia ‘tava’ na casa dela e não lembro o que aconteceu e ela falou que ela tinha direitos, que o Estatuto garantia. Achei um sarro porque ela disse Nunca li, mas tenho direitos! (Daiane, 3º ano, 2016).

O desconhecimento do *Estatuto do Idoso* pelo próprio Idoso é uma realidade. As garantias de acesso a direitos fundamentais afiam-se no direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e

²² Basta digitar “Estatuto do Idoso” no Google que logo surgem várias páginas com o Estatuto disponível para leitura e/ou impressão.

comunitária. O estatuto oferece, ainda, proteção ao idoso contra negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão (CENEVIVA, 2004, p. 41).

Percebemos, todavia, que as garantias assinaladas na lei precisam ganhar corpo no mundo social, porque, muitas vezes, no cotidiano de muitos idosos, elas permanecem em um plano virtual e desconhecido.

A divisão da vida humana em estágios diferenciados, com fundamento no critério etário, produz modos de ser próprios de uma determinada fase da vida. Cada sujeito precisa, constantemente, descobrir suas limitações e potenciais. Foi conversando sobre essas limitações e potenciais que conheci melhor Dona Lourdes, minha colega nas aulas de Yoga.

Imersa na temática que decidi pesquisar, no início do ano de 2016, me inscrevi em um programa da Secretaria Municipal de Esporte de Porto Alegre (SME) que propõe aulas de Yoga para Terceira Idade. As aulas são semanais, em alguns Centros Comunitários Municipais. Ao realizar a inscrição, precisei esclarecer meu interesse em realizar aula com pessoas de uma faixa etária diferente da minha.

O início das aulas marcou-me por um claro estranhamento com a presença de alguém mais jovem. A turma, que já se conhecia por ser de um nível mais avançado, era bem unida. Com o tempo, com a observação e demonstrando interesse em uma aproximação, fui ganhando cada vez mais espaço no grupo. E foi em uma conversa informal das que tinha com as jovens senhoras que me aproximei da Dona Lourdes.

O corpo envelhecido não é visto por ela como um declínio da energia vital do corpo humano, desgastado pela ação do tempo:

Sou velha sim. Mas na idade. Na mente e no corpo sou ainda muito jovem! (Lourdes, 2016).

Foi com essa frase que ela justificou de onde tira energia para todas as atividades diárias que possui. Maratonista, ela treina correndo aproximadamente três quilômetros por dia pela cidade de Porto Alegre, onde mora a família ou em Viamão, onde mora sozinha em um pequeno sítio.

Ao me deparar com essa história de vida, essa forma de ser e pensar, esse viver a cidade no cotidiano através de uma atividade que geralmente associamos a um corpo jovem, forte e atlético, me surpreendi. E com a surpresa veio à ideia de convidar Dona Lourdes a dividir suas experiências com os alunos, uma vez que ela desconstruía a imagem de um Idoso em declínio ou debilitado.

A questão é que, na atualidade, há uma grande propagação discursiva sobre a necessidade de cuidado com o corpo, de “reciclar-se”, motivar-se, exercitar-se. Então afinal, que velhice era aquela significada por ela? E como ela percebia o grupo social no qual era inserida? Foi me deparando com essas questões que vi naquela Senhora que dançava para vida a oportunidade de uma grande troca de conhecimentos.

Projeto explicado e convite aceito, Dona Lourdes foi até a escola para o nosso sétimo encontro dessa fase. Os alunos, alimentando expectativas com a chegada da Dona Lourdes, permaneceram um pouco tímidos nos primeiros minutos da aula. Mas esse não foi nenhum problema para ela que, com um sorriso largo e uma fala mansa, foi dando o tom da conversa: “Que bom estar nessa manhã com vocês, esse grupo tão jovem! Até me sinto mais jovem do que já sou!”, exclama ela para quebrar o gelo.

Ao interrogarmos sobre como ela enxerga a condição de envelhecimento na sociedade contemporânea, ela nos surpreendeu argumentando que não era um tabu ser velha, mas o que os velhos fazem ser um tabu.

Tem gente que envelhece e não quer fazer mais nada. Fica em casa, assistindo TV, comendo e dormindo. Se colocando em um papel de vitimismo quando, na verdade, falta é força de vontade de tocar a vida (Lourdes, 2016).

Verifiquei que boa parte dos questionamentos dos alunos foram embasados pelos estudos prévios e giravam em torno de questões levantadas e refletidas em aulas. A surpresa de estarem diante de uma Senhora de 65 anos que era Maratonista foi facilmente percebida. “Nossa! Três quilômetros

por dia! Se a turma toda se juntar e correr em revezamento disputado com a Senhora, ainda perderíamos!”.

Em tom informal, a conversa foi ganhando nuances de seriedade ao passo que denúncias de descasos cotidianos foram sendo dados por Dona Lourdes. A denúncia da desvalorização e do desamparo na velhice pautava-se na ideia de que o idoso, não sendo útil enquanto mão de obra, era desertado pelo Estado e pela sociedade.

Embora reconhecesse que existem alguns bons programas que visam manter o lazer para a Terceira Idade, é na área da saúde, segundo ela, que o poder público falha.

A maioria dos postos de saúde, no tal ‘primeiro atendimento’ não há médico especialista para os Idosos, o chamado Geriatra. Para consultar com um profissional desses, tem que pedir encaminhamento para um complexo hospitalar maior, e isso demora. Nós, velhos, não temos muito tempo não! (Lourdes, 2016).

A falta de Profissionais especializados na área da Psicologia também foi citada. Segundo ela,

O tempo livre pode ser estressante. Se tu não ocupar a mente, ela pode produzir pensamentos e sensações ruins. (Lourdes, 2016)

Neste momento, lembrei-me de um ditado popular que minha Avó sempre citava: “Mente vazia, oficina do Diabo”. De fato, toda a pessoa Idosa, além das doenças do corpo que são processo do envelhecimento, ainda possui questões psicológicas específicas à idade que variam conforme os diferentes tipos de envelhecimentos que possuem.

Segundo Stuart-Hamilton (2002), a característica principal da velhice é o declínio, geralmente físico, que leva a alterações sociais e psicológicas. Diferentemente da infância e da adolescência, que são tomadas como pilares da vida do sujeito, como construção da matriz psicológica do adulto, a velhice é vista como o período de inércia, do sujeito já constituído e do declínio de suas funções biológicas e cognitivas. Sobre isto Dona Lourdes comenta:

A gente vai ficando velho porque o corpo vai ficando também. Muitas vezes, a cabeça não acompanha isso. Tu te olha no espelho e começa a ver as rugas, os cabelos brancos mas, por dentro, ainda é uma menina! Tem gente que se abala demais com isso e fica até em depressão. Faltam profissionais na saúde pública que entendam esse processo e nos ajudem a superar (Lourdes, 2016).

De fato, parece-nos que o quadro geral das mudanças do corpo que envelhece não é muito atraente.

A presença de Dona Lourdes foi de fundamental importância para nos alertar como poderíamos olhar para a cidade, sob a perspectiva da pessoa Idosa:

Vocês de fato podem não perceber, podem achar que a cidade é para todos, mas isso não é verdade. Há lugares que os velhos não podem ir. Não só por causa da dificuldade do deslocamento, mas porque também simplesmente não é lugar para eles. Vocês veem velhos circulando pela Cidade Baixa a noite? (Lourdes, 2016).

De fato, o próprio espaço urbano é produtor de guetificações (MAFFESOLI, 1998). Quando analisamos, por exemplo, os lugares de circulação da população jovem, em determinadas ruas e avenidas, casas noturnas e bares, percebemos que, nesses lugares, dificilmente encontramos a presença de idosos. A essa população restam as praças e os clubes, já que lá permanecem entre os seus iguais, tal como acontece em vários outros espaços da cidade.

O bairro citado por Dona Lourdes é, por coincidência, um dos bairros de interesse de pesquisa. O bairro Cidade Baixa possui uma configuração na circulação de pessoas que se diferencia no dia e na noite. Os sujeitos circulantes do bairro durante o dia é composto por, em sua maioria, de moradores e, entre eles, pessoas Idosas. À noite a configuração é outra, devido à quantidade de bares e casas noturnas.

Os alunos indagam Dona Lourdes em quais lugares da cidade costuma correr.

Tenho direito a pegar o ônibus gratuitamente. Mas prefiro caminhar ou correr. Se tenho que ir ao mercado ou à algum lugar, vou correndo. Já estou treinando, reforçando minha musculação e cuidando do meu corpo. Claro que sei que não são todas as pessoas que tem disposição a isso. A cidade também não colabora. Muitas vezes nem na calçada dá pra correr porque é até perigoso tu torcer um pé ou tropeçar e cair. Resta correr no asfalto mesmo, no cantinho e rezar para nenhum carro te bater (Lourdes, 2016).

Alegando haver poucos espaços específicos na cidade para prática de esportes ao ar livre, ela ainda comenta que, dependendo da administração pública, esse é um panorama mutável:

Quando os Prefeitos não querem, eles não investem. Afinal, quem utiliza mais os espaços públicos para prática de esportes são os que não podem pagar os clubes, as academias. Eu mesma não posso pagar academia. Mas faço? Como faço? Pago em trabalho. Faço academia três vezes por semana e duas vezes por semana, limpo. Esse é o “trato” que tenho com meu Professor que também acabou virando meu treinador (Lourdes, 2016).

Ainda, durante nossa conversa, Dona Lourdes citou que as garantias de acesso a direitos fundamentais permanecem em uma espécie de como ela chamou, “garantias parciais”.

Nós Idosos temos direito à lazer, saúde, educação e dignidade se vocês forem ler o Estatuto do Idoso. Eu sei que vocês estudaram sobre, a Professora me disse. Mas são poucos os jovens, arrisco dizer que nenhum jovem, se interessa a ler sobre os Direitos e Deveres dos Idosos. Direito nós temos. Acesso aos direitos é que é o problema (Lourdes, 2016).

A riqueza das percepções da cidade, do esclarecimento que ela possui sobre seus direitos e deveres e a não intimidação de falar sobre todos os assuntos deixou todos nós impressionados. Ela comentava, denunciava dificuldades e preconceitos vividos pela população Idosa com o mesmo sorriso sobre quando nos permitia ter acesso a suas memórias e vivências. Classificou-se como sendo uma “velha de cabeça aberta”, que procura compreender as mudanças sociais sem ser inflexível.

No que diz respeito à faceta intimidade e vida sexual, apesar de esta não ter sido considerada nos nossos estudos anteriores, Dona Lourdes nos fez perceber que o namoro na terceira idade deveria ser considerado um processo natural. Para ela, o maior tabu em relação à sexualidade nessa idade vem porque há discriminação, tanto da sociedade quanto da própria família. Deleuze e Guatarri já se referiam ao fato de o amor ser mais do que um atributo corpóreo, uma relação sexual:

Os corpos têm uma idade, uma maturação, um envelhecimento; mas a maioridade, a aposentadoria, determinada categoria de idade, são transformações incorpóreas que se atribuem imediatamente aos corpos, nessa ou naquela sociedade. 'Você não é mais uma criança...': esse enunciado diz respeito a uma transformação incorpórea, mesmo que esta se refira aos corpos e se insira em suas ações e paixões. A transformação incorpórea é reconhecida por sua instantaneidade, por sua imediatidade, pela simultaneidade do enunciado que a exprime e do efeito que ela produz; eis por que as palavras de ordem são estritamente datadas, hora, minuto e segundo, e valem tão logo datadas. O amor é uma mistura de corpos que pode ser representada por um coração atravessado por uma flecha, por uma união de almas etc; mas a declaração "Eu te amo" expressa um atributo não corpóreo dos corpos, tanto do amante quanto do amado (DELEUZE; GUATARRI, 1997 p. 19).

Ela destaca, ainda, que os idosos que conseguem lidar e conviver com as modificações fisiológicas mantêm uma vida sexual ativa e livre de preconceitos, permitindo-se novas vivências amorosas.

É claro que sexo não há todo o dia. A vontade vai demorando um pouco mais para aparecer. Mas aí existem outras coisas né gente? O companheirismo, o afeto, o cuidado com o outro... isso é tão importante quanto a relação sexual propriamente dita (Lourdes, 2016).

Fenômenos percebidos no corpo como marcas do processo de envelhecimento representadas pela menopausa, surgimento de rugas, aumento do peso corporal, perda da força física, diminuição da capacidade de trabalho, diminuição da visão, alterações na alimentação, sexualidade,

diminuição da memória, dificuldade para aprender, surgimento de doenças e dor foram citados com a maior naturalidade.

Segundo Dona Lourdes, um dos maiores entraves na vida social de um Idoso é a falta de conversa. E isso pode acontecer por fatores diferenciados: ou não há abertura social e familiar para que isso aconteça, seja por falta de interesse ou por descaso, ou os próprios Idosos são fechados demais naquilo que ela chamou de “ignorância dos velhos”.

É nos sabido que, encontrar uma pessoa na terceira idade disposta a conversar sobre todos os assuntos com uma turma de jovens alunos sem nenhum tabu, não é fato comum. Mas ter tido essa oportunidade foi uma preciosidade. Saímos desse encontro, tanto os alunos quanto eu e Dona Lourdes tocados uns pelos outros.

Figura 7 - Roda de conversa com Dona Lourdes



Fonte: Arquivo da Autora, 2016.

Os alunos mostraram-se claramente hipnotizados por aquela Senhora. A timidez de início foi dando espaço para curiosidade, para o desejo de saber, a vontade de entender melhor o mundo do outro. Perceber que as dificuldades, os preconceitos e as superações são fenômenos que nos atravessam em qualquer fase da vida cuja diferença está na subjetividade de se lidar com cada etapa vivida. A troca de saberes foi um dos momentos mais belos vividos por mim, enquanto pesquisadora, professora e colega daqueles sujeitos emaranhados em uma reflexão coletiva percebida de diferentes ângulos.

Todos nossos encontros nessa fase de pesquisa se tornaram momentos privilegiados para transmitir ao coletivo o que havia sido vivido e aprendido no plano individual, para simbolizar, dar sentido e inteligibilidade para aquilo que fora experimentado durante as aulas.

5.3 Cidade de Porto Alegre

NOTAS DA CIDADE

O mais triste da arquitetura moderna é a resistência do seu material.

Havia, não me lembro agora se no País das Maravilhas, da Alice, ou se na Cidade de Oz, uma velha que morava num sapato... E nós que moramos em caixas de sapato!

Esses tetos baixos me abafam... De modo que só resido em casas antigas. Acontece é que as casas velhas têm proprietários velhos, muito velhos aliás e por isso mesmo muito morredores.

E seus herdeiros resolvem sempre vendê-las a construtores de edifícios.

Resultado: há anos que venho me mudando: sou uma pobre vítima do surto do progresso e do clamor público.

Em todo caso, como vocês já devem ter reparado, é nessas épocas de mudança arquitetônica que se dá a maior instabilidade social e individual.

E quando põem abaixo, então, a velha casa em que nascemos?!

(QUINTANA, 2005, p.331, 332, 333).

Na vida de Mario Quintana, existiram dois marcadores que provocaram mudanças no seu cotidiano e no seu olhar sobre a cidade. O primeiro foi o ato de deixar a cidade do interior, Alegrete, para viver em Porto Alegre, capital, onde tudo acontecia. O segundo, o fato de ele ter acompanhado as mudanças da cidade de Porto Alegre que foi se urbanizando cada vez mais, tornando-se grande, modernizando-se, com direito a arranha-céus, bondes elétricos sendo substituídos por ônibus, novas e largas avenidas, etc. A transformação da cidade de Porto Alegre, que foi deixando traços de cidade pequena, provoca no poeta um sentimento de melancolia.

Seis décadas da idade cronológica é o suficiente para colocar o sujeito na terceira idade. Seis décadas de vida, acompanhando as transformações sociais, as relações da sociedade com o espaço e o desenvolvimento e transformação da cidade é um acúmulo de informação e conhecimento que se traduz em uma vasta bagagem individual.

Porto Alegre, a “pequena grande cidade” do velho poeta Mário Quintana é, também, a cidade de 211.896 pessoas com mais de 60 anos, o que resulta em um percentual de 15,04% do total de 1,4 milhões de habitantes na cidade. Isso faz de Porto Alegre a Capital com o maior número de idosos no país de acordo com o Censo 2010 do IBGE.

Muitos carregam cabelos brancos e marcas de expressão como parte de sua história. Outros aparentam ser bem mais jovens, mas já completaram seis décadas de vida. A faixa etária que compreende as idades de 60 a 69 é a que concentra o maior número de idosos, representando 52,70% da população idosa da capital gaúcha.

Já percebemos que, apesar de ser uma parcela expressiva da população, a terceira idade nem sempre recebe a atenção necessária de familiares, da sociedade e do poder público. Diante deste novo contexto, tornou-se fundamental e imprescindível para as gestões públicas pensarem no sujeito Idoso. Para tal, em Porto Alegre, o então Prefeito da cidade, José Fortunati, autorizou que a Secretaria Municipal de Direitos Humanos (SMDH) se subdividisse em cinco secretarias adjuntas: Idoso, Povo Negro, Mulheres, Povos Indígenas e Direitos Específicos e Livre Orientação Sexual.

O intuito era que, com esta nova estrutura, questões de políticas públicas ligadas à população idosa passassem a ter uma secretaria, dedicada para assuntos exclusivos a essa população. A criação do Conselho Municipal do Idoso (COMUI), pela secretaria, aconteceu com o objetivo de haver contribuição aos órgãos e entidades públicas e privadas, sempre que houvesse interesse relativo aos direitos e ao bem estar do idoso e à qualificação dos serviços existentes em Porto Alegre, para o atendimento dos idosos.

Segundo informações obtidas diretamente na secretaria²³, a cidade de Porto Alegre já tem uma série de políticas públicas para os idosos, como: Casa Lar do Idoso, Grupos de convivência, Centro dia para o Idoso, Programa de divulgação Casa Segura, Vacinação para os idosos, Programa Melhor em Casa, eventos esportivos, culturais, recreativos e de lazer visando à educação para o envelhecimento ativo.

Para introduzir a temática sobre a população idosa na cidade de Porto Alegre, duas reportagens da Zero Hora²⁴: a primeira, *Porto Alegre é a capital com maior percentual de idosos no país* e a segunda *Porto Alegre ganha a primeira creche particular para Idosos*. A intenção era de iniciar os estudos sobre a terceira idade na cidade de Porto Alegre sem esquecer-se de todas as análises de discursos que estávamos realizando junto com a observação dos dados. Nesse sentido, a reportagem sobre a creche para idosos veio fomentar a discussão da aula anterior sobre o mercado de consumo.

Após debatermos sobre o número crescente da população idosa em Porto Alegre e as consequências para as políticas públicas, apresentei a segunda reportagem. Os alunos, pensando nesse mercado de consumo, ficaram divididos em suas opiniões: alguns defenderam a criação de espaços privados para o cuidado da população idosa:

Já existem as casas de repouso, né Sora? Só que pelo menos a creche tu não precisa morar lá! Tu vais e te encontra com

²³ Durante o período da pesquisa, reuni-me em duas ocasiões com o Secretário Adjunto do Idoso, André Canal: a primeira foi com o intuito de obter informações sobre o trabalho da secretaria e apresentar o projeto e a outra foi para discutir questões ligadas ao Plano Municipal da Pessoa Idosa, plano esse construído pela gestão da própria secretaria.

²⁴ Jornal estadual de grande circulação ligada ao Grupo RBS de comunicação.

outras pessoas mais velhas. Assim, eles ficam enturmados e depois voltam pra casa (Ariadne, 3º ano, 2016).

Os idosos ficam muito sozinhos. Alguns preferem morar sozinhos e se acostumam com isso. Outros, moram com a família, mas permanecem sozinhos porque os familiares ou saem pra estudar ou pra trabalhar. É difícil a família parar a vida para cuidar de uma pessoa idosa se ela não é doente, assim, só para fazer companhia. Assim, eles podem pagar para ficar em um lugar em que tenham atividades. (Laura, 3º ano, 2016).

A creche, cujo turno de 12 horas custa R\$ 150,00 reais, é uma alternativa para quem quer deixar pessoas que necessitem de cuidados durante o dia ou à noite, além de ocasiões específicas, como ausência de familiares por conta de alguma viagem, trabalho ou festa de casamento, por exemplo. Porém, o alto custo de propostas como essa, fizeram alguns alunos pensarem em outras alternativas.

Nem toda pessoa idosa tem esse dinheiro para gastar assim. R\$150,00 por turno é muito caro! Geralmente pessoas mais velhas possuem um gasto grande com remédios. Deveria ter um espaço assim para a população idosa, mas que fosse mantida pela prefeitura, assim como as creches para as crianças (Bruno, 3º ano, 2016).

Outra observação dos alunos foi sobre o termo “creche”. Os serviços à população idosa são setores complexos e em continua transformação. É importante levar em consideração que as necessidades da população idosa são heterogêneas. Os usuários de serviços especializados desse tipo quase nunca são constituídos de sujeitos isolados, mas sim associados à realidade de familiares que, por sua vez, interagem com os serviços.

Falar ‘creche’ parece infantilizar o idoso. É como se ele não tivesse autonomia para se cuidar sozinho, assim como uma criança. Deveriam pensar em outro nome, para não ficar assim, tão inconveniente. Eu, pelo menos, acho inconveniente. Se fosse uma pessoa mais velha, não ia querer que minha família me levasse para um lugar que chamam de “creche” (Lyandra, 3º ano, 2016).

Outro aspecto a considerar é que os tipos de serviços existentes voltados para a população idosa estão distribuídos e são gestados pelas mais diversas entidades: entidades públicas, como o município, e entidades privadas. Estamos em uma rede crescente de assistência e cuidados para o idoso, no qual concebe a esse sujeito e sua família maior liberdade de escolha.

Foi pensando na melhoria da qualidade de vida, através de um envelhecimento bem sucedido, que a Secretaria Adjunta do Idoso (SMDH) assumiu, o que o Secretário Adjunto do Idoso, André Canal, considerou um desafio: a construção do *Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto alegre*, cuja intenção é tornar a cidade cada vez mais preparada para atender as necessidades da pessoa idosa. Desafio porque, segundo ele, o orçamento que a Prefeitura Municipal de Porto Alegre os autorizou era bem menor do que o necessário.

Uma vez que Porto Alegre candidatou-se ao selo de *Cidade Amiga do Idoso*, fez-se necessário consolidar uma política pública bem estruturada, objetivando a melhoria da qualidade de vida da população maior de sessenta anos, com prestações de serviços e melhorias na infraestrutura da cidade sendo, segundo o Secretário,

[...] um marco garantidor de políticas públicas em prol dessa camada da população. A pessoa idosa tem a capacidade de se manter ativa e participativa na nossa sociedade. Isso só acontecerá se criarmos políticas públicas que façam as pessoas idosas se sentirem valorizadas e se criem espaços para o mesmo. Porto Alegre é a primeira cidade brasileira em criar um Plano para a pessoa idosa (André Canal, Secretário Adjunto da Pessoa Idosa, 2016).

A análise das propostas que propõe o plano foi o tema do encontro que se seguiu com a turma. Nele, levei para a aula exemplares do *Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto alegre* doados pela Secretaria Adjunta do Idoso para a nossa pesquisa. Após conversarmos sobre a população idosa de Porto Alegre, os serviços e as realidades estarem em contato com a infraestrutura da cidade, sentimos- nos apropriados a uma análise avaliativa das propostas que contem o Plano.

Elaborado durante o ano de 2015 e tendo seu lançamento oficial em novembro do mesmo ano, o *Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre* levou em consideração os marcos regulatórios existentes em nível local, nacional e internacional, contemplando princípios, diretrizes e objetivos, cuja implantação deverá acontecer, gradualmente, entre os anos de 2016 e 2018.

Neste sentido, o Plano possui 64 metas distribuídas em 08 Eixos Temáticos: assistência social, saúde, educação, trabalho, previdência social, habitação, urbanismo e acessibilidade, segurança e direitos humanos, cultura, esporte e lazer e transporte. O objetivo foi a construção de metas para criação e/ou melhoria das infraestruturas necessárias para favorecer a participação da pessoa idosa na sociedade porto alegrense.

Dos oito eixos de análise, nos atentamos especificamente a três que interessavam diretamente a pesquisa: saúde, urbanismo e acessibilidade, esporte e lazer. Isso porque, para a nossa pesquisa, elencamos três eixos de análise para a saída de estudos que foram saúde, lazer e acessibilidade. Nesse sentido, a saída de estudos começou a ser pensada nesse momento, pois percebemos que podíamos mapear a cidade baseados nas metas propostas pelo Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre.

No quarto encontro, apresentei para os alunos o estudo realizado pelo ObservaPoa²⁵: *População Idosa de Porto Alegre – Informação Demográfica e Socioeconômica*. As informações apresentadas no estudo são oriundas dos dados coletados pelo IBGE, nos censos demográficos de 1991, 2000 e 2010. Nele, há uma complicação de informações sobre a população Idosa da cidade e também pelas regiões de Orçamento Participativo. Esse valioso levantamento trata-se de dados fundamentais, como a distribuição por Região, a escolaridade, o rendimento médio, o grau de instrução e a alfabetização, entre outros.

²⁵ O Observatório da Cidade de Porto Alegre (ObservaPOA) disponibiliza uma ampla base de informações georeferenciadas sobre o município de Porto Alegre contribuindo para a consolidação da participação cidadã na gestão da cidade. O georeferenciamento das informações por regiões e bairros tem um papel pedagógico e político fundamental. Trata-se de reforçar a identidade do local, promovendo o sentido de comunidade nas pessoas e nas famílias.

Através desse estudo, os alunos conseguiram analisar bem o que havíamos comentado nas aulas anteriores sobre o crescente número da população idosa em Porto Alegre através da variação da população e dos dados apresentados na pesquisa, mostrando-se ricos para interpretações e análises sobre a população com mais de 60 anos, residente em Porto Alegre.

Tabela 3 - População total de idosos, valor absoluto e percentual, POA, RS e Brasil - 1991, 2000 e 2010.

População	Ano					
	1991		2000		2010	
	Hab.	%	Hab.	%	Hab.	%
Porto Alegre	128.379	10,16	160.541	11,80	211.896	15,04
Rio Grande do Sul	815.302	8,92	1.063.869	10,40	1.460.626	13,66
Brasil	10.722.705	7,30	14.513.201	8,50	20.566.215	10,78

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
Elaboração: ObservaPOA – Observatório da Cidade de Porto Alegre, 2015

Houve a análise e comparação com as informações a nível mundial, federal e estadual que havíamos discutido previamente (Tabela 3) e a conclusão de que, assim como se apresentou a população mundial com o número maior de mulheres entre a população idosa, Porto Alegre seguia no mesmo caminho (tabela abaixo): uma cidade em que, do total de idosos, 62,25% eram mulheres (IBGE).

Tabela 4 - Índice de envelhecimento da população, por sexo e total, POA, RS e Brasil - 2000 e 2010.

População	Porto Alegre		RS		Brasil	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Feminina	65,53	101,65	46,93	76,29	32,32	50,69
Masculina	37,37	59,88	33,56	55,33	25,56	39,14
Total	51,18	80,44	40,12	65,60	28,89	44,82

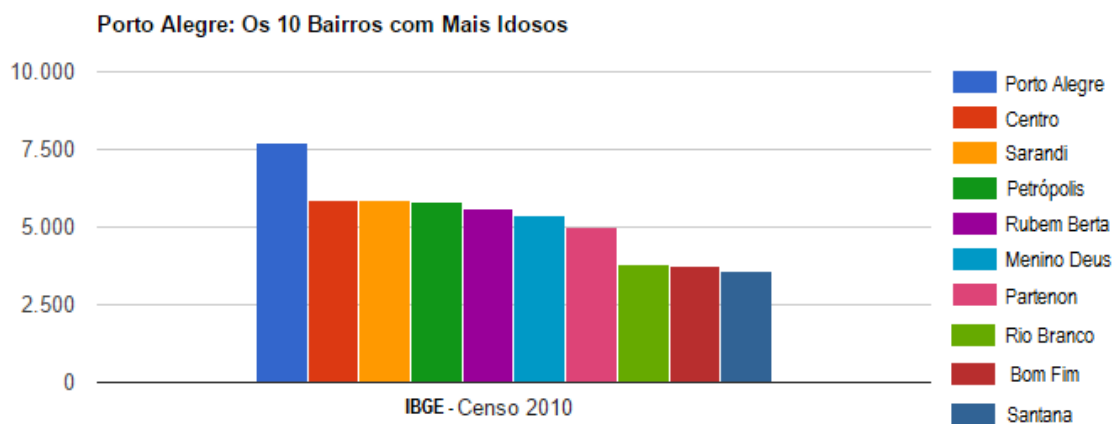
Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
Elaboração: ObservaPOA – Observatório da Cidade de Porto Alegre, 2015

Professora, acho que as mulheres vivem mais que os homens porque elas cuidam melhor da sua saúde. Na minha família era assim: enquanto para minha Avó bastava sentir uma dorzinha qualquer para ir ao médico, o meu Avô precisava ser atropelado por um caminhão e mesmo assim, talvez fosse dizer que não precisava! (Daiane, 3º Ano, 2016).

O que a aluna traz da sua percepção familiar vai ao encontro o que diz a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013, divulgada pelo IBGE, que aponta que as mulheres brasileiras, com mais de 60 anos, vão mais ao médico do que os homens da mesma faixa etária. A publicação, que reúne dados levantados no último trimestre de 2012 até 2013, revela que 71,2% dos entrevistados haviam se consultado pelo menos uma vez nos 12 meses anteriores à entrevista. Entre as mulheres, o índice foi de 78%, contra 63,9% dos homens. A PNS investigou o atendimento nos serviços de saúde, público e privado já que, segundo essa população, o atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) deixa a desejar.

Nessa mesma aula, vimos também os e bairros com maior número de Idosos de Porto Alegre (gráfico 9). A análise da formação sócio- histórica da cidade acaba por explicar o motivo pelo quais bairros como Centro, Menino Deus e Bom Fim têm um número significativo de população idosa

Gráfico 9 - Porto Alegre: Os 10 bairros mais idosos



Foi a partir dessa aula que os alunos ficaram surpreendidos em perceber que seus bairros continham um grande número de pessoas na terceira idade, iniciando o interesse pela organização do estudo de campo, processo que seria o próximo passo da pesquisa. Durante a aula, ficou a indagação que foi o gancho para o início do planejamento de campo, que passou a acontecer nos encontros que seguiram:

Gente! Nem fazia ideia de que meu bairro estava entre os dez com maior número de idosos! Sempre morei lá e sempre vi alguns idosos pelo bairro, mas nem tantos! Vou começar a prestar mais atenção agora, "Sora" (Ariadne, 3º Ano, 2016).

5.4 Campo

Geógrafo, sem ir a campo, acaba por ser um catalogador de informações. Há tempos, os trabalhos de campo são instrumentos de pesquisa da Geografia, possibilitando o desenvolvimento de diferentes conhecimentos e o aprofundamento dos estudos de determinados espaços. Os primeiros filósofos e naturalistas mostraram-nos que a observação dos fenômenos naturais e sociais, de forma criteriosa e metodológica, era a chave para a sua compreensão.

Na Geografia Escolar os trabalhos a campo também são significativos no aprendizado do aluno, tornando-se importantes aliados do Professor. Porém, não há como comparar com a saída de campo do Geógrafo, pois trabalho de campo escolar possui um contexto diferente. Realizar uma saída a campo com uma turma de estudantes requer planejamento, combinações com alunos, pais, colegas das outras áreas, diretoria, coordenação pedagógica e, muitas vezes, custos.

Além disso, é recorrente a resistência da direção ou coordenação da escola em permitir ao Professor uma ida a campo já que, normalmente os trabalhos de campo são associados com lazer, passeio e/ou viagem, fazendo com que essa atividade seja desconsiderada enquanto prática indutora de ensino, pesquisa e aprendizagem (GOULART; ANTUNES, 2013). Lidar contra

o discurso de “passeio” dentro da escola e fora dela é mais um desafio do Professor.

É preciso motivar o aluno a olhar para os diferentes espaços, explicar aos Pais e/ou responsáveis, diretores e coordenadores que, a partir de um trabalho de campo, os estudantes têm a oportunidade de observar, investigar e produzir novas aprendizagens. Assim, eles percebem o seu lugar no mundo e o mundo que nele está impregnado, construindo novos olhares, resignificando as leituras e ampliando a compreensão dos espaços que os cercam.

Ao se referir sobre o trabalho de campo, Suertegaray (2002, p.3) aponta: “O campo é nosso espaço de vida que se apresenta como um texto carregado de signos que precisam ser desvendados”. E o que se pode entender por signo, na Geografia? Suscintamente, podemos pensar que o mundo é composto por coisas, e essas coisas recobrem tudo que existe, ou seja, tudo que existe é uma coisa, inclusive as pessoas. As coisas possuem valor para nós, e nossa forma de viver as torna mais ou menos valiosas dependendo do contexto.

Refletindo sobre o (des)valor da pessoa Idosa para a nossa sociedade, a mobilização dos alunos ocorreu desde o primeiro momento, em que eles aceitaram participar da pesquisa, e já se comprometeram a focar seus olhares para a população Idosa fora do espaço escolar, enquanto percorriam a cidade em seu cotidiano. Essa motivação era alimentada com diferentes práticas pedagógicas durante os encontros, já descritas no capítulo anterior.

A importância de se atentar para a cidade na Geografia se dá a partir do olhar para determinado espaço, buscando decifrar sua complexidade a partir da leitura dos signos presentes nele. Para Deleuze (2003, p.4),

aprender diz respeito essencialmente aos *signos*. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja "egiptólogo" de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. (...). Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos.

Nosso aprendizado temporal levou em consideração a percepção dos espaços da cidade pelo olhar do Idoso, comparando ao nosso olhar e entendendo que podemos viver os mesmos espaços de formas diferentes, dependendo do contexto, infraestrutura, discursos, recursos e, inclusive, da nossa capacidade de mobilidade.

Nosso trabalho de campo veio como mais uma etapa da pesquisa, para complementar os diferentes estudos da nossa temática que vinham acontecendo. Durante a etapa de discussões em sala de aula, surgiam várias ideias que poderiam servir para o futuro planejamento do campo. Ter etapas da pesquisa atravessadas umas pelas outras, fez parte da nossa alquimia metodológica, tudo foi sendo construindo coletivamente e sem a necessidade de um suposto engessamento das atividades por manter uma ordem lógica.

A pré-organização do campo foi em longo prazo, quando, ainda na etapa da análise das diferentes facetas sobre a população Idosa, íamos separando informações e dados que poderiam colaborar no planejamento do campo. Desenvolvendo temáticas geográficas relacionadas à cidade e aos Idosos, o trabalho de campo pode ser visto como uma exemplificação do que foi discutido em sala de aula.

A escolha do perfil de alunos com os quais gostaria de trabalhar já foi, de certa forma, uma preocupação para o trabalho de campo. Pesquisar com alunos que por motivos sociais, econômicos e culturais moram em diferentes bairros, é pesquisar com sujeitos que vivem a cidade através dos seus deslocamentos cotidianos, que ocupam diversos espaços da cidade e que possuem autonomia para percorrer, analisar e refletir sobre esses espaços.

Tal escolha (re)afirmou sua importância quando, ao discutirmos sobre os bairros de Porto Alegre com o maior número de Idosos, os alunos reconheceram seus bairros. Ao analisarem o estudo levantado pelo site do ObservaPOA sobre o perfil de moradores dos bairros de Porto Alegre e compararem com os dados do portal “População” sobre os bairros com maior número de Idosos em Porto Alegre, muitos se surpreenderam por também serem moradores desses bairros e desconhecerem tal informação. A partir daí,

houve interesse em pesquisar seus bairros, dentro das possibilidades da pesquisa.

O interesse de pesquisa dos bairros pelos alunos foi a primeira quebra de intencionalidade da pesquisa em que se previa o mapeamento de, no máximo, dois bairros de Porto Alegre. A partir da escolha dos bairros a serem analisados, percorridos e mapeados, começou-se a organização e planejamento do campo.

A organização necessitou de três encontros de dois períodos para se efetivar. No primeiro encontro, escolhemos os bairros a serem percorridos e a divisão dos grupos de alunos por bairro. A turma 312 possui dezenove alunos e, por escolhermos seis dos dez bairros com maior número de Idosos, cada grupo era composto de três ou quatro alunos. Cada grupo era liderado por um aluno que já era morador do bairro, facilitando assim, o deslocamento pelas ruas mais conhecidas e percorridas pela população. Assim, foram escolhidos os bairros: Bom Fim, Centro, Cidade Baixa, Menino Deus, Santana e Rio Branco.

Figura 8 - Aluno morador do bairro Centro (à direita) realizando o planejamento do trajeto com colega morador de outro bairro

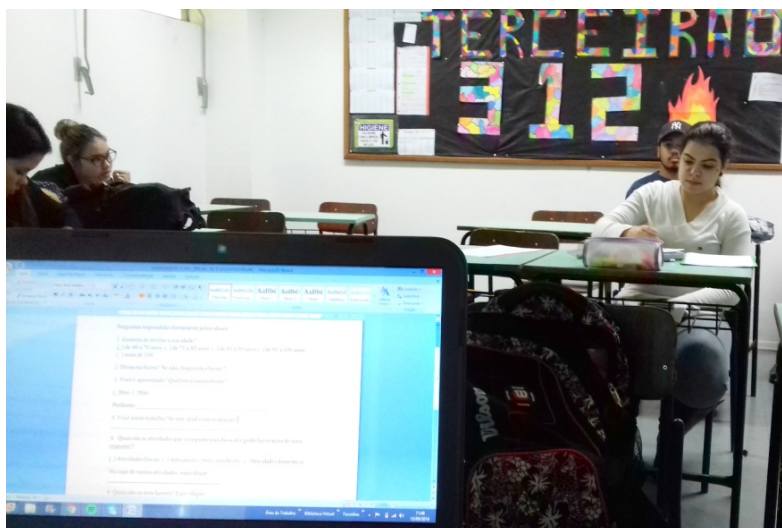


Fonte: Arquivo da autora, 2016.

No segundo encontro, passamos a unir todas as informações e dados discutidos até então e optamos por, além de caminhar pelas ruas e analisar a relação desses espaços com os Idosos, realizar uma entrevista com essa população. A partir dessa escolha, passamos a construir coletivamente um questionário qualitativo em que se levaram em consideração três aspectos principais: a percepção da cidade pelos Idosos no que diz respeito à saúde, ao lazer e à acessibilidade. Desse encontro, surgiu um esqueleto de questionário que foi (re)modelado no terceiro encontro.

Construir uma série de perguntas que poderão conter informações relevantes para nossa pesquisa foi o desafio do nosso terceiro encontro. Tendo em mãos o esqueleto das informações que gostaríamos de coletar que posteriormente geraria um amplo material a ser analisado, cada pergunta que compôs o questionário foi cautelosamente pensada. Os alunos se preocuparam em não constranger, evitar perguntas longas, no tempo médio de resposta para cada pergunta, no tempo total de entrevista e, principalmente, conter questionamentos que vão de encontro ao que está contido no Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre.

Figura 9 - Construção coletiva do questionário de entrevistas



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

Partindo disso, o planejamento para a saída de campo se deu de forma conjunta entre Professor responsável pela turma, Wagner, Professora responsável pela pesquisa, alunos, coordenação e direção. Todo esse

envolvimento é consequência da responsabilidade de se estar com os alunos fora da infraestrutura escolar, ainda que para uma saída de estudos.

Encontramos dificuldades para realizar a saída de campo que resultou no adiamento de duas datas previstas: uma pela má condição do tempo atmosférico, pois, em Porto Alegre, as condições climáticas sempre precisam ser levadas em consideração e outra pela incompatibilidade da agenda da pesquisa com a agenda escolar.

Ao chegarmos em acordo com uma data, através de reuniões com a coordenação e direção, pedi para que os alunos entregassem aos Pais e/ou responsáveis uma autorização²⁶ para saída de estudo de campo. Estando em acordo e permitindo com que o aluno participasse, essa autorização deveria voltar assinada e entregue no dia da saída. A escola, por sua vez, também emitiu outro pedido de autorização²⁷ que é o padrão da escola.

Para melhor comunicação e interação entre a turma, foi criado, pelos alunos, um grupo no aplicativo *WhatsApp* cuja intencionalidade era a troca de informações sobre a saída de estudos. Mudança dos integrantes de grupos, horários e motivações foram algumas das trocas que ocorreram nesse espaço online de comunicação.

Passado esse primeiro momento, o estudo de campo finalmente ocorreu no dia 13 de outubro de 2016, no turno da manhã, entre 08:30 e 12:00. “Nenhum pesquisador da educação trabalha inteiramente sozinho” (CHARLOT, 2007). Como na docência, nos projetos e na pesquisa, a composição da nossa vida é uma composição de encontros. No meio do caminho, há sempre algo que, esperada ou inesperadamente, nos acertam em cheio e é preciso desviar os obstáculos que acabam por se apresentar.

Viver, docenciar, pesquisar são atos que envolvem outros sujeitos e múltiplas relações. É nesse momento que nós, professores pesquisadores da educação, acabamos por contar com a colaboração de uma rede de amigos e colegas para conseguirmos dar continuidade aos nossos projetos. Para que nossa saída de estudos acontecesse, foi subdividida em seis grupos distintos,

²⁶ Anexo.

²⁷ Essa autorização é um documento da escola, sendo emitida apenas para os alunos que participarão de qualquer saída da escola. Explicando os motivos, pede a assinatura dos Pais em caso de concordância.

conforme os alunos organizaram e planejaram, precisei contar com uma rede de apoio.

Nesse caso, minha rede de apoio foram quatro colegas do mestrado e doutorado da área de ensino de Geografia, cada um se responsabilizou por um grupo. Todos eles se dispuseram, no dia e horário marcado, a estarem na escola e a acompanharem a saída. Dois deles disponibilizaram seus veículos particulares para o deslocamento dos grupos entre a escola e o bairro a ser pesquisado.

Figura 10 - Turma 312 reunida e preparada para o estudo de campo



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

Divididos em grupos, os alunos recebem pranchetas e crachás de identificação para o melhor reconhecimento entre os sujeitos entrevistadores e entrevistados. O deslocamento dos grupos aos bairros foi a pé (bairro Rio Branco – mesmo bairro em que se localiza a escola), de carro junto com os Professores responsáveis pelo grupo (bairros Centro, Cidade Baixa e Menino Deus) e de Uber²⁸ (bairros Bom Fim e Santana). Cada grupo de alunos

²⁸Uber é uma empresa multinacional norte-americana, prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano e baseada em tecnologia disruptiva em rede, através de um aplicativo *E-hailing* que oferece um serviço semelhante ao táxi tradicional, conhecido popularmente como serviços de "carona remunerada".

percorreu as ruas dos bairros previamente escolhidos, a pé, com a companhia de um Professor responsável.

Figura 11 - Grupo de alunos com o Professor responsável, em deslocamento entre a escola e o bairro Centro



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

A escolha dos caminhos percorridos pelos respectivos bairros respeitou o interesse e curiosidade dos alunos, sem desconsiderar os objetivos da pesquisa. Se todo lugar, ou, como diz Santos (1996) “todo objeto” contém o mundo, também qualquer lugar presente nas representações individuais ou coletivas pode ser objeto de estudo da Geografia. Assim, uma das maneiras encontradas para a pré-organização do material para análise após a saída de estudo, foi a de se percorrer as ruas coletando materiais anotando informações para, posteriormente, elaborar mapas mentais²⁹. Tais mapas oportunizam identificar que signos estão presentes nas diversas representações individuais.

Se essa proposta é entender o espaço geográfico a partir do lugar e dos sujeitos que compõem uma parcela significativa da população, é fundamental que os alunos “mergulhem” nesse contexto. Depois de diversas discussões em sala de aula sobre as representações e (in)visibilidades dos Idosos para a

²⁹Os mapas mentais podem ser entendidos como uma linguagem referendada no sistema de relações onde estão imbricados valores, sentimentos, atitudes e vivências expressos em imagens que representam o espaço vivido. (KOZEL, 2010).

sociedade, os alunos mostraram-se preparados a focar o olhar para a cidade nessa direção.

Uma vez que são os sentidos que estreitam os vínculos dos sujeitos com o lugar, constituindo-o (GOULART; ANTUNES, 2013), o processo do sentido da audição faz-se necessário ao abrir para o outro sujeito espaço para escutar suas necessidades. Os alunos perceberam que, durante o processo das entrevistas, muitos Idosos se sentiam à vontade para compartilhar histórias de suas vidas em relação à cidade de Porto Alegre e aos bairros que percorriam, comparando-os com as diferentes fases de suas vidas e das necessidades de que acabavam por ser dependentes.

Alguns alunos admitiram que suas entrevistas levaram o dobro do tempo médio calculado, pois alguns entrevistados faziam de suas respostas um diálogo com o outro. Tal fato teve relevância nas discussões pós-estudo de campo, pois a turma conseguiu articular com os artigos e textos analisados no que diz respeito à solidão que os sujeitos nessa faixa etária sentiam.

Os alunos, durante as entrevistas, identificaram elementos desta discussão prévia e ressaltaram que ter tido um amplo estudo no que diz respeito ao sentimento de solidão, de medo e insegurança dos Idosos em relação aos outros sujeitos, foi de extrema importância para poder articular o diálogo e fazer da entrevista uma conversa esclarecedora para alguns pontos do nosso estudo. Sobre isto, comentou o aluno sobre suas percepções em campo:

A Senhora tinha 82 anos e ficou conversando comigo uns vinte minutos mesmo depois da entrevista ter acabado. Senti nela uma necessidade de conversar, de contar sobre a vida dela para alguém. Tive a impressão de que ela era muito sozinha pois falou que os filhos moram longe e pouco os vê. Era bem aquilo que a gente estudou: os filhos crescem e vão ter suas vidas e os Pais Idosos ficam sozinhos ou a mercê de cuidadores ou de asilos (Vinicius, 3º Ano, 2016).

Figura 12 - Idosos entrevistados em campo



Fonte: Alunos Turma 312, 2016.

O sentido que se reveste de importância para Geografia é o da visão, à medida que favorece a observação. Nesse caso, foi a fotografia o recurso destaque escolhido pelos alunos para representar o lugar. À medida que iam percorrendo as ruas dos bairros, entrevistando os Idosos e observando pontos positivos e negativos no percurso no que diz respeito à infraestrutura dos bairros, acessibilidade, saúde e lazer, os alunos iam fotografando.

Conseguir fotografar em campo aspectos que os alunos consideravam relevantes para o nosso estudo fizeram das fotografias um importante elemento de representação para o nosso mapa mental e a nossa cartografia colaborativa. Depois do material organizado, foram as fotografias que reforçaram a importância das análises em campo, dando representatividade ao que descrevíamos em relação a esses espaços.

Figura 13 - Aluno entrevistando e coletando informações sobre os pontos positivos e negativos da cidade no que diz respeito ao lazer para população Idosa



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

Outro recurso utilizado pelos alunos, durante o período de pesquisa e o estudo de campo, foi o audiovisual. Digo durante o período de pesquisa porque, como já citado anteriormente, os alunos, antes mesmo do campo, já estavam com seus olhares atentos para a cidade no vai e vem do seu cotidiano e coletando informações e imagens.

Foi em um desses vai e vem que uma das alunas gravou imagens, através da câmera do celular, da dificuldade de uma Senhora Idosa em se deslocar em umas das principais vias públicas da cidade de Porto Alegre, a Avenida Carlos Gomes. Impossibilitada de acessar o terceiro andar do viaduto pois a escada rolante estava desligada e o elevador não funcionava, a Idosa viu-se na obrigação de atravessar o corredor do ônibus – que nesse local é proibido devido a falta de segurança.

Figura 14 - Idosa depara-se com a escada rolante parada



Figura 15 – Idosa atravessa a rua em local proibido



Fonte: Alunos Turma 312, 2016.

Esse foi mais um dos atravessamentos que a metodologia nos permitiu. Para essa aula, na qual a aluna compartilhou o vídeo conosco, eu havia preparado outro debate que acabou ficando para a aula posterior, já que naquela se fez importante a análise e discussão sobre o material coletado.

A falta de infraestrutura para o acesso da população em geral, não só a Idosa, é algo notável na cidade de Porto Alegre. Esse vídeo de uma cena cotidiana demonstra a total falta de atenção das instituições públicas acerca do livre acesso à cidade. Qualquer pessoa com locomoção limitada não teria condição nenhuma de acesso a esse viaduto uma vez que, mesmo ele possuindo três níveis de acesso, as escadas rolantes e o elevador, que deveriam interligar esses níveis, não funcionam desde a nova administração estadual que, ao cortar as verbas de repasses aos municípios, obrigou-os a cortar gastos.

Se esse viaduto fosse em um bairro rico, como no Moinhos ou no Iguatemi, certamente estaria tudo funcionando. Mas como é em um bairro de classe média e quem precisa pegar ônibus

são os pobres, que se virem como a Senhora ali se virou (Bruno, 3º ano, 2016).

Já, durante o campo, o grupo do bairro Rio Branco acabou realizando a gravação de vídeo, via celular, de umas entrevistas cujo Idoso (figura 16) apontava a importância de pesquisas como a nossa:

Vocês estão fazendo uma bela pesquisa e comecem a plantar e semear uma plantinha para que daqui há, talvez, uns cem anos mudar alguma coisa nesse País. Os educadores estão aí para isso, para mostrar para essa geração o que precisa ser feito e para vocês fazerem mesmo. Só assim as coisas podem melhorar para nós e para vocês. (Sergio, 2016)

Figura 16 - Imagens do vídeo de entrevista realizado com um dos Idosos



Fonte: Alunos Turma 312, 2016.

No movimento de continuidade da proposta de pesquisa encaminharam-se, para a socialização dos dados coletados, entrevistas, fotos e das representações individuais no sentido de possibilitar o compartilhamento e análise dos dados produzidos. Esse momento favoreceu a busca de novas informações que ampliam a compreensão dos espaços representados, nos caminhos percorridos e no início da construção da nossa cartografia colaborativa digital.

5.5 Cartografia colaborativa digital

A proposta de pesquisa consolidou-se na construção de leituras-grafias sobre a população Idosa na cidade de Porto Alegre pelos alunos do terceiro ano do Instituto de educação, com as atividades práticas que permitem constituir os lugares e fazer a sua leitura com o intuito de participarem de uma proposta de uma cartografia colaborativa digital através do projeto *Brasil um país que envelhece?! Saberes e fazeres da geografia na construção da cidadania*, desenvolvido numa parceria entre o curso de Geografia da UFSC.

Os alunos puderam, por meio de sistemas de autoria, construir um arsenal de material em relação aos Idosos na cidade. Esse material final, fruto da investigação dos alunos durante toda a pesquisa, foi organizado e estruturado por bairros para assim ser enviado aos designers gráficos responsáveis pelo conteúdo do site, ligados à UFSC.

A ideia de se colaborar com um mapeamento temático digital foi o propulsor da nossa pesquisa. Tendo em vista que toda a construção de um mapa, seja ele analógico ou digital, resulta de um conhecimento acumulado acerca de determinada área (RAMOS, 2005), fez-se necessário a inserção dos alunos na temática do Idoso sob diferentes prismas.

Após os alunos se contagiarem com a temática, refletirem e se indagarem, eles saíram do lugar. Não apenas “saíram do lugar” físico como saíram dos seus lugares de observação, de ideias prontas e dos discursos comuns em relação ao Idoso. Todo esse deslocamento e movimento aconteceram, pois, ao longo dos encontros, passamos a desenvolver coletivamente outras sensibilidades e olhares. Só assim se pode, posteriormente, estabelecer uma ponte entre o nível da realidade e a percepção da mesma.

Cada um dos materiais coletados no campo, tanto as entrevistas, fotos e vídeos foram agrupados para que, nesta etapa, fossem analisados a partir do olhar geográfico com a intenção de compor a nossa cartografia colaborativa digital. Isto significou um aprofundamento da temática do lugar, agora revelado em sua complexidade dentro da nossa temática do Idoso.

A riqueza da proposta está em permitir analisar os diferentes olhares para os Idosos e produzir conhecimentos que ampliem a leitura do espaço geográfico focados no interesse dos alunos. Como são espaços que se constituíram em lugares, têm um vínculo com os sujeitos e, portanto, os Idosos foram os mobilizadores de aprendizagem.

O diferencial da cartografia colaborativa digital, além de potencializar novas práticas associativas e novas representações sociais do espaço geográfico, é possibilitar a inserção de registros personalizados das rotas na cidade percorridas pelos alunos. Esses registros podem ser textos, imagens, vídeos, áudios ou qualquer elemento que venha colaborar com a imagética do espaço.

Então, nessa etapa, organizamos o material coletado, separamos os dados para análise e examinamos tudo o que conseguíamos produzir. Eu, enquanto professora responsável, procurando produzir nos alunos a interação dos nossos estudos anteriores com as fotografias, entrevistas e vídeos, buscando destacar os conceitos e fenômenos que explicam as relações produzidas naquele espaço. A escolha da abordagem refletiu no respeito aos interesses dos alunos, expresso nas peculiaridades retratadas das suas observações em campo.

A etapa que seguiu o estudo de campo necessitou de cinco encontros. Neles, encontramos no sentido norteador a ampliação dos conhecimentos com atividades como construção de relatórios, pesquisa sobre a história dos bairros percorridos, análise dos dados, organização das imagens, edições de vídeos e novos mapas mentais que permitiram estabelecer reflexões sobre as diferenças e semelhanças em relação aos Idosos, já construídos no início da proposta.

O primeiro encontro, após o campo, foi dedicado às experiências vividas em campo, às percepções dos alunos em relação aos sujeitos entrevistados pelas ruas percorridas. A dificuldade para a abordagem da população Idosa para a conversa-entrevista foi descrita por praticamente todos os grupos:

Nossa, eles não queriam parar! Diziam que estavam com pressa ou que não podiam falar naquele momento. Não paravam nem para escutar o que era! (Rafaela, 3º ano, 2016).

A pressa cotidiana é algo comum a todos nós. Porém, a turma mostrou-se surpreendida com esse movimento vindo de sujeitos dos quais eles acreditavam que não teriam pressa, afinal:

Mas me diz por que eles têm pressa Sora? O que de tão importante tinham que fazer que não 'podiam' parar por 10 minutos? Trabalho não era, levar filho pro colégio também não...Achei que eles iam parar certo para fazer a entrevista! (Ariadne, 3º ano, 2016).

Em tom que despertou riso na turma, a aluna abordou a contrariedade percebida entre a imagem que se construiu sobre o que poderia vir a ser o comportamento do Idoso ao ser abordado durante o campo e o que de fato aconteceu em alguns momentos. Mais uma das facetas desconstruídas.

Mas não era apenas a pressa que faziam os Idosos não pararem na abordagem dos alunos: o medo e a insegurança, ao percorrerem as ruas da cidade, mostram-se fatores em evidência:

Ah pessoal! É que a cidade está violenta! Se tu parar pra pensar, uma pessoa mais velha pode ser alvo fácil para os assaltantes.. Eu que posso correr porque sou jovem já ando com medo, imagina eles que já tem dificuldades para correr? Durante as abordagens percebi que muitos não paravam, diziam que tinham pressa. Mas alguns desses consegui fazer parar. Primeiro, por um minutinho, na insistência de falar sobre o que era a entrevista. Depois que eles ouviam que a entrevista era da escola e liga à UFRGS, eles paravam sim. E conversavam um monte! E vários deles me disseram que não paravam em abordagens na rua por medo. E com razão! (Vinicius, 3º ano, 2016).

O que se mostrava mais interessante e significativa na fala dos alunos foi perceber o quanto eles foram a campo pensando nas questões desestabilizadoras com as quais trabalhamos ao longo da pesquisa. Identificar

na prática os discursos, os medos, a (in)visibilidade e dificuldades da população da Terceira Idade que abordamos e discutimos em sala de aula.

Durante o campo, os alunos percorreram as principais ruas dos bairros definidos, realizando entrevistas e realizando fotos e vídeos sobre os espaços. Essa rota escolhida pelos alunos, embora houvesse um planejamento prévio, acabou por sofrer influência do contexto espacial e temporal que se apresentou durante a caminhada:

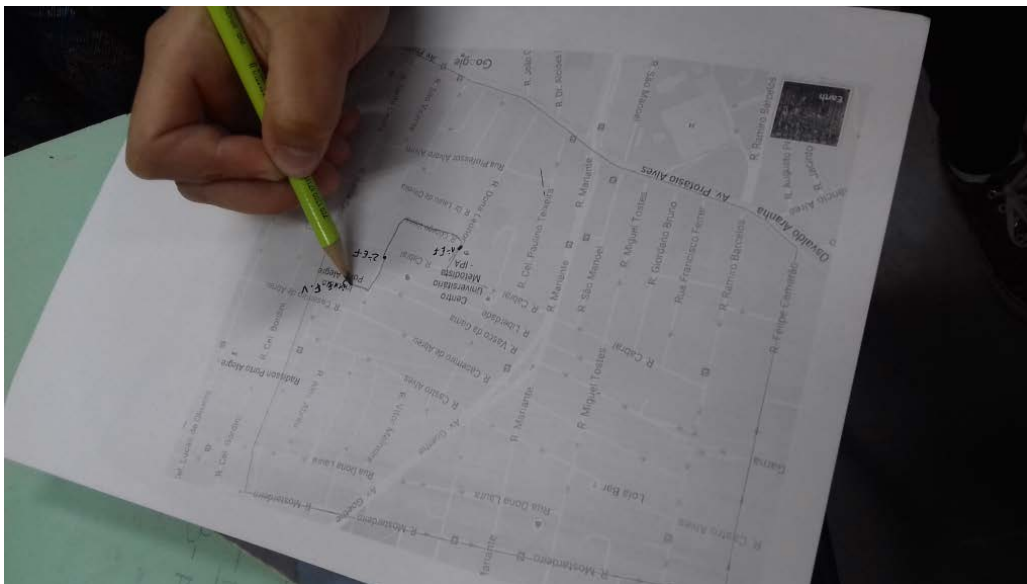
Pensei em andar pela Rua da República, na Cidade Baixa. Quando estava na metade dela, percebi que havia vários idosos circulando perto do Zaffari, na Lima e Silva. Fui pra lá. Achei que ali seria um bom lugar para entrevistar os idosos sem eles acharem que seriam assaltados (André, 3º ano, 2016).

Foi a partir da fala desse aluno que se definiu que o segundo encontro seria para a construção dos mapas mentais dos caminhos percorridos e da catalogação das fotos realizadas pelo trajeto. O combinado foi que todas as fotos deveriam ser enviadas para um e-mail centralizador do material, criado para esse fim ao longo da pesquisa.

Com todas as fotos e vídeos organizados em um pen drive, utilizamos três computadores disponibilizados pela escola para a catalogação do material. Cada grupo se reuniu na divisão das tarefas, uma vez que possuíamos três computadores para seis grupos. Enquanto uns grupos desenhavam o mapa mental do caminho percorrido, utilizando como base o mapeamento do Google maps³⁰, os outros catalogavam o material visual do bairro correspondente ao grupo.

³⁰ *Google Maps* é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra gratuito na web fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google. Atualmente, o serviço disponibiliza mapas e rotas para qualquer ponto nos Estados Unidos, Canadá, na União Europeia, Austrália e Brasil, entre outros.

Figura 17 - Apontamentos do caminho percorrido durante o campo no Bairro Rio Branco e os pontos positivos e negativos percebidos



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

Primeiro foi realizado anotações em uma folha base impressa, pela falta de acesso aos computadores para os grupos simultaneamente. Apesar do restrito acesso aos recursos pedagógicos, há de se considerar que, comparado à realidade das escolas brasileiras, os recursos disponibilizados pela secretaria do Instituto de Educação sempre supriu as necessidades da turma em termos de materiais para pesquisa.

A catalogação do material produzido, durante o campo, serviu para revisitar a memória em termos de apontamentos dos pontos da cidade em que foram percebidos pontos positivos e negativos nos três quesitos escolhidos para serem a linha condutora da pesquisa: acesso, saúde e lazer.

Essa foto eu tirei Sora porque a maioria dos Idosos reclamou das calçadas durante a minha entrevista. Eles falaram que havia calçadas irregulares, raízes de árvores pelo caminho e degraus. Durante o trajeto no bairro percebi isso também e fotografei (foto 11). Engraçado que antes nunca havia percebido como as calçadas são péssimas mesmo (Daiane, 3º ano, 2016).

Figura 18 - Problemas de infraestrutura na cidade constatado pela aluna durante o campo



Fonte: Alunos Turma 312, 2016.

Dificuldade de locomoção devido à má infraestrutura das calçadas, muitos degraus (principalmente no Bairro Rio Branco cujo relevo é diferenciado dos outros bairros), canteiros de flores que atrapalham mobilidade, raízes que tomam conta da calçada, poucas faixas de segurança, tempo curto nas sinaleiras para se atravessar a rua e falta de segurança do Idoso Pedestre foram as denúncias mais frequentes por parte dessa população durante a entrevista realizada com os alunos. Esse conjunto de denúncias foram observadas, também, pelos alunos durante o campo:

Figura 19 - Escadaria em uma calçada do bairro Rio Branco



Fonte: Alunos Turma 312, 2016.

É um horror Sora! A escadaria faz parte da calçada! Se tu quiser andar naquela rua, tem que usar a escadaria. Parei na frente dela e percebi: além de folhas que podem fazer as pessoas escorregarem, não há nenhum corrimão ou algo que posso servir para se segurar. Um cadeirante, uma mãe com um bebê de colo ou um Idoso vão encontrar tanta dificuldade que vão fazer como aquela Senhora do vídeo³¹.

O envelhecimento populacional pode vir acompanhado de um aumento crescente e acelerado de doenças crônico-degenerativas e de eventos incapacitantes, entre os quais as quedas. As quedas são problemas comuns e frequentemente devastadores entre os idosos, estando no ranque entre os mais sérios problemas clínicos que atingem essa população. Segundo Christofolletti (2006), as quedas podem ser entendidas como uma insuficiência súbita do controle postural, uma falta de capacidade para corrigir o

³¹ Vídeo da Senhora Idosa que tenta acessar, sem sucesso, o terceiro nível do viaduto

deslocamento do corpo durante seu movimento no espaço, uma mudança de posição inesperada, não intencional, que faz com que o indivíduo permaneça em um nível inferior, bem como um deslocamento não intencional do corpo para um nível inferior em relação à posição inicial.

O risco de cair aumenta significativamente com o aumento da idade e com o nível de fragilidade do sujeito. Os fatores responsáveis por quedas entre essa população envelhecida podem ser relacionados com a saúde e à fragilidade individual ou com fatores relacionados às dificuldades propiciadas pelo ambiente como pisos escorregadios, escadarias inseguras, ausência de corrimão, obstáculos no caminho, desníveis e buracos nas calçadas, má infraestrutura dos passeios públicos, iluminação precária, degraus dos ônibus muito altos.

A questão da dificuldade do uso de transporte público foi algo que ficou evidente para os alunos durante as entrevistas e ao estudo de campo:

Figura 20 - Dificuldade na utilização do transporte pública pela população Idosa



Fonte: Alunos Turma 312. 2016.

Praticamente todos os Idosos que entrevistei não utilizavam ônibus. E não era porque não gostariam. Era porque não conseguiam mesmo! Uma Senhora de 82 anos que entrevistei disse que utilizou o transporte público a vida toda até que 2 anos atrás teve uma queda ao tentar entrar no ônibus e

quebrou o fêmur. Depois disso, ela começou a ter que usar bengala porque, segunda ela, a perna começou a “falhar”. Isso fez com que ela começasse a ter que usar táxi porque não consegue mais subir no ônibus. Depois comecei a andar de ônibus e notar: realmente é muito alto os degraus para embarcar! E o cobrador e o motorista, em nenhuma das vezes, vi ajudar... Bem pelo contrário! Umás três vezes percebi que o motorista ficava acelerando ônibus para apressar os Idosos e umas outras vezes vi o cobrador gritando ‘subindo e passando’ sem parar de olhar para os Idosos. Eles realmente não entendiam que era preciso esperar! Impressionante o desrespeito! (Vinicius, 3º ano, 2016).

As quedas em idosos têm como consequências, além de possíveis fraturas e do risco de morte, o medo de cair, a restrição de atividades, o declínio na saúde e o aumento do risco de internação hospitalar. Isso porque as quedas e as consequentes lesões resultantes destas constituem um problema de saúde pública e de grande impacto social enfrentado hoje por todos os países em que ocorre expressivo envelhecimento populacional. As fraturas são uma das consequências mais comuns entre idosos após uma queda, principalmente as fraturas de quadril, seguidas pelas de punho (BUKSMAN et al., 2008).

O medo de cair tem consequências negativas no bem-estar físico e funcional dos idosos, no grau de perda de independência, na capacidade de realizar normalmente as atividades da vida diária e na restrição da atividade física, explicando o grau de prevalência do estilo de vida sedentário nos idosos.

[...] Essa Senhora me contou que depois de ter caído, parou de usar ônibus e parou de sair muito de casa porque caminhar dói a perna. A única forma é sair menos de casa e quando sai, usar o táxi. Mas ela disse que muitos taxistas não tem paciência de aguardar ela entrar no carro já que, depois que caiu, tem muita dificuldade com os movimentos do fêmur (Vinicius, 3º Ano, 2016).

Mas aí eu fico pensando: nem todo mundo tem dinheiro para pegar táxi a qualquer momento. Para uns pode ser mais fácil, afinal, moram em bairro centrais. Então, se deslocar de táxi até o médico, o banco ou até o shopping, por exemplo, fica mais fácil... Mas fico pensando naquelas pessoas mais velhas que moram em bairro de periferia ou bairros distantes. Naqueles

que não tem dinheiro pro táxi.. Esses, nem tem como escolher... É utilizar o ônibus ou não sair de casa (Bruno, 3º Ano, 2016).

Figura 21 - Idosa que a partir de uma queda, só pode utilizar Táxi para deslocamento



Fonte: Alunos Turma 312

Um estilo de vida sedentário leva à redução da mobilidade e do equilíbrio, podendo aumentar o risco de quedas, bem como o medo de elas ocorrerem. Nesse contexto, o “medo de cair” se transforma em um ciclo, que inclui o risco de quedas, o déficit de equilíbrio e mobilidade, o medo de cair, o declínio funcional repercutindo em mais medo.

Outro fato de fundamental importância é que, para uma pessoa idosa, a queda pode assumir um significado de decadência e fracasso, gerado pela percepção da perda de capacidade do corpo, potencializando sentimentos de vulnerabilidade, ameaça, humilhação, culpa e medo (LOPES, 2009).

Entrevistei um Senhor que também caiu porque tropeçou na calçada. Ele disse que foi por pouco que não caiu para o lado da rua, podendo ser atropelado. Ele falou que não foi a primeira vez que caiu mas que essa foi a mais assustadora e que ali ele viu que estava velho demais para andar sozinho. A partir disso anda mais devagar ou convida o neto pra ir junto e, quando o neto não que ir junto, ele procura sempre ficar na calçada e distante da rua (Ana, 3º Ano, 2016).

As quedas geram não apenas prejuízo físico (restrição de mobilidade, incapacidade funcional) e psicológico (isolamento social, medo de cair novamente, insegurança), mas também aumento dos custos relativos aos cuidados com a saúde, o que fica demonstrado pela utilização de vários serviços especializados e, principalmente, pelo aumento das hospitalizações. Esses fatores resultam em eventos prejudiciais à saúde e à qualidade de vida do idoso.

Houve o flagra, também, por parte dos alunos, da denúncia que Dona Lourdes havia feito no encontro que tivemos com ela sobre a falta de cuidado para com a pessoa Idosa nos supermercados em geral:

Vocês podem nem perceber, ou nem saber. Mas os supermercados não entregam compras abaixo de um determinado valor. Dependendo do supermercado, é necessário que se gaste mais de R\$150,00 reais ou R\$200,00 reais para que suas compras sejam entregues em casa. Tudo bem para pessoas mais jovens que podem sair tranquilamente com cinco ou seis sacolas na mão e levar as compras pra casa. Agora pensa em nós velhos? Pensa carregar, além da 'carcaça véia', mais tudo isso de sacola para quem mal consegue se equilibrar sozinho? Fora o peso, que prejudica os braços e a coluna. Normalmente uma pessoa Idosa que mora sozinha como é meu caso e o caso de muita gente que conheço, não precisa de tanta comida ao ponto de gastar tudo isso no mercado e ser entregue em casa. Aí vai no mercado e não pode carregar as compras pra casa. E eles não entregam. Só tem uma opção: gastar um dinheiro a mais com o táxi. Na minha opinião, deveria ter uma lei que mudasse isso. Uma lei que permitisse que para a pessoa Idosa seja entregue as compras em casa em um valor menor então (Dona Lourdes, 2016) .

Figura 22 - Idoso carregando suas compras no supermercado utilizando a ciclovia, pois na calçada havia uma escadaria.



Fonte: Alunos Turma 312, 2016.

Figura 23 - Idosa carregando compras com carrinho de supermercado na calçada esburacada



Fonte: Alunos Turma 312

O corpo ou a ‘carça véia’ da qual Dona Lourdes se refere muitas vezes se torna um obstáculo. Embora não ocorra da mesma forma, nem na mesma época, para todas as pessoas, não podemos negar que, à medida que o tempo se impõe, o corpo se deprecia: a agilidade diminui, a plasticidade vai se tornando rude, a coordenação vai se alterando pela falta de preservação do

ritmo e da sequência normal dos movimentos, e isso passa a ser motivo de preocupação para os idosos.

Sora, ela estava empurrando o carrinho cheio de compras em uma calçada toda desregulada! Era fácil, fácil daquele carrinho trancar ou virar... Eu só não sei onde ela estava indo porque não tinha nenhum carro estacionado por perto. Fiquei me perguntando: Será que ela teria que devolver o carrinho ainda? (Lyandra, 3º Ano, 2016).

Percebemos que a problemática não está na presença das rugas, flacidez ou cabelos brancos, pois isso é tratado com certa naturalidade dentro do processo de vida humana. Nesse contexto, a realidade natural e concreta da velhice é incorporada pelos sujeitos. O tensionamento com o envelhecimento dá-se com a ausência da disposição corporal: o corpo envelhecido é medido, além da idade cronológica, por determinadas características físicas e modificações no seu estilo de vida, isto é, as representações sobre seu corpo falam de uma perda gradativa da força, da potência e da independência. Já não é necessário um corpo belo, mas sim um corpo forte e saudável.

Eu corro, corro todos os dias. Faço Yoga duas vezes por semana, cuido da minha horta porque é de lá que sai minha alimentação e limpo a academia em troca de poder fazer musculação de graça. Faço tudo isso porque quero ter domínio do meu corpo por mais tempo. Não quero cair no vitimismo que muitas pessoas velhas entram, de só reclamar de dor. Quero é boas energias ao meu redor! E as boas energias vêm quando a gente põe o corpo pra mexer (Dona Lourdes, 2016).

Para Dona Lourdes, ter uma vida saudável depende tanto de uma alimentação balanceada, como da prática regular de exercícios físicos. A prática de exercícios físicos tem se mostrado muito eficaz na prevenção de doenças, ganho de massa muscular, propiciando ao idoso maior autonomia funcional, diminuição de lesões causadas por quedas, uma vez que aumenta a

força muscular; melhora o equilíbrio, a flexibilidade, a coordenação motora e a propriocepção.

Porém, nem todas as pessoas Idosas praticam – ou conseguem praticar esportes. Há, sim, dentro desse mercado para terceira idade, muitos serviços especializados no atendimento à pessoa Idosa no quesito práticas de atividades físicas. Mas, nem toda essa população tem acesso ou condições financeiras para realizá-lo.

Se eu não fizesse esse acordo com o dono da academia, não teria como fazer musculação. Eu limpo lá duas vezes por semana e pratico três. Mas muitas das pessoas mais velhas que convivem comigo não tem como fazer esse tipo de acordo. E acredito que nem os lugares aceitariam. Elas também não têm dinheiro para pagar uma academia, muito menos um personal ou alguém que vai pensar uma atividade específica para o corpo velho. Elas ficam, então, à mercê das atividades promovidas pela prefeitura através da Secretaria Municipal do Lazer e Esportes ou tendo que utilizar as academias ao ar livre que tem nos parques e praças. Porém, não nos sentimos seguros para utilizar esses espaços (Dona Lourdes, 2016).

Esses espaços que Dona Lourdes refere-se apareceram na cartografia de dois bairros: Menino Deus e Bom Fim. No bairro Menino Deus, há um dos maiores parques de Porto Alegre, o parque Marinha do Brasil. Lá há espaço para diferentes atividades e, embora tenha atividades específicas para a população Idosa promovidas pela prefeitura e permitindo o acesso de todos, essas atividades concentram-se próximas a datas festivas da cidade, como a “Semana do Idoso em Porto Alegre”.

Figura 24 - Parque Marinha do Brasil: um espaço público como alternativa de lazer



Fonte: Alunos Turma 312

Outras atividades como caminhada orientada ou treinamentos corporais ao ar livre para essa faixa etária são, normalmente, promovidas por empresas privadas. Nessa região, por ser um bairro antigo da cidade e ter um grande número de Idosos de classe média, encontram-se muitas clínicas, academias e clubes com serviços especializados.

É estranho Sora.. Porto Alegre se diz a cidade amiga do Idoso mas existem poucos espaços de lazer e para atividades físicas para eles sendo que, como vimos, é super importante praticar alguma coisa nessa idade para fortalecer o corpo! E o pouco que tem ainda está ameaçado a acabar com o novo Prefeito! (Júlia, 3º ano, 2016).

Júlia refere-se ao Plano de Governo do novo Prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan Júnior, que, ainda no momento de pesquisa, havia sido eleito. Para ele uma reforma administrativa e a extinção de várias secretarias era uma ação necessária. O projeto da gestão tucana define a extinção de 16 secretarias, entre elas a Secretaria Municipal dos Direitos Humanos (SMDH), da qual pertencia a Secretaria Adjunta do Idoso e a Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME), secretaria essa responsável por

atividades de esporte e lazer gratuitas para todas as idades no município de Porto Alegre.

A SME, junto com a Secretaria Adjunta do Idoso são as duas Secretarias municipais que melhor tratam sobre a questão da terceira idade. Pela SME, alguns programas de atendimento à saúde e ao lazer são realizados especificamente para a população Idosa. Essa secretaria se faz necessária por garantir uma estrutura de desenvolvimento humano através de políticas públicas e atendimento à população da cidade: piscinas comunitárias, aulas de yoga, grupos de dança, campeonatos esportivos e mais de 30 outras práticas que estimulam a saúde e a recreação são desenvolvidas nas 18 unidades recreativas da cidade, além de praças e parques.

Figura 25 - Idosos, na Câmara Municipal, na luta contra a extinção da SME que é uma alternativa de lazer e esporte gratuito para essa população.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Foi através de um desses programas que me inscrevi nas aulas de Yoga para terceira idade, para fins de pesquisa, e onde tive o prazer de conhecer Dona Lourdes e tantas outras preciosidades que possuem mais de 65 anos. A extinção dessas duas secretarias é a extinção dos poucos direitos conquistados pela população idosa de Porto Alegre, essa cidade que concorre ao título de *Cidade Amiga do Idoso*. Acompanhei e tenho acompanhado, junto com o término da pesquisa, a luta da população Idosa para que essas secretarias permaneçam, principalmente, a SME.

Os alunos perceberam que boa parte da população Idosa não utiliza esses espaços públicos para o lazer por medo e insegurança.

Me surpreendi quando entrevistei um Senhor que morava há três quadras da Redenção e ele disse que tinha muita, mas muita vontade de caminhar por lá mas não ia porque era muito inseguro (Mariana D., 3º ano, 2016).

A insegurança, tema que já havia aparecido em nossas discussões, é o principal motivador para que o Idoso permaneça em casa. Utilizar os espaços públicos, em alguns bairros, significa ser assaltado ou desrespeitado, segundo essa população. Isso se confirmou para os alunos ao analisarem os resultados da pesquisa e fazerem a análise para compor o material que deveria ser enviado para a coordenadoria da pesquisa em Florianópolis, responsável por publicar os dados resultantes da pesquisa no site.

O planejamento de ensino-aprendizagem, elaborado na forma de projeto, tal qual foi este, compreende um tempo médio de trabalho e um tema. A ideia de se colaborar com a cartografia de um site fez com que os alunos se interessassem pela temática do Idoso. As discussões e os diferentes ângulos de se olhar para a população Idosa fizeram com que os alunos imergissem na temática e produzissem diferentes conhecimentos. A riqueza do aprendizado deu-se, exatamente, nos atravessamentos das diferentes discussões que havia um confluente: o Idoso na cidade.

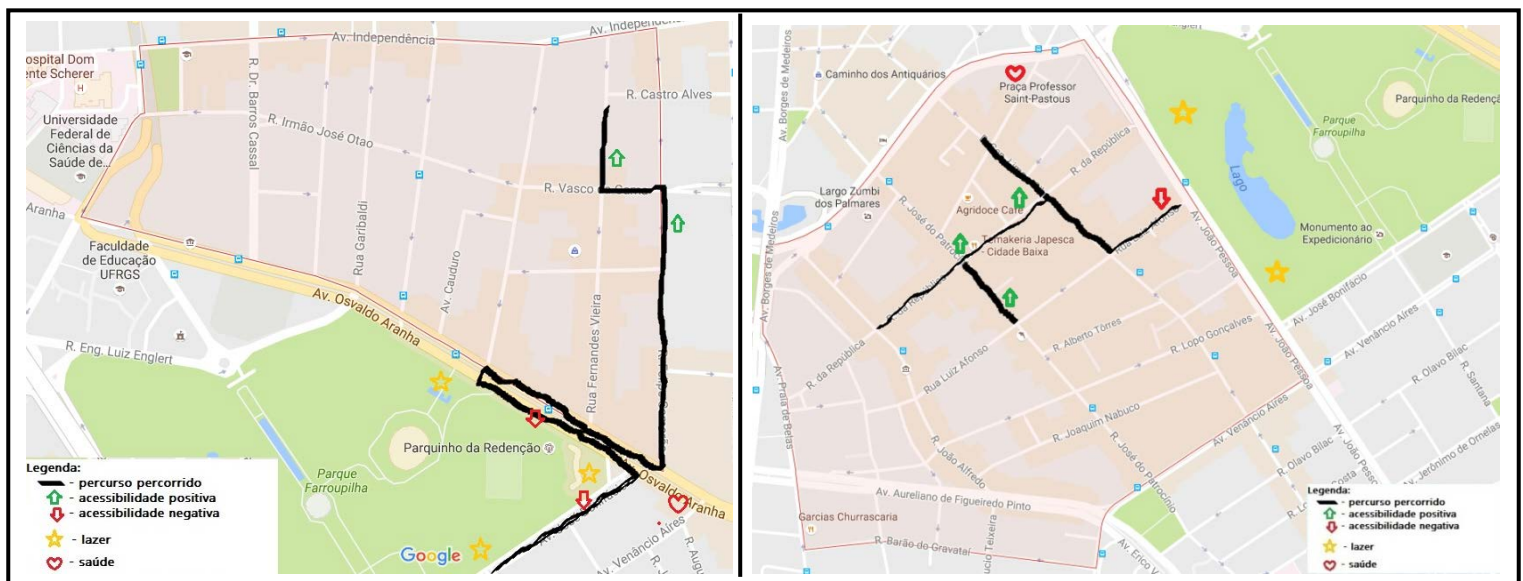
Sabemos que um mapa não é a realidade, mas, sim, a representação de informações ou dos objetos e ou ações que integram o espaço geográfico. Daí a necessidade de abstração, de se pensar o espaço representado cartograficamente. É necessário que o aluno compreenda e se aproprie da leitura cartográfica e desenvolva noções de orientação espacial, proporção e escala, noções de lateralidade, o entendimento das legendas e as relações socioespaciais.

Passini (1994) afirma que a educação para leitura de mapas deve ser entendida como um processo de aquisição pelos alunos, de um conjunto de conhecimento e habilidades para que se consiga efetuar a leitura do espaço, representá-lo e, dessa forma, construir conceitos sobre as relações espaciais.

Esse processo de aprendizagem e leitura de mapas para posteriormente dar continuidade ao mapa mental, realizado anteriormente, durou um encontro.

Já, no quarto encontro, passamos para etapa de elaboração mais precisa dos mapas mentais utilizando ferramentas de edição para criar legendas, caminhos e apontamentos verificados durante a saída de estudos. Nesse encontro, cada grupo utilizou computadores fornecidos pela escola. A internet, como instrumento potencializador, trouxe inúmeras possibilidades através das ferramentas de visualização web (Google Maps) e softwares (Google Earth).

Figura 26 - Mapas mentais construído pelos alunos utilizando como base o Google Earth. Bairros Bom Fim e Cidade Baixa



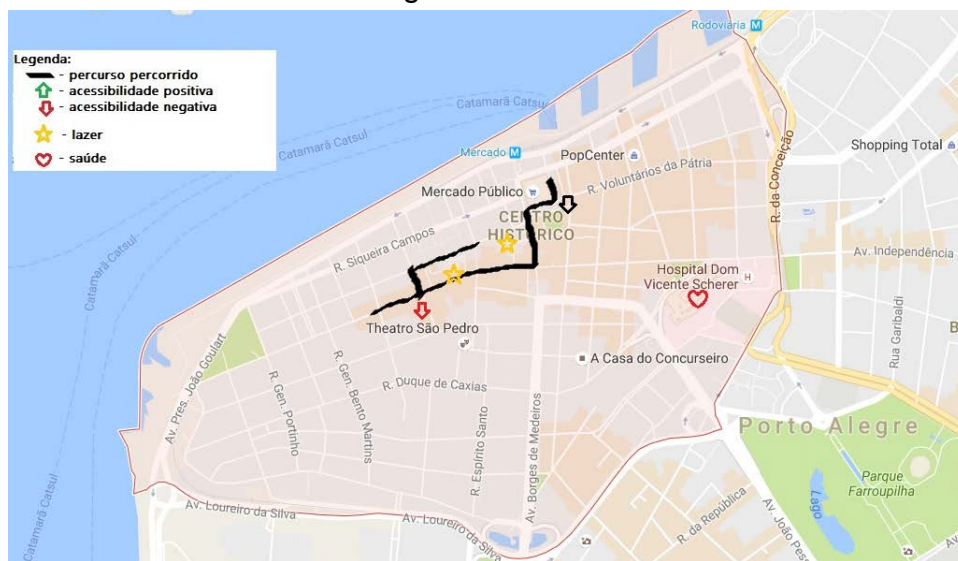
Fonte: Alunos Turma 312

Figura 27 - Mapas mentais construído pelos alunos utilizando como base o Google Earth. Bairros Menino



Fonte: Alunos Turma 312

Figura 28 - Mapas mentais construído pelos alunos utilizando como base o Google Earth. Bairro Centro



Fonte: Alunos Turma 312.

O processo de seleção e a organização dos resultados de pesquisa realizados anteriormente contribuíram para a elaboração dos mapas mentais, com a base cartográfica do Google Earth, onde os alunos puderam apontar os trechos percorridos nos bairros e a sua percepção e captação de imagem. A imagem aqui utilizada foi a fotografia.

Durante o trecho percorrido, os alunos iam verificando que as falas dos Idosos se constituíam de cenas corriqueiras do cotidiano, mas que para eles fazia muita diferença, tal qual a insegurança para andar pelas ruas do bairro, o degrau do ônibus, a má infraestrutura dos passeis públicos. A fotografia, entendida como um instante no tempo-espaço, contém informações e nessa pesquisa ela se tornou um texto-pretexto para as denúncias efetuadas pela população Idosa durante as entrevistas.

O quinto encontro tornou-se uma pesquisa intensa sobre a história dos bairros pesquisados pelos grupos para a posterior organização textual de apresentação do material dos bairros. Durante esse encontro, foi utilizado, mais uma vez, os computadores da escola com acesso à internet para que os alunos pudessem pesquisar sobre os bairros e começar a montar o portfólio³² de cada bairro.

O uso de portfólios na educação constitui uma estratégia que tem procurado corresponder às necessidades de aprofundar o conhecimento sobre a relação ensino-aprendizagem, de modo a assegurar-lhe, a cada vez, melhor compreensão e mais elevados índices de qualidade. Ao realizar-se, vai existir uma estimulação do nível reflexivo e criativo do aluno, já que nele pode conter inúmeras linguagens diferentes.

O portfólio apresenta múltiplos aspectos e dimensões da aprendizagem, enquanto construção de conhecimentos e, desta, enquanto condição de desenvolvimento criativo dos participantes. Assim, com o aprofundamento e a apreciação das perspectivas educacionais, utilizar um portfólio para apresentação dos resultados finais de uma pesquisa faz com que o aluno enxergue um objeto educacional por ele produzido.

³² Portfólio é uma lista de trabalhos de um profissional, empresa ou estudante, no caso de ambientes educacionais. O portfólio é uma coleção de todo o trabalho em andamento na organização, relacionado com o alcance dos objetivos e apresentando os resultados finais.

Ele contribui não apenas para a organização e estruturação do material pesquisado como também facilita a apresentação de possíveis continuidades no trabalho já realizado. Através do uso do portfólio, podem-se tornar reconhecíveis, quer os resultados, quer a importância das relações interpessoais desenvolvidas nos processos de ensino-aprendizagem. Segundo Villas Boas,

o portfólio é um procedimento de avaliação que permite aos alunos participar da formulação dos objetivos de sua aprendizagem e avaliar seu progresso. Eles são, portanto, participantes ativos da avaliação, selecionando as melhores amostras de seu trabalho para incluí-las no portfólio (2005, p. 117).

O sexto encontro foi dedicado à montagem dos portfólios. Para tal, foram utilizadas diferentes ferramentas da web como editor de textos, editor de imagens e formatação dos portfólios. Foi utilizado um portfólio padrão, de uma página, construído coletivamente, com o intuito de apresentar a pesquisa e os alunos. Tendo um portfólio como padrão, cada grupo fez a montagem do seu, que, também, deveria ser em uma página, apresentando os dados analisados dos bairros correspondentes.

Essa etapa criativa fez com que os alunos da turma se integrassem na temática. Aqueles alunos que entendiam melhor sobre edições de imagens foram ajudando os colegas, enquanto os outros produziam os textos sobre os bairros e outros formatando os portfólios. O resultado final é o que segue:



Brasil: um país que envelhece?! Saberes e fazeres da Geografia na construção da cidadania

Porto Alegre

MAPEANDO O TOPO DA PIRÂMIDE - A PESQUISA

Porto Alegre

Por alunos da Turma 312 do Instituto de Educação Flores da Cunha

Porto Alegre tem uma população de 211 mil idosos, segundo o censo mais recente (2010), sendo a capital com maior percentual de idosos no país.

Nos últimos anos, houve um aumento significativo da população idosa, que passou de 11,8% (ano de 2000) para 15% (2010). Chama atenção a existência de uma população cada vez mais longeva: em 2000, 12,8% dos idosos estavam com idade de 80 anos ou mais, enquanto que em 2010 este percentual subiu para 15,9%.

Dados IBGE (2010)

Esse número expressivo mostra a necessidade de atendermos com cuidado e dedicarmos uma atenção especial para essa população.

Com isso, construímos leituras-geografias sobre a população idosa na cidade de Porto Alegre tendo como objetivo entender como essa população utiliza os espaços da cidade, percebe suas infraestruturas e precariedades nos que diz respeito a acessibilidade, lazer e saúde em seis bairros diferentes.

Os percursos percorridos para verificação e entrevistas com os idosos foram em seis dos dez bairros com maior número de população idosa de Porto Alegre: Centro, Cidade Baixa, Menino Deus, Bom Fim, Santana e Rio Branco.

O que norteou nosso olhar para os espaços da cidade e para a escolha das perguntas que constaram nas entrevistas foi o Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre, criado pelo Conselho Municipal do Idoso (COMUI), e que tem como objetivo definir políticas públicas, objetivos, responsabilidades e resultados a serem alcançados para a melhoria da qualidade de vida dos idosos em Porto Alegre, com metas a serem atingidas entre os anos de 2015 à 2018.



Percepção da cidade pelos Idosos

Resultado geral da cidade de Porto Alegre a partir das entrevistas com os Idosos.

PORTO ALEGRE

SAÚDE ○○○

LAZER ○○○

ACESSIBILIDADE ○○○○



OS PESQUISADORES

Os alunos pesquisadores são integrantes da Turma 312, do 3º Ano do Ensino Médio, do Instituto de Educação General Flores da Cunha, o mais antigo estabelecimento de ensino e formação de professores de Porto Alegre.

Acostumados a percorrer os espaços da cidade, seja a pé, de ônibus ou de carro, os alunos passaram a perceber mais a população idosa com que divide esse espaço e trazer discussões, saberes e percepções sobre essa população ao longo dos nossos encontros.

Boa parte dos alunos moram e/ou circulam pelos seis bairros pesquisados o que facilitou o olhar cotidiano para esses espaços e fortaleceu o vínculo com os idosos que por ali circulam. Através desse olhar foi construída uma entrevista qualitativa, formulada pelos alunos, no que diz respeito a percepção dos espaços da cidade pela população idosa. Esse contraponto de olhares enriqueceu nosso aprendizado durante a pesquisa realizada.

Resultados

por bairros

RIO BRANCO

SAÚDE ○○○

LAZER ○○

ACESSIBILIDADE ○○



O bairro Rio Branco foi criticado pela acessibilidade, principalmente no que diz respeito às calçadas. Por ter um relevo irregular, algumas ruas possuem escadas na calçada dificultando, assim, a circulação da população.

Em uma das principais avenidas do bairro, há degraus nas calçadas fazendo com que a população idosa, por dificuldade de subir as escadas, prefira circular pela ciclovia. É um bairro de pouca circulação de pedestres, cujos moradores, em sua maioria de classe média alta, deslocam-se de carro.

SAÚDE

É um bairro que possui muitas clínicas médicas, mas estas atendem particulares ou convênios e existem poucas áreas públicas para o lazer.



LAZER

Como é um bairro bem residencial, não há muitas áreas para o lazer da população e, principalmente, para a população idosa.

A dificuldade de deslocamento devido à acessibilidade comprometida também é um fato desmotivador para que a população busque atividades de lazer no bairro, aumentando o número de idosos que procuram atividades em clubes e associações privadas.



BAIRRO BOM FIM



Lazer

Bem próximo ao bairro, encontra-se o Parque Farroupilha, mais conhecido como Redenção. Reduto de várias tribos, muitas pessoas acima dos 60 anos utilizam o parque para suas atividades de lazer. Desde academia ao ar livre, o espaço oferece várias atividades físicas como corridas orientadas, meditação, yoga e caminhadas.

"Gostaria muito de caminhar pela Redenção, mas é muito perigoso. O ladrão vê um velho sozinho e é uma presa fácil" – comentou uma das entrevistadas.

BOM FIM

SAÚDE ○○○○

LAZER ○○○○

ACESSIBILIDADE ○○○○

O bairro Bom Fim

É um dos bairros mais antigos de Porto Alegre. Hoje é o habitat de estudantes, pessoas idosas, judeus e artistas. Por ser um bairro antigo, boa parte da sua população está estabelecida nesse local há anos.

Um bairro de classe-média alta, por onde circulam toda as classes devido à intensidade do comércio, diversas linhas de ônibus e proximidade a dois grandes hospitais e ao principal campus da universidade federal do Rio Grande do Sul

No comércio há uma mistura de lojas contemporâneas com bares e os tradicionais "mercadinhos" onde tudo se encontra.

Porém, é a falta de segurança o limitador para que a população da terceira idade tenha mais atividades de lazer. Por ser um bairro central e com muita circulação de pessoas, sofre com a violência.

A maior parte da população idosa entrevistada sente medo de circular pelas ruas não pela falta de acessibilidade mas pela insegurança.

Muitos evitam circular sozinhos.



Saúde

Dois dos principais Hospitais Públicos de Porto Alegre (o Hospital Pronto Socorro e o Hospital de Clínicas) ficam bem próximo ao bairro. Por esse fato, a população é bem atendida, apesar da reclamação generalizada sobre o Sistema Público de Saúde (SUS).

90% dos idosos entrevistados nesse Bairro possui assistência médica particular.



Bairro centro

Pelo centro circula muitas pessoas. A maioria não é morador do bairro mas anda pelas ruas do bairro diariamente.

A maior parte dos idosos entrevistados no Centro, não eram moradores. Mas circulam bastante pelo centro.

A maior dificuldade no quesito acessibilidade, é o grande número de pessoas nesse espaço. Isso faz com que muitos desrespeitem o idoso, não esperando sua vez de atravessar a rua e reclamando da sua mobilidade reduzida.

"Uma vez um moço me empurrou com o braço e disse 'Velho só atrapalha'. Só que eu não tinha como andar mais rápido pois tenho problema na perna" – confessou um dos entrevistados.

CENTRO

SAÚDE 00

LAZER 000

ACESSIBILIDADE 000



SAÚDE

Como boa parte dos entrevistados circulavam pelo centro, mas não eram moradores, eles não sabiam opinar sobre a saúde no Bairro. Embora o centro tenha o Complexo Hospitalar Santa Casa, o atendimento é acessível para todos moradores da Capital e das cidades do interior.

Mais uma vez, a respeito do Sistema Único de Saúde (SUS) a opinião foi um tanto negativa no que diz respeito ao atendimento especializado à população idosa.



LAZER

No que diz respeito ao lazer, o centro histórico possui várias opções: desde cinemas, museus e caminhadas guiadas pela Prefeitura.

O mercado público, além de ser um lugar de visitação, também é tradicionalmente procurado pela população idosa que por questão de fidelidade, encontra os mais variados produtos.

Embora tenha várias opções de lazer, os entrevistados dizem que desconhecem atividades específicas para a população idosa.

Um local tradicional de ponto de encontro dos Senhores da terceira idade é a praça da Alfândega, onde costumam se reunir para conversar e jogar xadrez.



Bairro Cidade Baixa

CIDADE BAIXA

SAÚDE ○○○

LAZER ○○○○

ACESSIBILIDADE ○○○○

O bairro Cidade Baixa é conhecido por sua boemia. Por isso, sua população, em maior parte, é composta de jovens - o que corresponde a quase 30% da sua população total. (Fonte: Observa Poa).

No entanto, é um bairro antigo de Porto Alegre e que há algumas décadas não possui esse título de boêmia. Sendo assim, 14% da sua população é de moradores antigos que, nos dias de hoje, possuem acima de 50 anos.

Há também o maior número de bares, restaurantes e danceterias por m². E essa é uma das grandes discussões que envolvem o bairro: por ser boêmio, chama atenção da população jovem (moradora ou não do bairro) que por lá circulam.

Assim, a população idosa se vê a mercê da grande circulação de pessoas, principalmente à noite, do barulho exacerbado e da falta de segurança. Há reclamações, também, sobre algumas festividades que acontecem no bairro, como o tradicional carnaval da Cidade Baixa.

"Quando é Carnaval, é impossível descer do apartamento. É festa a noite inteira. E no outro dia, a quantidade de lixo espalhado faz com que seja impossível andar pela rua. Nem no mercado posso ir. E o mercado cobra muito caro para trazer nossas compras em casa. O que eu faço é estoque. Mas é ruim ficar presa dentro da sua própria casa" – desabafa uma entrevistada de 71 anos moradora do bairro há 38 anos.



Acessibilidade

Durante a pesquisa percebemos que boa parte dos idosos declararam que sua mobilidade pela cidade se dava ou a pé (em percursos curtos pelo bairro) ou de carro: com familiares ou de táxi.

Um dos apartamentos foi a dificuldade de se deslocar de ônibus. Embora todos os bairros pesquisados, por serem centrais, fossem atendidos por uma variedade de linhas de ônibus – que circulam por quase toda Porto Alegre, a população idosa, em geral, apontava a dificuldade de subir no ônibus por terem degraus muito altos.

"Há mais de um ano acrescento aos meus gastos mensais o custo do táxi para meu deslocamento pela cidade porque não tenho mais condições físicas de subir no ônibus" – revela uma entrevistada de 85 anos.



"Meu marido e eu andamos de ônibus. Ainda consigo subir tranquilamente mas quando estou com ele, preciso empurrar pra ele conseguir entrar" – aponta a esposa de um idoso entrevistado, de 74 anos.



Lazer

O bairro cidade baixa fica ao lado do Parque Farroutilha e, assim como os idosos do bairro Bom Fim apontam, um dos motivadores para a não procura de atividades de lazer ao ar livre é a falta de segurança.

"A Redenção é aqui do lado. Mas vai um velho ali pra tu ver: volta sem as calças!" – confessa um Senhor de 78 anos.

"- Não é bem assim! Vocês mais reclamam do que vão lá para ver! Eu vou lá correr no final de semana" – Rebata um amigo, também, entrevistado de 63 anos.

"- É porque tu é jovem". Os dois riem.



Saúde

O atendimento na unidade de saúde que corresponde ao bairro é considerado bom, embora atenda muitas pessoas. É a quantidade de pessoas versus a quantidade de profissionais e infraestrutura que faz com que a qualidade do serviço, em geral, seja visto com deficiência.

Muitos idosos procuram atendimento médico em hospitais centrais, que ficam em bairros próximos. A análise do atendimento especializado à população idosa é considerada deficiente, assim como apontou as entrevistas em boa parte dos bairros analisados.



Bairro Menino Deus

MENINO DEUS

SAÚDE ○○○○

LAZER ○○○○○

ACESSIBILIDADE ○○

"Menino Deus, um corpo azul-dourado
Um porto alegre é bem mais que um seguro
Na rota das nossas viagens no escuro".
Castano Veloso

O bairro Menino Deus é um bairro nobre de Porto Alegre. Antigo reduto boêmio, hoje sua infraestrutura tem melhorado devido ao alto valor agregado aos imóveis dessa região.

Por ser um bairro antigo, abriga muito casebres da década de 30, 40 e 50 que, embora estejam sendo vendidos para dar lugares a prédios, ainda resistem sendo valorizados pelos antigos moradores.

Acessibilidade

A população idosa entrevistada acabou sendo composta totalmente de moradores do bairro. No quesito acessibilidade, mais uma vez a falta de segurança para percorrer as ruas do bairro foi apontada.

Outro fator apontado foi a falta de qualidade das calçadas que eram das ruas menos centrais do bairro. Muitas, com raízes de árvores deformando o piso e com irregularidades, dificultado ou inviabilizando a circulação dessa população.



LAZER

O bairro foi apontado com muitas atividades para o lazer. Ainda que boa parte delas sejam atividades pagas pelos próprios idosos, a quantidade de academias e clubes com atendimento especializado à essa população foi citada.

Próximo ao bairro encontra-se o Parque Marinha, famoso na cidade por suas atividades esportivas para todas as idades. Lá encontram-se atividades ao ar livre como caminhadas guiadas, alongamentos e práticas esportivas oferecidas pela Prefeitura de Porto Alegre.



SAÚDE

No bairro encontra-se um dos Hospitais de referência de Porto Alegre: o Mãe de Deus. Embora atenda apenas convênios e particulares, o hospital é conhecido por seu vasto número de especialistas que dão corpo ao centro clínico.

Boa parte da população moradora deste bairro é considerada de classe média média e alta sendo assim, muitos deles possuem convênio médico.



Esses portfólios foram utilizados para, além de organizar os dados da pesquisa de forma sintetizada e organizada, apresentá-las às pessoas interessadas.

O então Secretário Adjunto do Idoso, André Canal, foi um que, ainda no processo da pesquisa, mostrou-se interessado em ter os dados finais apresentados a ele pelos alunos pesquisadores e essa havia sido uma estratégia pensada pelos alunos para se denunciar as questões verificadas e discutidas com os Idosos em campo. No entanto, com a extinção da Secretaria Municipal dos Direitos Humanos, da qual a Secretaria Adjunta dos Idosos fazia parte, fez com que essa etapa da divulgação da pesquisa não se concretizasse da forma planejada.

Dentre as pessoas interessadas nos resultados da nossa pesquisa também estava a Presidente e a Vice Presidente da Associação de Ex-Alunos do Instituto de Educação. Para a apresentação dos resultados da pesquisa, os alunos preparam um encontro e fizeram dele uma roda de conversa sobre todo o conhecimento adquirido durante a pesquisa. Encantadas, elas os convidaram para serem os entrevistados especiais do Boletim Semestral (encontra-se nos anexos) que , produzem para distribuir entre os alunos e ex-alunos da escola.

Fig.29: Encontro com as representantes da Associação dos Ex-Alunos do IE.



Fonte: Arquivo da Autora, 2016.

No encontro, foram discutidas as percepções que os alunos tiveram no campo, quais maiores denúncias realizadas pela população Idosa, os estudos de envelhecimento da população fornecidos pela Geografia, o panorama geral da população Idosa no mundo, as questões das políticas públicas que envolvem o Idoso, a Reforma da Previdência, o Plano Municipal da Pessoa Idosa e o medo da extinção da Secretaria Adjunta do Idoso que, logo após, veio acontecer.

O portfólio também foi o produto final da pesquisa que enviamos para os responsáveis pelo site, ligados à pesquisa Brasil um País que envelhece?! Saberes e fazeres da Geografia na construção da cidadania, desenvolvido numa parceria entre o curso de Geografia da FAED/UEDESC e a UFSC. Foi através do portfólio que os dados, imagens e vídeos foram agregados ao site e assim definindo a nossa colaboração nessa cartografia digital.

Fig. 30: Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Bom Fim



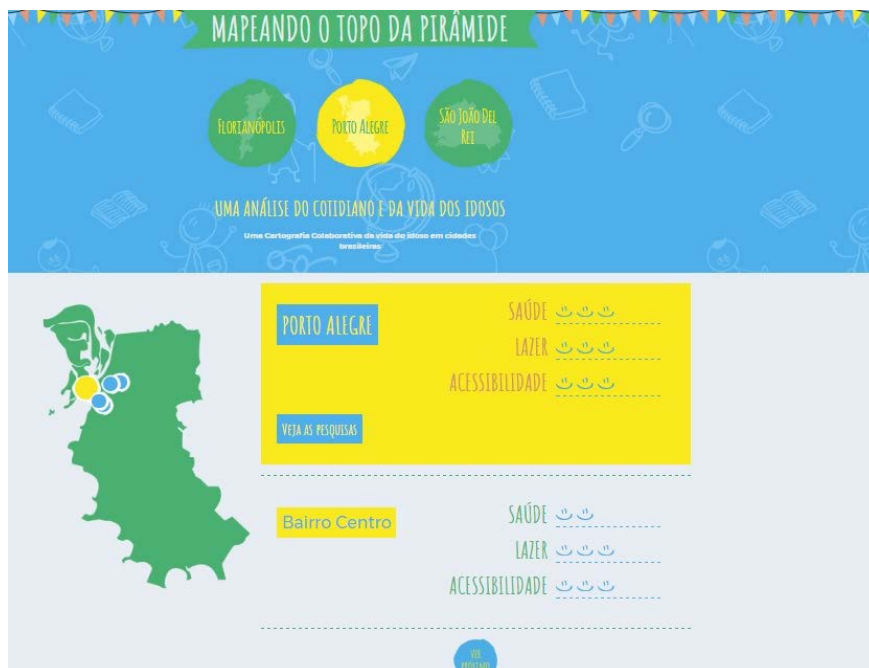
Fonte: Mapeando o topo da pirâmide.

Fig.31: Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Cidade Baixa.



Fonte: Mapeando o topo da pirâmide.

Fig.32: Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Centro.



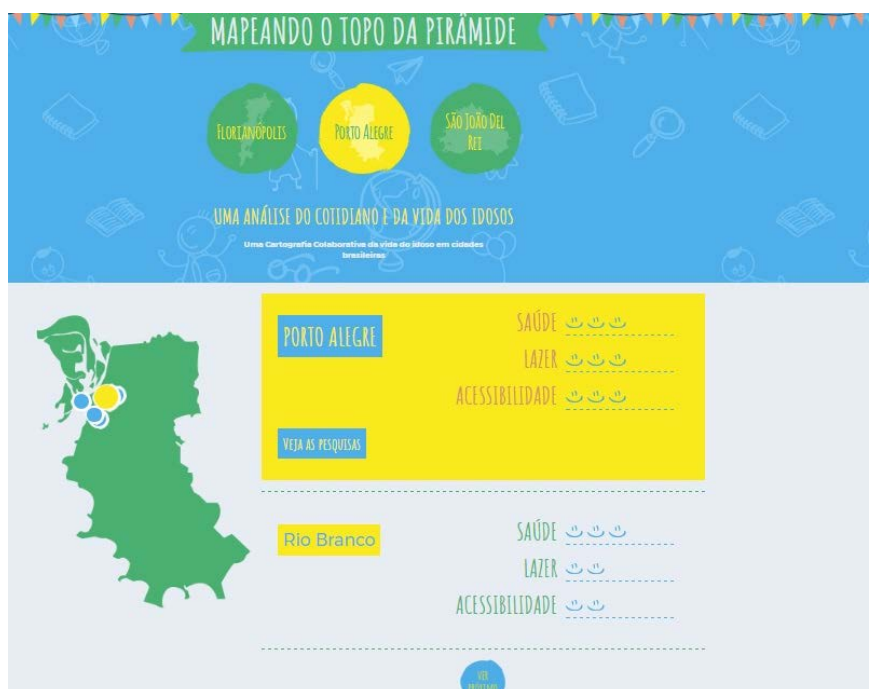
Fonte: Mapeando o topo da pirâmide.

Fig. 33: Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Menino Deus.



Fonte: Mapeando o topo da pirâmide

Fig. 34: Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, bairro Rio Branco.



Fonte: Mapeando o topo da pirâmide

Fig. 35: Dados da pesquisa dos Alunos da Turma 312 inseridos no site, visão panorâmica dos Bairros.

MAPEANDO O TOPO DA PIRÂMIDE
 A PESQUISA EM PORTO ALEGRE
 Uma cartografia colaborativa do velho do bairro em cidades brasileiras.

PORTO ALEGRE

- SAÚDE
- LATIR
- ACESSIBILIDADE

Geral de Porto Alegre Percepção da cidade pelos Idosos

Bairro Rio Branco

Bairro Cidade Baixa

Bairro Centro

Mapa Bairro Cidade Baixa

Mapa Bairro Marinho Daus

Alunos de Porto Alegre

Bairro Marinho Daus

Bairro Bom Fim

Dificuldade na mobilidade dos idosos

Mapa Bairro Bom Fim

Mapa Bairro Centro

Mapa Rio Branco

ENTRE EM CONTATO

Nome:

Telefone:

E-mail:

Mensagem:

APÓDANOS

CNPq

Fonte: Mapeando o topo da pirâmide

6 SOBRE FINITUDES...

Fig.36: Velhice



Fonte: Livro "O avesso das coisas", Carlos Drummond de Andrade.

*"Só o velho saberia contar o que é a velhice, se ele soubesse.
Suportar o peso da idade é a última prova de juventude."
(Drummond, 1987)*

Chegar ao final, tanto da dissertação e da pesquisa, quanto da vida não é uma tarefa fácil. O acúmulo das experiências e das vivências, a transformação do conhecimento em práticas, a criticidade do teu olhar quanto teu próprio caminho percorrido são coisas que atravessam tua mente e corpo. Olhar para trás e querer refazer alguns passos são momentos que podem aparecer embora tu saibas claramente que sempre fez o melhor que poderia ter feito dentro do contexto em que vive.

Assim também é a vida.

Ao se chegar à velhice, essa fase que marca e demarca o corpo como uma espécie de reta final, muitos olham para trás e pensam no que poderia ter sido. Mas não foi. E não foi porque cada um de nós somos um ponto de encontro de múltiplos atravessamentos externos e que vão resultar em escolhas para nossos passos cotidianos. E de passo em passo vamos chegando ao final.

O início da minha escrita teve como ponto de partida as reflexões da minha Avó a beira da janela, mirando o vai vem das pessoas na calçada. O mestrado, que dura aproximadamente duas translações do Planeta Terra, acaba por acompanhar todas as reviravoltas que a vida pode dar durante esse período. E, no meu caso, não foram poucas.

Assim, toda a pesquisa e meus parágrafos rascunhados se deram através da imersão na temática do Idoso sob diversos prismas, afinal, não poderia ser diferente. Aprendi muito: com as leituras, com a universidade, com o pessoal da Secretaria Adjunta do Idoso, com os próprios Idosos, com a cidade, com os discursos e principalmente com os Alunos. A convivência com os jovens - o pessoal da Turma 312 - e com o grupo de Idosos, o pessoal da Yoga, me (re)transformou e essas marcas foram deixadas, para além dessas páginas, na minha vida.

O término da minha escrita acaba por ter referência, também, a finitude humana através da mesma pessoa: minha Avó. Escrever à beira de um leito de hospital acompanhando uma Idosa de 98 anos lutar pela vida é um aprendizado que está além dos muros da universidade e fora do que qualquer livro pode nos ensinar. Como canta Belchior (1976)

Eu não estou interessado em nenhuma teoria,
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
A minha alucinação é suportar o dia-a-dia,
E meu delírio é a experiência com coisas reais
Amar e mudar as coisas me interessa mais...

Olhar para ela é olhar para uma história viva se acabando. É perceber que esse mundo, realmente, não está preparado para ela e nem para os milhares que chegam ao final da sua jornada como ela. É lutar em defesa aos Direitos dos Idosos e mais do que isso, é lutar para que eles tenham o mínimo de visibilidade não só pela sociedade, mas principalmente pelas políticas públicas.

Ter o final da escrita marcada, também, pela extinção da Secretaria Adjunta do Idoso e ver o término do Plano Municipal da Pessoa Idosa sem se quer ter iniciado é ver ruir o mínimo de planejamento que a cidade de Porto Alegre estava estruturando para essa população. É perceber, claramente, que existem parcelas da população que já não servem mais.

O término da minha escrita se dá junto com o término de várias políticas públicas, em âmbito federal, estadual e municipal. E não só para o Idoso, mas para pessoas menos favorecidas, classes trabalhadoras e sociais. Minha escrita foi atravessada por diferentes preocupações e momentos de luta em tempos de reformas governamentais.

Discutir com os alunos a Reforma da Previdência está muito além de estar versando sobre a temática do Idoso. É um marco político, um fato histórico uma mudança de paradigma. É discutir em sala de aula tudo o que está por trás disso, os interesses, os jogos políticos a nossa posição na construção da nossa cidadania.

Ter essa temática em sala de aula e poder discutir abertamente com os alunos em tempos de *Escola sem partido* é mais do que uma pesquisa de mestrado, é um ato político. Ver um grupo de jovens se interessando pelas políticas públicas para o Idoso, pelo futuro de uma população em um País sem garantia de direitos futuros e indo pra rua gritar contra a Reforma da Previdência e da Educação porque se atentou sobre isso na sala de aula foi um verdadeiro aprendizado.

Inventariar experiências com um grupo de jovens que se interessou aprofundar estudos na temática sobre a terceira idade é a possibilidade de oferecer inscrições de outras narrativas e reconstruir as práticas que realizamos nos encontros. Transformada em problema, a velhice ganhou visibilidade por conta de uma série de fatores, mas a questão do envelhecimento mundial, contexto estudado em Geografia, talvez tenha sido o maior propagador da necessidade de intervenção nessa faixa etária.

Durante o percurso cartográfico, de forma rizomática, foi-nos possível entrar em contato com essas materialidades da finitude humana e suas formas de expressão inscritas na sua relação com a cidade: de acordo com as grafias dos alunos, para a cidade de Porto Alegre ser, de fato, a *Cidade Amiga do Idoso*, muito falta.

Por meio desta pesquisa evidenciou uma realidade muito distante da apresentada pela Prefeitura de Porto Alegre para concorrer a esse título. Por se tratar de um estudo sobre a interação dos Idosos com os espaços públicos foi importante abordar as políticas públicas e como elas, de fato, garantem uma efetiva relação entre essa população e o acesso à cidade.

Uma cidade que visa essa titulação necessita oportunizar espaços de trocas e permanências, cultura e lazer, acesso e saúde para que o envelhecimento ativo seja possível e viável. Se é sabido que somos uma sociedade que conquistou a longevidade através da revolução médica, é preciso ter uma sociedade estruturada para esse novo contexto.

Dos cinco bairros percorridos pelos alunos todos apresentaram problemas de acessibilidades, apresentando má infraestrutura nos passeios públicos, muitos com risco de quedas, e, segundo a percepção dos Idosos entrevistados, a insegurança é o maior limitador o uso dos espaços públicos da cidade. Calçadas com desníveis, raízes de árvores e degraus oferecem perigo para o vai e vem do Idoso na cidade.

O transporte coletivo público, embora seja responsável pelo transporte de boa parte dessa população, também apresenta obstáculos: o desrespeito por parte dos funcionários, a dificuldade do embarque e desembarque devido aos altos degraus dos ônibus foram pontos destacados durante as entrevistas.

Embora existam espaços para o lazer na cidade, neles faltam programas de atendimento à população Idosa. Com a extinção da Secretaria do Esporte e Lazer, Secretaria dos Direitos Humanos e Secretaria Adjunta do Idoso, o pouco de política pública voltada para essa população marcou, também, seu término. Não ter a possibilidade de realizar atividades físicas nessa fase da vida é um agravante que atinge diretamente a área da saúde. Corpos não fortalecidos são corpos suscetíveis à fragilidade.

A saúde pública, vista pelos Idosos, é insuficiente. Nesse momento da vida em que se necessita de um cuidado especializado, falta médicos geriatras para atendimentos nos postos de primeiro atendimento. Muitos acabam apelando para planos de saúde privados para ter o mínimo de garantia de um atendimento de qualidade nessa fase da vida. O problema consiste na realidade econômica de boa parte da população Idosa brasileira que não possui renda suficiente para arcar com altos custos desses planos.

No momento em que mais se necessita reforçar as políticas públicas para essa população, uma vez que é crescente o número de Idosos na nossa sociedade, menos se olha para eles. É o efeito bola de neve: permitir que essa população continue na invisibilidade das políticas públicas é permitir que se tenha menos espaço para uma população crescente, gerando ais desigualdades.

Por mais que se encontrem definições e conceitos sobre o envelhecimento, há de se respeitar as diferenças sociais, culturais, biológicas ou, simplesmente psicológicas já que sentir-se velho acontece independente de ser caracterizado como tal, pois repetindo-se as palavras de Simone de Beauvoir (1990), o inconsciente não tem idade:

Em mim, é o outro que é idoso, isto é, aquele que sou para os outros e esse outro sou eu [...] A aparência de nosso corpo e de nosso rosto nos informa com mais certeza: que contraste com nossos 20 anos! Só que essa mudança se opera continuamente, e nós mal a percebemos [...]. Em nós é o outro que é velho, que a revelação de nossa idade venha dos outros.

Fig.37: Antes de morrer eu quero...



Fonte: Centro Comunitário Gafanha do Carmo.

REFERÊNCIAS

- ARENT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BALTES, P.; Smith, J. *Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento*. A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento. São Paulo, vol. 17, n. 36, p.175-190, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEAUJEAU-GARNIER, J. *Geografia Urbana*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1980.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BRASIL. Pesquisa Nacional de Saúde. Disponível em: <http://www.pns.icict.fiocruz.br>. Acesso em: 08 ago. 2016.
- BRASIL, BNCC. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 17 mar. 2016.
- BRASIL, IBGE. *Primeiros resultados definitivos do Censo 2010: população do Brasil é de 190.755.799 pessoas*. Sala de Imprensa IBGE. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=18>. Acesso em: 15 jan. 2016.
- BRASIL. *Organização Pan-Americana da Saúde*. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília, 2005.
- CALLAI, Helena C. O ensino da Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003.
- CARVALHO, J. A. M. de; WONG, L.. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro. vol.24 nº. 3. Rio de Janeiro, Março 2008.
- CASTELLS, M. *End of millennium: the information age: economy, society and culture*. Malden (MA): Blackwell, 1998. V. 3
- CASTROGIOVANNI, Antônio. *Ensino de Geografia-práticas e textualizações no cotidiano*. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

_____ et al. (Orgs.). *Ensino da Geografia: caminhos e encantos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CAVALCANTI, Lana S. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (Org.). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *O ensino de Geografia na escola*. Campinas. São Paulo: Papyrus, 2012.

CENEVIVA, W. Estatuto do idoso e Constituição Civil: a terceira idade nas alternativas da lei. *Revista a Terceira Idade*. São Paulo: Sesc-Geti, v.15, n.30, p.7-23, maio 2004.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre. Atmed, 2007

CORREA, Mariele Rodrigues. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

COSTELA, Rosalane Zordan; SHAFFER, Neiva Otero. *A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo*. Erechim: Edelbra, 2012.

CRUZ, S. C.; CARVALHO, A. A. Modelo ITIC: uma possibilidade para a integração curricular das TIC na escolaridade básica. In: I ENCONTRO INTERNACIONAL DE TIC E EDUCAÇÃO. PORTUGAL, 2012. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11260>. Acesso em: 14 dez. 2015.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Ed. USP: FAPESP, 2004.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS).

_____. *Proust e os signos*. 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

Diário Catarinense. 08 de agosto de 2015.

DIAS JUNIOR, C. *O envelhecimento da população brasileira: uma análise de*

conteúdo das páginas da REBEP. Disponível em:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_81.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2016.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *O avesso das coisas*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FEATHERSTONE, Mike. A velhice e o envelhecimento na pós modernidade. In: *A terceira Idade*. Revista eletrônica. ANO X - nº 14 agosto 1998.

FONTAINE, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. (1971). *A ordem do discurso*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2004.

FURLAN, S. *Alfabetização cartográfica por meio de projetos didáticos*.

Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/palavra-de-especialista-bons-projetosdidaticos-ensinar-geografia-sueli-furlan-740212.shtml?page=4>. Acesso em: 2 jul. 2014.

GEHL, Jan. *La humanización Del espaço urbano – La vida social entre lós edificios*. Barcelona: Reverté, 2009.

GOMES, Paulo César da Costa. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. *Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço*. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GOULART, Ligia. B. *Teias que (re)produzem espaços: uma proposta para ampliar a inserção de alunos trabalhadores na sociedade*. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor (Orgs.). *Geografia, práticas pedagógicas para o ensino médio*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

GOULART, Ligia B.; ANTUNES, M. F. Trabalho de campo: linguagem produtora de saberes e articulação de práticas pedagógicas e geográficas. Revista Terra Livre, 2014.

JACOB, M. C. *The cultural meaning of scientific revolution*. New York: Alfred C. Knopf, 1988.

KAERCHER, Nestor André. *Desafios e Utopias no ensino de Geografia*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2010.

LEVET-GAUTRAT. M. Viver depois dos 60 anos. Lisboa: Instituto Piaget. 1995.

LUFT, Celso Pedro. Mini dicionário Luft / Colaboradores Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira; Organização e revisão Lya Luft. São Paulo: Atica, 2000.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MANNONI, M. *O nomeável e o inominável: a última palavra da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Envelhecimento demográfico e o lugar do Idoso no ciclo da vida brasileira. In: TRENCH, Belkis; ROSA, Tereza Etsuko da Costa (Orgs.). *Nós e o outro: envelhecimento, reflexões práticas e pesquisa*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

MOREIRA, M. M. Envelhecimento da população brasileira: aspectos gerais. In: WONG, L. L. R. (Org.). *O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade: subsídios para políticas orientadas ao bem-estar do idoso*. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG e Abep, 2000.

NOGUEIRA, S. L. et al. Distribuição espacial e Crescimento da População Idosa nas Capitais brasileiras de 1980 a 2006. Hum Estudo ecológico. *Revista Brasileira de Estudo Populacional*, São Paulo, v.25, n. 1, junho de 2008.

PACTO PELA SAÚDE (Portaria M.S. 2.528/2006). Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-2528.htm>
Acesso em: 18 dez. 2015.

OBSERVAPOA. População Idosa de Porto Alegre Informação Demográfica e Socioeconômica. Numero 1. Prefeitura de Porto Alegre: abril de 2015.
Disponível em:

http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/informacao_demografica_e_socioeconomica-populacao_idosa02.pdf. Acesso em: 08 ago. 2015.

PARÁISO, Marlucy A. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 283-303, 2004.

PAUL, FONSECA. Ribeiro & Teles Escala de Solidão. In UNIFAI, *Projeto DIA*. Porto: UNIFAI, 2006.

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de História Sobrenatural*. Porto Alegre: Globo, 1976.

_____. *Prosa e Verso (antologia)*. Porto Alegre: Globo, 1978.

_____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

_____. *Mario Quintana*. Organizado por Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RAMOS, Cristhiane da Silva. *Visualização cartográfica e catografia multimídia: conceitos e tecnologias*. São Paulo. Ed. UNESP, 2005.

RIBEIRO, José Carlos. Mapas colaborativos digitais e (novas) representações sociais do território: uma relação possível. In: *Ciberlegenda*, 2011.

Rio Grande do Sul. Conselho Estadual do Idoso: os idosos do Rio Grande do Sul: estudo multidimensional de suas condições de vida: relatório de pesquisa / Conselho Estadual do Idoso. - Porto Alegre: CEI, 1997

SANCHO, Juana Maria; HERNÁNDEZ Fernando. *Tecnologias para transformar a educação*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Tomas T. da.; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. *Linhas de Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STUART-HAMILTON, I. *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SUERTEGARAY, D. M. A. *Pesquisa de campo em Geografia*. *Geographia*, UFF, Niteroi, v. 7, p. 92-99, 2002.

TONETTO, Élida Pasini. *Redes sociais: plataformas para a construção de uma geografia online*. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/49916>. Acesso em: 29 fev. 2016.

TONINI, Ivaine M. Movimentando-se pela Web 2.0 para ensinar Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; KAERCHER, Nestor A.; TONINI, Ivaine M. (Orgs.). *Movimentos no ensinar Geografia*. Porto Alegre: Compasso, 2013.

_____. *Notas sobre imagens para ensinar geografia*. In: Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas, v. 3, n. 6, p. 177-191, jul./dez., 2013.

VERAS, R. Fórum. Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Introdução. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, out. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/sci_arttext&pS0102&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2015.

ZERO HORA. Porto Alegre é a capital com maior percentual de idosos no país. Porto Alegre: Jornal Zero Hora. 24 de junho de 2015. Acesso em: 02 ago. 2016.

_____. Porto Alegre ganha a primeira creche particular para idosos. Porto Alegre: Jornal Zero Hora. 19 de fevereiro de 2016. Acesso em: 02 ago. 2016.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto : BRASIL UM PAÍS QUE ENVELHECE?! SABERES E FAZERES DA GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

*O seu filho (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A colaboração do seu filho ou do (menor) neste estudo será de muita importância para nós, **mas caso o mesmo desista de participar a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo ao seu filho ou a você como responsável.***

Eu, _____, residente e domiciliado na rua _____, _____ nascido (a) em ____ / ____ / _____, responsável pelo menor _____, concordo de livre e espontânea vontade na sua participação do estudo: **BRASIL UM PAÍS QUE ENVELHECE?! SABERES E FAZERES DA GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

O menor e o responsável pelo menor ficam cientes que:

- I) Trata-se de uma pesquisa realizada pelos alunos e conduzida pelo professor sobre as condições de vida do idoso em quatro cidades do Brasil (Florianópolis - SC, João Pessoa - PB, São João Del Rei – MG) onde Porto Alegre - RS é uma delas.
- II) A coordenação geral do Projeto é realizada pela Profa. Dra. Ruth E. Nogueira da Universidade Federal de Santa Catarina, de onde é realizada a base do projeto.
- III) A coordenação regional (Porto Alegre) fica sob responsabilidade da Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini e da Prof. Juliana Cardoso, cujo contato com os alunos será semanal através da disciplina de *Seminário Integrado*.
- IV) Os dados serão coletados pelos alunos do 3º ano (turma 312) do Instituto de Educação Flores da Cunha, de duas maneiras: a) realização de entrevista (com roteiro estabelecido pelo professor coordenador do projeto) com pessoas idosas conhecidas do grupo; b) nas principais ruas do bairro onde o grupo ou aluno mora para observação da rua e obtenção de documentação das condições das calçadas e acessos à prédios públicos.
- V) Os resultados da pesquisa serão disponibilizados na internet em site específico;
- VI) Os dados coletados fazem parte de conteúdo da disciplina de Geografia e por isso serão socializados em aula e construídos como informações a serem postadas no site;

- VII) Será utilizada uma foto de meio corpo (obtida na sala de aula) de cada grupo de alunos pesquisadores, para postar no site e ligar com os dados levantados pelo grupo.
- VIII) Não há obrigatoriedade de o menor participar da pesquisa, porém, sua participação contribuirá para a aprendizagem significativa de geografia.
- IX) O responsável pelo menor não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, assim como o menor, sendo sua autorização à participação do menor voluntária;
- X) Caso o menor prefira não ter sua imagem veiculada no site, usaremos uma avatar no lugar da imagem.
- XI) O site está em construção e assim que ficar pronto será mostrado em aula e depois de construídas as informações coletadas pelos grupos de alunos em comum acordo com a sala de aula ele se tornará público.
- XII) O responsável pelo menor concorda que os dados colhidos pra esta pesquisa, pelo menor sejam divulgados no site.
- XIII) O responsável pelo menor concorda que os dados colhidos pelo menor sejam divulgados em publicações científicas, desde que o nome do menor não seja mencionado;
- XIV) Caso o responsável pelo menor deseje, poderá pessoalmente na escola ou por meio de telefone esclarecer dúvidas: Fones: (51) 8175-3562, com Juliana.

Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Desta forma autorizo a participação do menor na referida pesquisa acima citada.

Nome do Responsável pelo menor:

Assinatura do responsável pelo menor:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARA MAIORES

Projeto : **BRASIL UM PAÍS QUE ENVELHECE?! SABERES E FAZERES DA**

GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas caso o mesmo desista de participar a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, residente e domiciliado na rua _____, _____ nascido (a) em ____ / ____ / _____, concordo de livre e espontânea vontade na sua participação do estudo: **BRASIL UM PAÍS QUE ENVELHECE?! SABERES E FAZERES DA GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

O participante fica cientes que:

- XV)** Trata-se de uma pesquisa realizada pelos alunos e conduzida pelo professor sobre as condições de vida do idoso em quatro cidades do Brasil (Florianópolis - SC, João Pessoa - PB, São João Del Rei – MG) onde Porto Alegre - RS é uma delas.
- XVI)** A coordenação geral do Projeto é realizada pela Profa. Dra. Ruth E. Nogueira da Universidade Federal de Santa Catarina, de onde é realizada a base do projeto.
- XVII)** A coordenação regional (Porto Alegre) fica sob responsabilidade da Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini e da Prof. Juliana Cardoso, cujo contato com os alunos será semanal através da disciplina de *Seminário Integrado*.
- XVIII)** Os dados serão coletados pelos alunos do 3º ano (turma 312) do Instituto de Educação Flores da Cunha, de duas maneiras: a) realização de entrevista (com roteiro estabelecido pelo professor coordenador do projeto) com pessoas idosas conhecidas do grupo; b) nas principais ruas do bairro onde o grupo ou aluno mora para observação da rua e obtenção de documentação das condições das calçadas e acessos à prédios públicos.
- XIX)** Os resultados da pesquisa serão disponibilizados na internet em site específico;
- XX)** Os dados coletados fazem parte de conteúdo da disciplina de Geografia e por isso serão socializados em aula e construídos como informações a serem postadas no site;
- XXI)** Será utilizada uma foto de meio corpo (obtida na sala de aula) de cada grupo de alunos pesquisadores, para postar no site e ligar com os dados levantados pelo grupo.

XXII) Não há obrigatoriedade de participação da pesquisa, porém, sua participação contribuirá para a aprendizagem significativa de geografia.

XXIII) O participante não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária;

XXIV) Caso o participante prefira não ter sua imagem veiculada no site, usaremos uma avatar no lugar da imagem.

XXV) O site está em construção e assim que ficar pronto será mostrado em aula e depois de construídas as informações coletadas pelos grupos de alunos em comum acordo com a sala de aula ele se tornará público.

XXVI) O participante concorda que os dados colhidos pra esta pesquisa sejam divulgados no site.

XXVII) Caso o participante deseje, poderá pessoalmente na escola ou por meio de telefone esclarecer dúvidas: Fones: (51) 8175-3562, com Juliana.

Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Desta forma confirmo a participação na referida pesquisa acima citada.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Responsáveis pelo Projeto:

Profa. Dra. Ruth E. Nogueira- UFSC

Profa. Dra. Rosa Martins – UDESC

Responsáveis pelo Projeto Porto Alegre:

Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini – UFRGS

Profa. Juliana Cardoso - UFRGS

Professor de Geografia da Escola: Wagner Innocencio Cardoso

Contato do Professor: (51)8175-3562

PESQUISA

“Brasil um País que envelhece?! Mapeando o Topo da Pirâmide na cidade de Porto Alegre”

QUESTIONÁRIO

Perguntas respondidas diretamente pelos idosos

- Gostaria de revelar a sua idade? () de 60 a 70 anos () de 71 a 80 anos () de 81 a 90 anos
() de 91 a 100 anos () mais de 100

- Qual sua escolaridade? () analfabeto () 1º grau incompleto () 1º grau completo
() 2º grau incompleto () 2º grau completo () ensino superior () pós graduação

- Moras no bairro? () sim. Se não, qual bairro moras? _____

Costuma frequentar muito o bairro? Porque? _____

- Você é aposentado? () Sim () Não

- Qual era a sua profissão? _____

- Você ainda trabalha? Se sim, qual a sua ocupação? _____

- Quais os motivos que o levaram a se ocupar enquanto aposentado? _____

- Quais são as atividades que você pratica no dia-a-dia? (pode haver mais de uma resposta)? _____

EIXO ACESSIBILIDADE

- Possui limitação física: () sim () não Qual? _____

- Você costuma se deslocar pela cidade? () sim () não

Qual é o meio de deslocamento pela cidade? () a pé () ônibus () automóvel () motocicleta () outros

- Costuma circular a pé pelas ruas do seu bairro?

() sim () não () sozinho () acompanhado. Por quem? _____

- Você considera os espaços públicos (ruas, calçadas, parques) do bairro com uma boa infraestrutura para a circulação de pessoas da terceira idade? () sim () não

- Quando você circula pelas ruas do bairro, quais locais frequenta normalmente?

() bancos () cinema () farmácias () praças públicas () supermercados () restaurantes
() loterias () bares () hospital () postos de saúde () consultórios médicos () igrejas
() padarias () grupos de terceira idade () outros: _____

- Você gostaria de registrar algumas dificuldades de se chegar aos locais citados anteriormente?

- Você considera que os passeios públicos (ruas do bairro) possuem infraestrutura para pessoas com deficiência física e mobilidade reduzida (no caso de alguns idosos)? () sim () não

- Você se sente à vontade ao caminhar pelas ruas do bairro? () sim () não

- Você deixa de caminhar por alguma rua do bairro por problemas de infraestrutura?

() sim () não Quais? _____

- Você já sofreu algum tipo de violência (físico, verbal, emocional) pelas ruas do seu bairro? () sim () não
Se sim, quais? _____

- Você sente dificuldade de leitura das indicações nas placas de informações urbanas (sinalização de trânsito, nome de ruas, indicações de locais)? () sim () não.

Se sim, quais dificuldades? _____

- Na sua avaliação qual o grau de dificuldade de atravessar as ruas do bairro?

() muito difícil () difícil () fácil () muito fácil.

- Você identifica alguns desses problemas para atravessar a rua? (pode marcar mais de um)

() Falta de rampas nas calçadas () Impaciência dos motoristas, não respeitam a sinalização
() o tempo de sinal aberto é insuficiente para conseguir atravessar a rua () Falta sinal para pedestres
() Tenho dificuldades de enxergar o sinal de pedestres () Não há faixa para travessia de pedestres
() Local para travessia com buracos e piso irregulares () Outros: _____

- Você identifica alguns desses problemas para circular pelas ruas do seu bairro? (pode marcar mais de um)

() Falta de calçadas () Calçadas irregulares e com buracos () Calçadas muito inclinadas
() Calçadas estreitas, que me obrigam a andar na rua () Presença de ciclistas nas calçadas
() Presença de obstáculos no meio da calçada (árvores, lixeiras, caçambas de entulho)
() Pisos escorregadios () Aglomeração de pessoas na calçada () Outros: _____

- Você já caiu na rua? () não () sim. Qual o motivo? _____

- Existe algum local do seu bairro que não frequenta por dificuldades de acesso, mas que gostaria de frequentar? () não () sim. Qual? _____

- Seu bairro é bem atendido pelo transporte público? Você o utiliza? _____
 - Quais sugestões o(a) senhor(a) daria para melhorar o acesso/deslocamento dos idosos nas ruas do seu bairro? _____
-

EIXO LAZER

- Quais são os seus lazeres? Especifique _____
- Você acha que a Prefeitura Municipal oferece diferentes atividades de lazer no seu bairro? () sim () não
Se sim, qual? _____
- Você conhece algum circuito de atividades de lazer para a terceira idade na cidade de Porto Alegre? E no seu bairro? () não () sim. Se sim, qual? _____
- Você conhece eventos da Prefeitura de Porto Alegre sobre o envelhecimento, qualidade de vida e cidadania? (Palestras, encontros , circuitos esportivos) Qual? _____

EIXO SAÚDE

- Como você considera sua saúde? Dê uma nota de 0 a 10. _____
- Você utiliza o serviço público de saúde? No seu bairro ou em outro? () não () sim
Se sim, qual? _____
- 0 a 10, qual a nota daria para o atendimento médico em geral? _____
- Você acha que o serviço público de saúde tem o atendimento qualificado para população Idosa? Dê uma nota de 0 a 10. _____
- Quando você procura o serviço médico público, consegue atendimento fácil com o médico especialista?
() não () sim
- Você possui informações sobre o atendimento específico para a população idosa?
() não () sim
- Quais?
() atendimento domiciliar () coleta de exames domiciliar () terapias/acupuntura/homeopatia
() fatores de risco para doenças crônicas () imunização de doenças através de vacinas
() tratamento de drogas () acompanhamento psicológico () prevenção de quedas
() nutrição/alimentação

Espaço para outras anotações:

Tema: Estudo sobre “A Percepção da Cidade pelos Idosos” realizado por alunos do I. E. Gen. Flores da Cunha no 2º semestre de 2016.

Participantes desta entrevista: alunos do 3º ano do Ensino Médio.



Coordenados pela profª Juliana Cardoso, mestranda em Geografia pela UFRGS, alunos da Turma 312 integraram o grupo de entrevistadores que buscou verificar como se dá o uso dos espaços na cidade de Porto Alegre pelos idosos e como percebem, em seu cotidiano, infraestrutura e precariedades em diversas áreas.

Segundo dados do Censo do IBGE, em 2010, Porto Alegre era a capital do país com maior percentual de idosos (60 anos e mais). O que norteou este estudo e a seleção das perguntas aos idosos foi o Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre (criado pelo Conselho Municipal do Idoso de Porto Alegre-COMUI), com metas a serem atingidas entre os anos de 2016 a 2018.

1 – Como foi realizada a seleção dos bairros e das pessoas entrevistadas?

R - Dos 10 bairros com maior população de idosos, foram selecionados os de mais fácil acesso pelos alunos: Centro, Cidade Baixa, Menino Deus, Bom Fim, Santana e Rio Branco. Boa parte dos alunos mora e/ou circula pelos seis bairros, o que facilitou o olhar cotidiano para esses espaços e fortaleceu o vínculo com os idosos que por ali transitam. Quanto às pessoas, foram entrevistadas as que concordavam em participar ao serem abordadas na rua.

2 – Quais os aspectos abordados nas entrevistas?

R - Acessibilidade, Lazer e Saúde.

3 – No que concerne à ACESSIBILIDADE o que mais chamou a atenção?

A falta de infraestrutura (calçadas em mau estado de conservação e a precarização no atendimento ao idoso (fila nos Bancos, degraus altos e não-observância dos lugares prioritários nos ônibus e os tempos curtos em algumas sinalizações ocasionando acidentes).

4 - Com relação ao LAZER, o que foi mais significativo?

Além da falta de oportunidades, destacou-se a violência. O idoso tem medo de frequentar parques e até de andar na rua, pois considera-se uma vítima em potencial. Há eventos, por exemplo, na Redenção, onde não há nenhum policiamento. Também as dificuldades de acesso aos locais de lazer, restringe as

possibilidades. Muitos não podem ir à pé, mesmo sendo perto de casa, e nem andar de ônibus devido aos degraus. Taxi é muito caro. Poucos têm acesso à tecnologia (Uber). Em alguns parques como o Marinha do Brasil há atividades específicas para idosos. Mas, em geral, isso não ocorre. Há algumas Academias instaladas pela Prefeitura Municipal. É uma boa iniciativa. Também foi citada a Praça da Alfândega, onde senhores da 3ª idade costumam se reunir para jogar xadrez. Porém há falta de informação: os que não têm grupo de idosos ou INTERNET não ficam sabendo de eventos e possibilidades de lazer.

5 - O que mais foi citado em relação à SAÚDE?

Muitos idosos têm convênios de saúde. Nos bairros estudados, ou próximo, há hospitais que atendem à população em geral. Reclamam, quando utilizam o SUS (Sistema Único de Saúde), do atendimento especializado à pessoa idosa.

6 - Vocês acham que há preconceito em relação ao idoso?

Há falta de preocupação. Jovens se afastam de idosos. Não querem se preocupar. Mas não é preconceito. Em bairros como o Centro, como é grande o número de pessoas que circulam, há muito desrespeito ao idoso, não esperando sua vez de atravessar a rua e reclamando de sua mobilidade reduzida.

7 - Como os idosos ocupam seu tempo, em geral?

Além dos trabalhos domésticos, salientaram a ida a supermercados, farmácias, médicos, fisioterapeutas e Postos de Saúde. Também frequentam igrejas e restaurantes. A maioria dos que trabalham declaram fazê-lo mais por vontade de se ocupar do que por necessidade.

8 – Outros aspectos que gostariam de destacar.

► Alguns idosos não paravam para serem entrevistados. Tinham medo. Outros não paravam de falar. Não estavam acostumados com jovens interessados por eles. Declaravam não ter em casa com quem conversar.

► O Plano Municipal da Pessoa Idosa de Porto Alegre tem metas pouco ambiciosas. Parece que é só pra dizer que existe um plano. As pessoas estão acostumadas com tão pouco que uma meta propõe uma melhoria insignificante e já acham bom. Enquanto metas não beneficiarem a classe alta, não vai mudar. O Governo vem cortando os gastos públicos.

9 – O que vocês pensam que deveria ser enfatizado nesse Plano do COMUI ?

Programas de Lazer pela Prefeitura (tipo SESC); Melhorias na Acessibilidade (mais rampas nas calçadas e nos prédios públicos e mais tempos em sinalizações); Programas de Prevenção (Saúde para Todos), aumentando os geriatras.

* No Currículo Escolar, este trabalho faz parte dos Seminários Integrados. Citamos também algumas informações do Relatório com os Resultados desse estudo, realizado pela UFRGS para Porto Alegre e pela Universidades Federais de Santa Catarina, Minas Gerais e Paraíba, para as cidades de Florianópolis, São João Del Rei e João Pessoa.